



Dádiva dos deuses

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland nº 90



Livros Abril

Título original: **"Gift of the Gods"**

Copyright: © Cartland Promotions 1981

Tradução: Lygia Junqueira

Copyright para a língua portuguesa: 1984 Abril S.A. Cultural — São Paulo

Esta obra foi integralmente composta e impressa na Divisão Gráfica da Editora Abril S.A.

Quando Penélope metia uma idéia na cabeça, nada a fazia desistir. E estava resolvida a casar com um nobre. Alisa sabia que não conseguiria impedir a irmã. O jeito era ajudá-la em seu plano maluco de arranjar dinheiro a fim de comprar os vestidos de que ambas precisariam para brilhar nos salões. Assim, Alisa partiu para Londres, levando a única riqueza que possuíam: os cremes de beleza que as duas faziam e que Penélope estava certa de que poderiam vender às elegantes da corte. Alisa não sentia a mesma confiança da irmã. Nem desejava um marido rico. Mas, antes que aquele dia terminasse, teria a maior surpresa de sua vida.

NOTA DA AUTORA

As irmãs Gunning, citadas neste romance, realmente existiram. Foram da Irlanda para Londres em 1751 e imediatamente se viram aclamadas como “as mais belas mulheres do mundo”. Mas eram tão pobres que tinham apenas um vestido para sair de casa, que as duas usavam alternadamente.

Em 1752, Elizabeth, a mais moça, casou com o duque de Hamilton. Teve dois filhos, que se tornaram duques. Ficando viúva em 1758, casou com o marquês de Lorne, que se tornou, mais tarde, duque de Argyll.

A irmã mais velha, Maria, casou com o sexto conde de Coventry. Devido à sua beleza, o povo a cercava, em Hyde Park, para admirá-la. Por isso, o rei fez com que tivesse a guarda de catorze soldados, para protegê-la.

Maria teve cinco filhos, mas morreu de tuberculose, depois de ficar doente por ter usado cosméticos que continham alvaiade, uma substância tóxica.

Anos depois, outra mulher fascinou Londres com sua beleza: madame Vestris, a queridinha dos elegantes e dos almofadinhas, célebre por suas aventuras amorosas, tanto quanto por suas qualidades de atriz. Escandalizou a sociedade, apresentando-se no palco vestida de homem e revelando suas pernas famosas.

CAPÍTULO I

1821

Quando *sir* Hadrian Wynton partiu pela alameda malcuidada, que era um contraste total com a carruagem elegante na qual viajava, suas filhas suspiraram de alívio.

Nos últimos dias, tinham tido muito trabalho, preparando a viagem do pai, que ia para a Escócia.

O passatempo de *sir* Hadrian era a geologia. Tinha escrito livros eruditos, mas muito monótonos, sobre as rochas e as pedras da Inglaterra.

Ficou, portanto, muito excitado, quando um velho amigo o convidou para ir para a Escócia, escrevendo-lhe que não somente poderia explorar as montanhas de Perthshire, como fazer uma viagem às ilhas Shetland.

— Sempre desejei fazer pesquisas nos fortes dos *vikings*, para ver que tipo de pedras usavam — disse *sir* Hadrian. — Não me surpreenderia se eles tivessem trazido pedras do outro lado do mar no Norte, que até hoje não foram descobertas.

Penélope, a filha mais moça, não se dava ao trabalho de fingir que o ouvia, quando o pai falava de assuntos que não a interessavam.

Mas Alisa que amava o pai, procurava entender o que dizia, sabendo que, agora que a esposa tinha morrido, ele concentrava todo o interesse naquilo que chamava de seu “trabalho”.

Ofereceu-se mesmo para copiar os manuscritos, com sua letra elegante e limpa, antes que fossem entregues aos editores. Às vezes, o pai lia para ela, em voz alta, um capítulo comprido, quando Penélope estava dormindo ou tentando melhorar seu guarda-roupa escasso e pobre.

Agora, depois de acenarem para o pai, Penélope disse:

— Tenho uma idéia que quero que você ouça. Como Alisa nada respondesse, ela insistiu:

— Está ouvindo?

— Pensava se papai levou roupas quentes suficientes. Tenho certeza

de que no norte faz muito mais frio do que aqui. Ele vai estar fora de casa, com bom ou mau tempo, e é bem capaz de se esquecer de que está ficando velho e mais propenso a resfriados.

– Deixe de se preocupar com papai, como se fosse uma galinha com um único pintinho! Vamos para a saleta. Tenho um assunto muito sério para tratar com você.

Ela agora havia alertado a irmã. Alisa olhou-a, assustada, e acompanhou-a até a saleta mal arrumada, mas confortável, que no tempo da mãe era chamada de sala de estar.

Era ali que as duas irmãs cuidavam de seus interesses particulares. Um vestido quase terminado estava jogado numa cadeira, com uma cesta de costura ao lado. Num cavalete perto da janela via-se uma tela onde Alisa pintava algumas primulas, colocadas num vaso chinês.

Havia também livros, para os quais não existia mais lugar na estante Chippendale, que já estava cheia, embora fosse grande. Muitos estavam num canto, em desordem; outros, colocados em duas ou três mesinhas.

Alisa era a “leitora” e Penélope a “executora”. Tinham gênios muito diferentes, mas uma grande semelhança física entre elas. Apesar disso, havia uma diferença: ambas eram muito bonitas, mas Penélope era, sem dúvida, espetacular.

Impossível acreditar que houvesse uma jovem mais bela. Tinha cabelos dourados, olhos de um azul-celeste, pele perfeita, parecendo mais uma personagem de um poema do que uma criatura real.

Quando alguém conhecia Penélope, achava que não podia existir nada mais belo: mas, quando olhavam para Alisa pela segunda vez, percebiam que era tão bonita quanto a irmã, embora isso não fosse tão óbvio.

Num de seus momentos de perspicácia, o pai as apelidou de “a rosa e a violeta”, comparação, aliás, muito feliz. Mas ele tinha pouco tempo para pensar nas filhas.

Na realidade, apenas dois dias antes de partir para a Escócia foi que disse a Alisa:

– Por falar nisso, querida, escrevi à sua tia Harriet, pedindo-lhe que hospedasse você e sua irmã, durante algum tempo.

– Tia Harriet? Oh, não, papai!

– Que quer dizer com isso? Após uma pausa, Alisa respondeu:

– Será que não podemos ficar aqui? Estaríamos seguras, como você

sabe, tendo o sr. e a sra. Brigstock para cuidar de nós.

— São apenas criados. Embora não houvesse mal em deixar você e sua irmã com eles por uma ou duas noites, é uma coisa muito diferente, quando vou ficar ausente por dois ou três meses.

Alisa não respondeu. Tentava se lembrar de alguém que pudesse ficar com elas, em vez de terem que deixar o campo, que adoravam, e ir para a casa da tia, em Londres.

A irmã mais velha de *sir* Hadrian tinha casado com um oficial do Exército. O general Ledbury teve uma longa carreira, sendo aquilo que o pai de Alisa chamava de “oficial de gabinete”: tendo trabalhado no Ministério da Guerra, nunca tomara parte em serviço ativo.

Quando morreu, deixou a esposa com pouco dinheiro e nenhum filho.

Talvez fosse essa a razão de *lady* Ledbury se dedicar a obras de caridade, conseguindo dinheiro para os missionários, para as crianças aleijadas e para os órfãos.

Sempre que se hospedavam com ela, as sobrinhas eram obrigadas a fazer roupas feias para os nativos de terras distantes (que teriam preferido andar nus) ou a copiar circulares que a associação beneficente em questão achava que ficariam muito caras, se fossem impressas.

A idéia de passarem dois ou três meses fazendo isso era consternadora para as moças. Mas o pai ficou firme, dizendo que teriam que ir para Londres. Não gostando de discutir com ele, Alisa compreendeu que nada podiam fazer, a não ser esperar que ele voltasse para casa o mais depressa possível.

Olhando ao redor, considerou, com tristeza, que a tia não lhe permitiria que perdesse tempo pintando. E, se Penélope quisesse costurar para si mesma, teria que fazer isso às escondidas, quando a tia achasse que ela estava dormindo.

Mas agora Penélope sorria, e havia em seus olhos grandes uma expressão excitada que fez com que Alisa perguntasse, surpresa:

— Que foi que aconteceu?

— Tive uma idéia maravilhosa! E tudo por causa de uma coisa que Eloise me disse ontem.

Eloise Kingston era filha de um senhor rural e tinha sido colega das duas até ir para um colégio elegante, em Londres. Voltara uma semana antes. Penélope foi visitá-la, enquanto Alisa estava ocupada em preparar a viagem

do pai.

— Estou ansiosa para ver Eloise — disse Alisa. — Ela está contente por ter saído do colégio?

— Vai ser apresentada à sociedade, no fim do mês — disse Penélope.

Por um momento, a luz desapareceu de seus olhos e sua voz teve um tom amargo.

Só Alisa sabia o quanto a irmã se aborrecia porque Eloise ia ter oportunidade de freqüentar a corte, ir a bailes e recepções, em Londres, enquanto ela teria que ficar em casa.

— Não é justo! — disse Penélope, como já havia dito inúmeras vezes.

— Por que papai não faz alguma coisa por nós?

— O fato é que ele não está em condições de fazer coisa alguma. Você bem sabe que já é difícil vivermos aqui, como vivemos.

— Então, por que papai não escreve um livro que dê dinheiro, em vez desses volumes maçantes, que ninguém quer ler?

Alisa sorriu.

— Creio que jamais ocorreu a papai que ele deveria ganhar dinheiro. Tenho certeza de que acharia isso incompatível com sua dignidade.

— Não podemos comer a árvore genealógica! E o fato de papai ser o sétimo baronete não faz com que eu possa comprar um vestido novo — argumentou Penélope, zangada.

As coisas não seriam tão más, se Eloise, que era muito amiga das duas, não passasse todo o tempo, quando iam visitá-la, falando das pessoas que tinha conhecido em Londres e das festas programadas para ela, na próxima estação.

No Natal, o pai e a mãe de Eloise planejaram o que fazer para apresentar a filha única à alta sociedade.

Ele era muito conhecido em Hertfordshire, onde possuía uma vasta propriedade. Mas Londres era diferente; as famosas anfitriãs não incluíam Eloise em suas listas de convidados, a não ser que os pais da moça fossem reconhecidos socialmente.

Foram, em parte, bem-sucedidos, pois Eloise contou a Penélope que já havia recebido muitos convites para vários bailes que se realizariam no mês seguinte. O motivo de ter voltado para o campo, depois de ter saído do colégio, era a mãe estar comprando para ela vários vestidos novos.

Quando os descreveu para Alisa, Penélope exclamou: — Nunca vi

coisas mais bonitas. A moda atual é muito diferente de tudo o que nós duas usamos. — Continuou, excitada: — As saias são mais rodadas na barra e muito enfeitadas, com rendas, flores, bordados. Embora a cintura ainda continue alta, as mangas são largas. E os chapéus são também muito bonitos.

Alisa não pôde deixar de pensar que era um erro de Eloise fazer com que Penélope ficasse com inveja de suas roupas novas, mas compreendeu que não devia fazer comentários a esse respeito.

Achava que seria bom, quando a amiga e os pais partissem para Londres.

Agora, achando que teria que ouvir de novo uma descrição dos maravilhosos vestidos de Eloise, Alisa sentou-se no sofá e ficou esperando que a irmã lhe contasse o que tinha em mente.

— Eloise me falou de duas moças, as irmãs Gunning — disse Penélope. — Quando atingiram a idade de freqüentar a sociedade, saíram da Irlanda e foram para Londres. Eram muito bonitas, mas não tinham dinheiro.

Alisa sorriu.

— Conheço a história. Li-a há muitos anos e falei a você sobre isso.

— Provavelmente, eu não estava escutando — confessou Penélope. — A mais moça casou com dois duques, Hamilton e Argyll, e a outra casou com o conde de Coventry.

— E morreu muito moça, porque usava no rosto um creme tóxico, que continha alvaiade.

— Você não precisa fazer isso. Alisa arregalou os olhos e perguntou:

— Por que haveria eu de fazer isso?

— Porque vamos ser as novas irmãs Gunning! Já refleti sobre o assunto e acho que, por mais modesta que você seja, somos tão bonitas quanto elas.

Alisa riu.

— Estou pronta a concordar com você, querida, mas é pouco provável que dois duques caiam pela chaminé, ou um conde entre pela janela!

— Você se esqueceu de que vamos para Londres?

— Para dizer a verdade, essa idéia me deprime — respondeu Alisa. — Os únicos homens que tia Harriet recebe em sua casa, como você bem sabe, são padres e missionários.

— Mesmo assim, ela mora em Londres.

— E de que nos adianta isso?

Penélope ficou em silêncio por um momento e depois disse:

— Tenho absoluta certeza de que, se nós duas tivermos oportunidade de ir a uma das festas para as quais Eloise é convidada, faremos o mesmo sucesso das irmãs Gunning.

Alisa tornou a rir.

— Duvido muito. E iríamos parecer umas mendigas, vestidas como nos vestimos, quando todas as outras moças estarão usando os trajes maravilhosos que você descreveu com tanta eloquência.

— As duas irmãs Gunning só tinham um vestido. Quando uma saía de casa, a outra tinha que ficar na cama. Nós teremos dois, um para você e outro para mim.

Viu que a irmã ficou surpresa e continuou:

— Um dia desses, a sra. Kingston me disse uma coisa que me fez compreender que, ao contrário do que acontecia com as irmãs Gunning, estarmos juntas é importante.

Vendo que a irmã continuava perplexa, explicou:

— Eu estava falando dos vasos sobre a lareira... você sabe, os vasos de Sèvres da sala de visita. Estão lá há muitos anos, mas de repente percebi que havia só um em vez de dois. Perguntei à sra. Kingston o que tinha acontecido com o outro vaso. Ela suspirou e respondeu: “Uma das criadas o quebrou, na semana passada. Fiquei muito aborrecida com aquela desastrada, porque a porcelana de Sèvres é valiosa, e um par tem muito mais valor do que uma peça avulsa”.

— Estou começando a entender o que quer dizer — declarou Alisa. — Mas, mesmo que fôssemos convidadas para um baile, fico imaginando como é que poderíamos ter um vestido de noite, quanto mais dois! — Levantou-se do sofá e continuou: — Oh, meu bem, sei como sente não poder debutar e ter roupas iguais às de Eloise. Mas, como dizem, não adianta nadar contra a maré. Temos que aceitar as coisas como são e procurar fazer o melhor possível.

Pôs o braço em volta dos ombros da irmã e beijou-lhe a face.

Ficou surpresa quando, em vez de corresponder a essa demonstração de carinho, como geralmente acontecia, Penélope se afastou, dizendo, em tom duro e decidido:

— Tenho a firme intenção de nadar contra a maré, como diz você. E, mais ainda, não pretendo cruzar os braços e deixar que o destino, ou antes, a

pobreza, me derrube!

Estava tão bonita, mesmo com seu ar zangado, que Alisa pôde compreender sua frustração.

Sabia que Penélope era parecida com o pai, determinada a ponto de se mostrar obstinada, quando queria fazer alguma coisa, ao passo que Alisa era como a mãe, cordata, suave e pronta a aceitar o inevitável.

— Precisamos de dinheiro para comprar uns vestidos novos — disse Penélope, falando mais para si mesma. De repente, deu um grito: — Já sei o que vamos fazer!

— Para ganhar dinheiro? — perguntou Alisa.

— Lembro-me de uma coisa que a sra. Kingston disse ontem, na hora do chá, quando conversávamos sobre as pessoas que já convidaram Eloise para suas festas. Uma delas é uma tal *lady* Harrison, que a sra. Kingston conheceu no colégio. Disse que, hoje em dia, ela é muito elegante e pertence à alta sociedade porque o marido está sempre em companhia do novo rei. — Penélope fez uma pausa e continuou sua história: — Ela continuou tagarelando, com aquele jeito que você conhece. Depois, disse uma coisa da qual acabo de me lembrar.

— Que coisa? — perguntou Alisa.

— Ela disse: “Claro que *lady* Harrison procura conservar-se jovem usando cremes e loções, dúzias deles! Diz que os compra em Bond Street, da sra. Lulworth. E você sabe que o menor pote de creme dos que ela usa custa pelo menos uma libra?”

Penélope interrompeu-se e olhou para a irmã. Como se achasse que esperava que ela dissesse alguma coisa, Alisa comentou:

— Parece muito dinheiro. Será que esses cremes dão resultado?

— Se não derem, melhor para nós.

— O que quer dizer com isso? Não estou entendendo.

— Oh, querida, que cabeça dura! — ralhou Penélope. — Suponhamos que nós duas vendamos os cremes que mamãe usava e que agora fazemos para nós! Lembre-se de que demos um deles àquela menina feia da família Cosnet, que estava com manchas e espinhas no rosto, e que ela ficou curada em quatro dias?

— Você quer dizer... Está sugerindo... Penélope interrompeu-a:

— Quero dizer que é assim que vamos ganhar dinheiro para comprar vestidos, um para usar de manhã e um para a noite!

– Está louca? Ninguém vai pagar uma libra por um pote de nossos cremes, por bons que sejam. Tudo o que a sra. Cosnet nos deu por nosso trabalho foi um buquê de flores de seu jardim!

– Não estou pensando em vender para a sra. Cosnet, sua boba! Nem para pessoas iguais a ela. Vamos fazer os cremes e vendê-los a senhoras como *lady* Harrison, que pagariam qualquer coisa para ficarem bonitas como quando eram moças.

– É uma idéia absurda! Além do mais, o que papai diria?

– Papai não vai ficar sabendo, pelo menos durante dois meses. Até lá, a estação estará no fim. E você sabe tão bem quanto eu que, como é o ano da Coroação, vamos ter o verão mais excitante, mais elegante do mundo!

Alisa sabia. O regente, que esperara durante tanto tempo para se tornar rei, era agora, aos cinqüenta e oito anos, um velho, e devia ser coroado em julho.

A julgar pelo que diziam os jornais, Londres já estava ficando cheia, com a chegada não apenas de nobres ingleses que vinham do campo para assistir às festividades, como de estrangeiros de todas as partes da Europa.

– Se fizermos um bom número de potes de creme, e vou inventar uns nomes bem atraentes para eles, todo mundo vai querer comprar.

– Está sugerindo irmos a Londres para vender os cremes à sra. Lulworth, como se fôssemos mascates?

– Estou disposta a vender qualquer coisa, para podermos comprar vestidos – declarou Penélope. – E que importa o que a sra. Lulworth possa pensar? Nunca nos viu e, a não ser que arranjemos dinheiro, nunca mais nos verá.

Não havia resposta para isso. À medida que Penélope continuava falando com entusiasmo, Alisa começou a fraquejar.

Não havia dúvida de que os produtos feitos pela mãe delas, usando ervas, flores e plantas do jardim, tinham obtido muito sucesso na localidade.

Pessoas com feridas e erupções de vários tipos vinham pedir ajuda à mãe das duas moças, verificando, muitas vezes, que os chás que ela fazia eram mais eficazes para combater a febre e a tosse do que os remédios receitados por médicos.

As duas filhas sempre a ajudavam no preparo desses medicamentos, mas até agora Alisa nunca tinha pensado que poderiam ser vendidos.

– Se vendermos vinte potes a dez *shillings* cada um, isso nos dará o

suficiente para comprarmos um vestido. E a sra. Lulworth pode revendê-los a uma libra cada.

— Nem mesmo sabemos se ela os compraria — lembrou Alisa.

— Podemos, pelo menos, tentar. Não pretendo ir para Londres com as roupas que uso agora. Recuso-me terminantemente a fazer isso! Nesse caso, ficarei aqui, até papai voltar.

— Que importância tem nossa aparência, em Islington? — perguntou Alisa, baixinho.

Isso era verdade e fez com que Penélope ficasse ainda mais decidida a arranjar dinheiro, fosse como fosse, para brilhar na sociedade, como tinha acontecido com as irmãs Gunning.

— Em todo caso, mesmo que ganhemos um pouco de dinheiro, isso não fará com que nos convidem para os bailes ou recepções de gente importante.

— Também pensei nesse problema — respondeu Penélope. Alisa esperou, apreensiva. A idéia que a irmã já expressara a amedrontava. O que viria agora?

— Lembra-se de que mamãe costumava falar de uma amiga com quem se hospedava algumas vezes, quando moça, e que se chamava Elizabeth Denison? — perguntou Penélope. Não esperou pela resposta da irmã e continuou: — Só há poucos dias descobri que ela é agora a marquesa de Conyngham, cujo nome aparece frequentemente nos jornais.

— A marquesa não deu muita confiança à mamãe, depois que casou.

— Como seria isso possível, já que mamãe se enterrou aqui com papai? E Elizabeth Denison era mais velha do que mamãe e muito rica.

Alisa ficou em silêncio, sabendo que sua mãe era orgulhosa demais para pedir favores, fosse a quem fosse. Se a amiga tinha passado para uma roda social mais elevada, nunca se agarraria a ela “por amor aos velhos tempos”.

— Ontem à noite, estive pensando que o que devemos fazer é escrever para a marquesa, quando chegarmos a Londres, dizendo-lhe que mamãe morreu e que temos para lhe dar uma lembrancinha dela, dos tempos de moça, que a marquesa certamente gostaria de receber.

— Como poderemos fazer isso? — perguntou Alisa, indignada.

— Pois é o que pretendo fazer. Oh, Alisa, deixe de ser enjoada e lembre-se de que o que mamãe mais detestaria seria nos ver enterradas aqui,

não conhecendo ninguém, não indo a parte alguma e desperdiçando nossa beleza!

Falou num tom tão apaixonado, que Alisa nada disse. Sabia que a mãe, que se sentira plenamente feliz morando no campo com o marido que amava, desejaria que as filhas aproveitassem a vida, como aconteceu com ela, quando moça.

Seus pais tinham sido importantes em Hampshire, onde possuíam uma grande propriedade, e sempre iam para Londres na estação.

Quando a filha ficou moça, foi apresentada ao rei e à rainha, tendo participado de quase todas as festas. Mais tarde, a mãe costumava contar às duas detalhes dessa época maravilhosa.

Três meses depois de fazer o seu *début*, ficou noiva de *sir* Hadrian. Casaram no outono e viveram “felizes para sempre”, como Alisa costumava dizer, sorrindo.

Infelizmente, durante a guerra, a fortuna de *sir* Hadrian foi diminuindo cada vez mais. E, quando seu sogro morreu, deixou tudo o que possuía para o filho.

Pouco depois de tomar posse da fortuna, esse filho morreu lutando no exército de Wellington. A propriedade foi não para sua irmã, mas para um primo distante, que tinha o mesmo nome.

Alisa sabia que Penélope dizia a verdade, ao comentar que a mãe teria ficado aborrecida ao ver a vida monótona que elas levavam. *Sir* Hadrian raramente recebia, portanto, quase nunca eram convidados para as festas da vizinhança.

Havia outra razão para isso, bastante óbvia. Na semana anterior, Penélope tinha comentado:

— O mal é que somos bonitas e atraentes demais. Ouvi a sra. Kingston dizer que os Hartman vão dar uma festinha no mês que vem, mas que não seremos convidadas.

— Acho pouco amável da parte deles — observou Alisa.

— Pouco amável? Eles estão apenas tomando precauções para que nenhuma de nós duas pegue qualquer rapaz que se interesse por aquela Alice feiosa e sem graça ou pela Charlotte sardenta!

— Você não devia dizer essas maldades.

— Mas é verdade! Você sabe que é verdade. Qual o rapaz que, podendo dançar com você, ou comigo, iria querer girar pela sala com uma

daquelas duas? São pesadas feito sacos de batatas!

Alisa não pôde deixar de rir.

Embora hesitasse em concordar com a irmã, tinha visto a expressão da sra. Hartman, quando estiveram lá pela última vez, e o coronel Hartman disse que eram muito bonitas e fez com que se sentassem a seu lado, à mesa do almoço.

Um tanto nervosa, Alisa foi agora para a janela. O gramado estava maltratado, mas havia montes de narcisos sob as árvores e as flores das amendoeiras eram brancas e cor-de-rosa contra o céu azul.

— Tudo aqui é lindo! Deveríamos estar felizes.

— Pois bem, eu não estou! — declarou Penélope, em tom firme. — Oh, por favor, ajude-me! Não tenho ninguém a quem recorrer, a não ser você.

Foi um apelo que tocou diretamente o coração mole de Alisa. Não teve coragem de negar.

Dali a dez minutos, concordou com o que achou o plano mais louco e mais ridículo que Penélope jamais tinha sugerido.

— Vamos tentar vender os cremes de mamãe — disse Alisa. — Mas vou levá-los para Londres, sozinha.

— Você jamais os venderia tão bem como eu.

— Sim, se tiverem boa venda. E você me convenceu de que terão. Acho que seria um erro, querida, você ser vista vendendo produtos de beleza em Bond Street, onde, se formos bem-sucedidas, iremos comprar nossas roupas.

Notou que tinha dito a coisa certa, pois a irmã não protestou.

— Como bem sabe, não sou espetacular como você, Penélope. Acho que o mais acertado seria eu levar dois ou três potes para a sra. Lulworth e perguntar se ela os acha fáceis de vender. Se achar que sim, então faremos mais alguns. — Hesitou ligeiramente e continuou: — Talvez possamos conseguir que ela prometa guardar segredo. Além do mais, em vez de nos pagar em dinheiro, poderia nos entregar os vestidos e descontar à medida que vendesse os cremes.

Penélope bateu palmas e abraçou a irmã.

— Querida, você é tão inteligente! Eu sabia que concordaria, uima vez que eu a convencesse de que isso é necessário.

— Claro que é necessário. Só não sei se esse método vai fazer com que tenhamos os vestidos de que precisamos.

— Certo ou errado, não há alternativa. Mesmo que quiséssemos vender um quadro, ou um dos espelhos de parede, não saberíamos como agir.

— Nunca poderíamos fazer isso! — protestou Alisa, horrorizada.

— Seria roubar de papai. Penélope sorriu.

— Sabia que era isso que você ia sentir. Mas, se quer saber a verdade, não creio que papai, se estivesse mergulhado num de seus livros, notaria alguma coisa, mesmo que derrubássemos metade da casa.

Isso era indiscutível, mas Alisa não estava disposta a continuar a argumentar.

— Vamos vender apenas o que é nosso — disse, com firmeza.

— E a primeira coisa é verificarmos se os cremes para o rosto têm boa venda.

Dali a dois dias, Penélope acompanhou a irmã até o cruzamento no centro da aldeia, onde a diligência parava, e viu-a partir para Londres.

As duas tinham estado ocupadas desde a madrugada, pois era preciso que Alisa tivesse tempo de vender os cremes em Londres e voltar na diligência que passaria de novo pela aldeia, às seis da tarde.

— Se você perder a diligência, terá que dormir em casa de tia Harriet — disse Penélope. — E ela acharia estranho você ir a Londres sozinha.

— Terei tempo de sobra. Para ser franca, estou com medo de ficar sozinha em Londres, de modo que, depois de tudo terminado, pretendo ir para a sala de espera do Two-Headed Swan e ficar lá até a diligência chegar.

— É o mais sensato que tem a fazer. Mas ainda acho que eu deveria ir com você.

— Nada disso.

Alisa sabia que, mesmo pobremente vestida, Penélope chamaria a atenção. Embora achasse que nenhuma delas devia ir sozinha para Londres, era impossível pedir à sra. Brigstock que as acompanhasse, porque era muito idosa.

Emily, a empregadinha que vinha para esfregar o chão, era muito rude. Além do mais, certamente contaria na aldeia tudo o que tivesse acontecido em Londres.

“Tenho que ir sozinha”, pensou Alisa. “E, como vou vestida bem simples, ninguém me notará.”

Não apenas nervosa, mas com um pouco de medo, escolheu um

vestido azul-marinho muito simples e uma capa também simples, que pertencera à mãe.

Embora o chapéu fosse barato, tinha sido enfeitado com arte, com umas flores bonitas e coloridas. Mas Alisa tirou as flores, deixando apenas as fitas em volta da copa e as que deviam ser amarradas sob o queixo.

— Você parece uma puritana — comentou Penélope, quando se dirigiam para a encruzilhada.

— Talvez eu devesse levar na mão um dos folhetos de tia Harriet — disse Alisa, com uma risadinha. — Tenho certeza de que, aí, ninguém ligaria para mim.

— Se eu tiver que ficar naquela casa sombria, em Islington, ouvindo tia Harriet falar sobre “os pobres negros africanos”, prefiro me atirar no rio!

— Espero, então, que algum rapaz bonito e corajoso se atire na água, para salvá-la.

— O pior é que eu talvez fosse apanhada pelo anzol de algum pescador idoso. Salve-me, Alisa, venda esses cremes!

As duas tinham tido muito trabalho, preparando os cremes exatamente como a mãe costumava fazer. Um deles continha pepinos frescos, da horta, ervas e vários outros ingredientes, dos quais, felizmente, tinham um bom estoque.

Antes de partir, *sir* Hadrian entregara dez libras a Alisa, dizendo:

— Se vocês tomarem a diligência para Londres, ainda vai sobrar dinheiro para darem gorjeta aos empregados de sua tia e para mais alguma coisa absolutamente necessária. Já dei para os Brigstock o ordenado de dois meses. Não posso dispor de nada mais do que isso.

— Compreendo, papai. — Sabia que, embora fosse para a Escócia na carruagem do amigo, do qual seria hóspede, ele teria várias despesas, quando lá chegasse.

Na diligência, que partia muito cedo, estavam apenas as mulheres de dois fazendeiros, que iam ao mercado da cidade vizinha. Mas Alisa percebeu que tanto as passageiras quanto o cocheiro e o ajudante viraram a cabeça e olharam para Penélope, quando ela se despediu da irmã.

“Ainda bem que ela não vai comigo!”

Assim que a diligência partiu, Alisa acenou e se recostou confortavelmente num canto. Logo começou a conversar com as mulheres.

Estas só queriam falar da próxima coroação do rei e das festividades

que haveria na aldeia, para celebrar a ocasião.

— Pois bem, ele se divertiu bastante — disse uma das mulheres. — Pelo menos, nos deu bastante assunto.

— Não o tipo de assunto que agrada ao povo — comentou a outra. — Dívidas e mulheres são um mau exemplo, é o que sempre digo aos meus filhos. Tratem de ganhar a vida, quando chegar a hora, ou terão que me ouvir!

“É o que teremos que fazer”, pensou Alisa. Mas achou, com tristeza, que a venda de alguns potes de creme não daria dinheiro suficiente para comprar as coisas que Penélope desejava.

Ainda era cedo, quando a diligência chegou a Londres. Alisa começou a andar, de Islington até Bond Street.

Não era sacrifício, porque estava habituada a longas caminhadas. Embora preferisse andar a cavalo, nos últimos anos tinham pouco dinheiro e só podiam ter dois cavalos. Isso significava que ela e Penélope se revezavam, quando iam caçar com o pai ou quando o acompanhavam a qualquer outro lugar.

“Até parece o mesmo que partilhar um vestido!”

Considerou que o fato de as irmãs Gunning terem obtido tanto sucesso era devido a serem muito lindas.

Alisa não sabia se era linda, embora soubesse que era bonita. Mas nenhuma mulher poderia ser mais linda do que Penélope.

Agora, achou que tinha sido omissa, não falando com o pai que Penélope precisava ter oportunidade de conhecer o tipo certo de rapaz.

“Afim de contas, era meu dever fazer isso; sou a mais velha.”

Era, na realidade, dezoito meses mais velha do que Penélope, que tinha acabado de completar dezessete anos.

Sabia que as coisas não seriam tão más, se seu pai não tivesse ido para a Escócia e se Eloise Kingston não provocasse inveja em Penélope, contando-lhe tudo o que pretendia fazer em Londres.

“Que oportunidade podemos ter de encontrar alguém como papai?”

Seu pai havia sido muito, muito bonito, principalmente de uniforme. Ele pertencera ao Corpo de Granadeiros. Com seu paletó vermelho e calça branca, devia ter parecido irresistível para a mãe delas.

“E papai também a amava.”

Era o tipo de casamento que desejava, um casamento de amor. Quanto

a Penélope, sonhava com uma posição social importante, para poder usar uma tiara e belas jóias, em Carlton House e no Royal Pavilion, em Brighton.

“Creio que não sou ambiciosa.”

Suspirou e depois pensou que, embora não dissesse isso a ninguém, nem mesmo à irmã, o amor retribuído devia ser a coisa mais maravilhosa do mundo, em nada comparável com qualquer outra.

Enquanto caminhava pelas ruas de Londres, ficou fascinada com os camelôs que anunciavam suas mercadorias. Havia homens carregando baldes de leite recém-tirado, mulheres com cestas de primulas e narcisos, outras com produtos vindos do campo, como manteiga e ovos frescos.

Como já tinha estado em Londres, Alisa conhecia o caminho para Bond Street. Quando chegou à mais fascinante rua do comércio de modas da capital, não pôde deixar de parar diante das lojas, achando-as extremamente convidativas.

Viu imediatamente, conforme Penélope lhe havia dito, que suas roupas estavam fora de moda. Os chapéus modernos tinham copa alta, com enfeites de penas de avestruz e uma profusão de flores de seda.

Ficou durante muito tempo diante de uma vitrine, tentando descobrir se seria possível reformar suas roupas antiquadas, assim como as da irmã, para que parecessem um pouco mais modernas. Acabou chegando à conclusão de que seria possível, até certo ponto.

Então, um homem parou a seu lado. Ela ficou em pânico, percebendo que ele ia lhe dirigir a palavra.

Antes que o homem abrisse a boca, Alisa se afastou rapidamente, dizendo que a culpa era dela, por ter ficado andando a esmo.

Com o coração batendo acelerado, dirigiu-se para o ponto onde achava que devia ficar a loja da sra. Lulworth.

Era uma loja grande, que vendia muitas coisas, além de roupas. Num balcão perto da porta, algumas freguesas examinavam umas sedas que deviam ser muito caras.

Alisa não quis ficar olhando a vitrine, mas, antes de entrar na loja, notou que, sobre um estojo de veludo, estavam expostos vários potes de cosméticos.

— Deseja alguma coisa, senhora? — perguntou um balconista arrogante.

Por um momento, Alisa achou impossível dizer-lhe a razão de sua

presença ali. Fazendo um esforço, pediu:

– Eu poderia, por favor, falar com a sra. Lulworth?

Teve a impressão de que o homem a olhava de cima para baixo, notando sua aparência modesta, antes de perguntar:

– Pode me dizer a respeito de quê? Alisa levantou um pouco o queixo.

– É um assunto particular e peço-lhe que me leve até ela imediatamente! – respondeu, num tom que achou autoritário e cheio de dignidade.

Na realidade, sua voz era tão musical que, quando o homem a ouviu e notou o rosto bonito sob o chapéu, resolveu levá-la logo até sua patroa.

– Faça o favor de me acompanhar, senhora. – Seguiu na frente de Alisa, até uma parte da loja onde estavam expostos vários vestidos e chapéus.

Diante de uma empregada com cara de boba, estava uma mulher grande, vestida de preto. Queixava-se de alguma coisa, até Alisa chegar. Virou-se com um sorriso obviamente forçado, quando o balconista disse:

– Uma pessoa deseja vê-la, senhora.

A empregada foi embora apressadamente, como que aliviada. O balconista também desapareceu, parecendo ter certeza de que tinha cometido um erro.

– Em que posso servi-la... madame?

Houve uma pausa antes da última palavra, como se a sra. Lulworth achasse que a recém-chegada não merecia ser chamada assim.

Alisa sentiu que a coragem lhe fugia. Não conseguiu falar e achou que seria preferível ir embora, sem tentar vender coisa alguma.

Depois, encheu-se de força, ao pensar na decepção da irmã, caso fizesse isso. Lembrou-se também do que Penélope lhe recomendara que dissesse, sabendo que assim iria impressionar.

Com um leve tremor na voz, explicou:

– Ouvi dizer, sra. Lulworth, que *lady* Harrison compra aqui uns ótimos cosméticos.

– É verdade. E está muito satisfeita com nossos produtos.

– Pois eu lhe trouxe uns cremes muito superiores a tudo que *lady* Harrison usa. Espero que a senhora possa revendê-los.

Houve uma pequena pausa, e a dona da loja perguntou:

– Quer dizer que você faz esses cremes?

— Isso mesmo.

— E são bons?

— Muito bons! Todo mundo, no campo, onde moramos, nos pede ajuda, quando alguém tem um problema de pele. Depois que a pessoa usa nossos cremes, o mal desaparece quase que imediatamente!

A sra. Lulworth tinha um ar cético. Fingindo não notar, Alisa abriu a bolsa de seda e tirou três potes.

— Quer fazer o favor de examinar estes cremes, senhora? O que tem uma fita verde chama-se O Frescor da Primavera.

A sra. Lulworth emitiu um som que tanto podia ser de aprovação como de repulsa.

Alisa mostrou os outros potes. Um deles, chamado Maravilha Dourada, continha essência de primulas. O terceiro, Madrugada Rubra, era feito com as primeiras cenouras que tinham aparecido no jardim.

A mulher experimentou cada um, esfregando um pouquinho na mão esquerda. Era a mão de uma pessoa idosa, de veias salientes e com manchas marrons que Alisa sabia que apareciam com a idade.

De repente, em tom áspero que fez com que a moça se sobressaltasse, a dona da loja perguntou:

— Você usa estes cremes?

— Sim, sempre.

— Jura que é verdade? — insistiu, olhando para a pele perfeita de Alisa, agora um tanto corada, porque estava nervosa.

— Juro! E minha irmã também os usa. Ao dizer isso, Alisa percebeu que era desnecessário envolver Penélope. Mas a sra. Lulworth parecia refletir.

— Quanto espera que eu lhe pague por estes cremes?

Alisa hesitou.

— Ouvi dizer que *lady* Harrison paga mais de... uma libra por um pote de seus cremes, senhora, de modo que achei que, se eu lhe vendesse os meus por dez *shellings* cada..., seria razoável.

A sra. Lulworth deu uma risada irônica.

— Escute aqui, mocinha, acha que posso pagar o aluguel, os empregados e encher as prateleiras de mercadoria, sem me endividar, se tivesse um lucro tão pequeno?

Alisa sentiu um súbito desânimo. Devia ter adivinhado que Penélope havia sido excessivamente otimista, pensando que poderiam vender os

cremes por aquele preço.

Depois, talvez por ela parecer tão triste e ao mesmo tempo tão jovem, ou porque sua pele agora estava ainda mais linda à luz que entrava pela janela, a sra. Lulworth disse:

— Escute o que pretendo fazer. Vou mandá-la procurar uma de minhas melhores freguesas. Acontece que ela há pouco me enviou um recado, pedindo um creme novo para a pele. Eu estava imaginando o que poderia fazer para atender seu pedido.

Nos olhos de Alisa surgiu um brilho de esperança. A dona da loja continuou:

— Vou lhe explicar o que deve fazer, para ir procurar essa freguesa e lhe mostrar seus cremes. Se ela os comprar e gostar, então comprarei vários potes, porque a metade das mulheres de Londres vai querê-los também.

— Oh, obrigada! Tenho certeza de que ela vai gostar. A sra. Lulworth encolheu os ombros.

— Talvez sim, talvez não. É uma mulher imprevisível. Se estiver num de seus maus dias, é mais fácil jogar os cremes no seu rosto, menina, do que comprá-los.

Alisa ficou apreensiva e apertou a bolsa entre os dedos.

— Está disposta a arriscar? — perguntou a sra. Lulworth. — Se não conseguir vender sua mercadoria onde mais precisam dela, então ela não serve para mim.

Seus olhos astutos ainda examinavam a pele perfeita da moça, como se não pudesse acreditar que aquilo fosse verdade, e não um efeito de luz.

— Pois bem, vá andando. Estou interessada em saber a opinião de madame Vestris, de modo que você deve voltar aqui, depois que falar com ela.

— Madame... Vestris? — perguntou Alisa, achando que não tinha ouvido direito.

— Madame Vestris, do King's Theatre. Disse que estão ensaiando lá, hoje de manhã, e seu humor depende do que estiver acontecendo. Você tem que correr o risco.

— Madame Vestris, do King's Theatre! — repetiu Alisa, como se tivesse medo de esquecer.

— O que está esperando? Vá até lá e não se dê ao trabalho de voltar aqui, a não ser que “a prima-dona”, conforme ela se considera, faça uma

compra.

– Obrigada.

Alisa guardou de novo os potes na bolsa de seda, saiu da loja e começou a caminhar por Bond Street.

CAPÍTULO II

A distância entre a loja e o King's Theatre, em Haymarket, não era grande, mas Alisa andava depressa, com receio de se atrasar e não encontrar mais madame Vestris.

Enquanto caminhava, procurou se lembrar do que sabia a respeito de atrizes, o que, na realidade, não era pouco.

Penélope se interessava muito por tudo que dizia respeito ao teatro, simplesmente porque raramente podiam ir ver alguma peça.

Quando a mãe era viva, fazia questão de que o marido levasse as meninas à ópera, achando que era bom para a educação delas. As duas irmãs tinham assistido a várias peças de Shakespeare.

Foi Penélope quem falou a Alisa sobre madame Vestris, que tinha cativado a cidade desde a primeira vez que aparecera em Londres, cinco semanas após a batalha de Waterloo.

Alisa lembrou-se de que a irmã lhe disse que Lucy Vestris, filha de uma artista, na ocasião estava casada com um ator italiano.

Os jornais sempre a descreviam como sendo muito viva e bonita; diziam que (embora isso parecesse impróprio) tinha as mais belas pernas entre todas as artistas do mundo.

Durante anos, todos pensaram que seu sucesso era devido à dança. Mas, no ano anterior, os jornais publicaram uma notícia sensacional: madame Vestris apareceria vestida de homem numa nova opereta chamada *Giovanni em Londres*.

Isso, para uma atriz, era de fato sensacional, e diziam que madame aceitara o papel com relutância.

Alisa e Penélope haviam lido que a atriz tinha tido uma recepção muitíssimo favorável e que o teatro ficava lotado todas as noites, por pessoas que queriam ver suas famosas pernas. Penélope chegara a dizer:

– Acho que ela é muito corajosa.

– Mas, certamente, isso é um pouco... imoral – comentou Alisa, hesitante.

Discutiram o assunto e, por sua vez, Alisa saiu vencedora, quando mostrou à irmã uma notícia criticando a atriz:

“É um papel que nenhuma atriz deveria aceitar, a não ser que perca todo e qualquer escrúpulo feminino, tanto em sua mente como em sua pessoa; escrúpulo pelo qual uma mulher se distingue.”

– Pois bem, recuso-me a acreditar nisso, até vê-la pessoalmente – respondeu Penélope. – E acho que deve ser muito divertido, para uma mulher, vestir-se de homem.

– Francamente, Penélope!

Ao mesmo tempo, Alisa não podia deixar de sentir que devia ser muito excitante ver *Giovanni em Londres*. Mas, quando a irmã sugeriu isso ao pai, ele disse que não era o tipo de divertimento para moças.

“É uma pena Penélope não estar aqui comigo”, pensou, enquanto se dirigia para o teatro.

Depois, considerou que poderia ser perigoso também porque talvez a irmã tivesse uma nova idéia, isto é, que as duas entrassem para o teatro, para ganhar dinheiro!

Teve vontade de rir, por imaginar uma coisa tão ridícula.

Quando chegou ao teatro, ficou aliviada ao ver que a porta dos fundos, por onde entravam os atores, estava aberta. Portanto, o ensaio não tinha acabado.

Mas sempre havia a hipótese de madame Vestris ter saído mais cedo.

Apreensiva, Alisa correu até onde um senhor idoso, de cabelos brancos, estava sentado dentro do que lhe pareceu uma cabine de vidro.

– Por favor, eu gostaria de falar com madame Vestris.

– Isso é pouco provável, senhorita, a não ser que tenha marcado uma entrevista com ela.

– Trouxe uma coisa que ela pediu à sra. Lulworth.

– Da loja de Bond Street?

– Exatamente.

– Então, acho que vai recebê-la.

O homem saiu da cabine e andou apressadamente por um corredor escuro, de chão de pedra, e que fez com que Alisa achasse que os bastidores de um teatro não eram tão atraentes como o auditório.

Acompanhou-o durante algum tempo, até ver várias portas, com nomes pintados. Por trás delas, ouviam-se vozes e risos.

Isso a deixou ainda mais nervosa. O velho parou e disse:

– Espere aqui.

Segurando com força a bolsa que continha os cremes, Alisa rezou para ser bem-sucedida.

Tinha certeza de que, se madame experimentasse um de seus cremes, ficaria encantada. Ninguém jamais tinha deixado de sentir seus poderes curativos. Quando a mãe delas era viva, as pessoas vinham sempre à sua casa, à procura de ervas ou de qualquer outra coisa eficaz que ela lhes desse.

O velho bateu numa porta onde estava escrito, em letras grandes e brancas: Madame Vestris.

Nisso, uma porta do lado oposto se abriu e apareceram três mulheres, evidentemente vestidas para o palco, conversando e rindo. Assim de perto, suas roupas pareciam vulgares e espalhafatosas. Os decotes eram tão baixos que Alisa os achou indecentes.

Afastou-se para um lado, para deixá-las passar, e sentiu um perfume forte demais, que permaneceu no ar, mesmo depois que elas se foram.

Depois, ouviu a voz do velho conversando com alguém. De novo, teve receio de que madame Vestris estivesse em um de seus “maus dias”, conforme a sra. Lulworth tinha dito.

Nos jornais, às vezes havia referências pouco elogiosas a seu temperamento. E Penélope tinha dito, embora esse seu conhecimento fosse um mistério, que todas as boas artistas e as prima-donas faziam cenas, indo de um lado ao outro do palco, só para confundir os outros atores e demonstrar superioridade.

Dali a alguns minutos, que pareceram muito tempo para Alisa, o velho voltou.

– Ela vai recebê-la – disse, laconicamente, indicando a porta que deixara aberta.

Alisa entrou no camarim, desejando não ter vindo, mas ao mesmo tempo decidida a fazer o possível, por causa de Penélope, para madame

comprar seus cremes.

O camarim era exatamente como esperava que fosse, só que maior. Havia mais flores. Mas, no primeiro momento, não pôde olhar para mais nada, a não ser para a figurinha no centro do quarto: uma mulher usando calça!

Alisa não se lembrou de nada do que pretendia dizer, ficando ali parada, encarando madame Véstris, que já estava vestida para fazer seu papel em *Giovanni em Londres*, trajando uma calça muito justa, que revelava as pernas famosas.

Vestia também um casaco vermelho, com bordados cintilantes, que lhe chegava até os joelhos; mas isso não fazia com que sua aparência fosse mais respeitável.

Foi com esforço que Alisa conseguiu olhar para o rosto da atriz, e não para as pernas.

Não havia dúvida de que era muito bonita, com olhos negros e brilhantes, e cabelos pretos e ondulados. Parecia italiana, mas, quando falou, foi com sotaque francês. Alisa se lembrou, então, de que ela tinha vindo de Paris para Londres, no ano anterior.

— Você me trouxe uma encomenda da loja da sra. Lulworth? Com um pouco de atraso, Alisa se lembrou de que, como vendedora ambulante, ela devia fazer uma reverência.

Respondeu, rapidamente:

— Sim, madame. A sra. Lulworth me disse que a senhora está querendo uns cremes novos e eu trouxe alguns que são espetaculares e nunca foram vendidos em Londres.

— É mesmo?

Alisa abriu logo a bolsa e procurou por uma mesinha onde pudesse colocá-la, enquanto tirava os potes de dentro. Mas todas as mesas estavam cheias de flores, e havia também flores no chão.

Só então percebeu que a atriz não estava sozinha. Havia ali um cavalheiro que ela não tinha notado antes, sentado numa poltrona confortável, com as pernas esticadas à sua frente.

Olhou para ele de relance e depois, interessada apenas em vender, tirou da bolsa o primeiro pote de creme.

— Este aqui se chama O Frescor da Primavera. Todos os ingredientes são de nosso jardim, e ele realmente deixa a pele mais macia e remove todas

as manchas.

— Duvido! Quem pode evitar ter pele seca, neste clima horrível?

Com um pouco mais de coragem, Alisa respondeu:

— Posso sugerir, madame, que use O Frescor da Primavera à noite e, uma ou duas vezes por semana, Madrugada Rubra, que contém cenouras e limpa a pele de todas as impurezas.

A atriz abriu os potes e cheirou-os. Depois, como se visse Alisa pela primeira vez, disse: — Fala como se soubesse o que está dizendo, mas você usa esses cremes, ou foi apenas contratada para vendê-los?

Alisa se contraiu, achando que madame tinha sido rude.

— Garanto-lhe que não apenas os uso, como os faço. Foi minha mãe que me ensinou a misturar os ingredientes.

— Não há dúvida de que sua pele é perfeita — concordou a atriz, contra a vontade.

Alisa achou que a outra a olhava com hostilidade. Disse, depressa:

— Daqui a um mês, vou poder fazer um creme maravilhoso com morangos frescos. É muito eficaz contra manchas e erupções.

— Não tenho manchas!

A moça teve a impressão de que ela estava ofendida.

Segurando os dois potes, madame Vestris foi até a penteadeira, onde já havia uma coleção de vidros de cosméticos. Havia ali também um pé-de-coelho, escovas e lápis para as sobrancelhas, assim como numerosos batons.

Alisa olhou para tudo com interesse. Depois ficou observando a atriz, que, sentada à penteadeira, passou um pouco de O Frescor da Primavera numa face e Madrugada Rubra na outra.

— Será que estes cremes são diferentes dos que tenho usado?

— Garanto que são, senhora. Depois de usá-los durante uma noite, já poderá notar a diferença.

— Não estou tão interessada pelos cremes como por sua pele, menina. Ou você é a melhor propaganda que um produto já teve, ou é uma atriz tão boa que devia estar no palco.

— Talvez ela seja as duas coisas — disse uma voz arrastada, atrás delas.

Por um momento, Alisa tinha se esquecido de que havia mais alguém ali, o mesmo parecendo ter acontecido com madame Vestris. A atriz virou-se, rindo, para o cavalheiro sentado na poltrona.

— Peço que me aconselhe, milorde. Acha que devo experimentar uma novidade?

— Você nunca deixou de fazer isso — respondeu o cavalheiro.

— *C'est vrai*. E nunca me arrependi de ter feito alguma coisa ousada.

— Por que se arrependeria, quando fez tanto sucesso em Londres?

Alisa sabia que falavam da ousadia da atriz em se apresentar vestida de homem.

Olhou para a calça da outra e achou que realmente uma mulher precisava ter muita coragem para aparecer no palco de maneira tão escandalosa.

Enquanto passava o creme no rosto, a atriz perguntou:

— Quanto é que aquela charlatona, a sra. Lulworth, quer por isso?

Garanto que é um preço extraordinário!

Alisa respirou fundo, mas, antes que dissesse alguma coisa, madame Vestris continuou:

— Aposto que, se eu usar esses cremes, amanhã Londres inteira seguirá meu exemplo, de modo que eu devia ser paga por isso, em vez de pagar!

Alisa pensou, apavorada, que, se a atriz não pagasse pelos cremes, a sra. Lulworth certamente não os compraria. Nisso, a voz arrastada disse:

— Sugiro que deixe por minha conta. Como bem sabe, Lucy, estou disposto a ser seu banqueiro.

A atriz deu uma risada.

— Seria, sem dúvida, um presente original e muito mais barato do que uma pulseira de brilhantes.

— É o que você quer? — perguntou o cavalheiro. Madame Vestris encolheu os ombros.

— Qual a mulher que tem jóias suficientes? — perguntou, docemente.

— Não me esquecerei — disse o cavalheiro. — Agora, infelizmente, preciso ir embora. Mas hoje à noite virei buscá-la, depois do espetáculo, e prometo que não ficará decepcionada com a festa que vou dar em sua honra.

— Nesse caso, terei que usar seu último presente, milorde.

O cavalheiro foi até a penteadeira, e Alisa notou que era alto e de ombros largos. Estava elegantemente vestido. A moça admirou suas botas de cano alto, muito bem polidas, e o nó complicado da gravata branca.

Sabia muito bem que era difícil alcançar tal grau de perfeição, pois

muitas vezes ajudava o pai com suas gravatas. Ele sempre ficava impaciente, dizendo: “Está bem, está bem”, muito antes de Alisa se mostrar satisfeita.

Olhou para o rosto do homem e achou-o muito bonito e um tanto dominador. Qualquer coisa nos braços firmes, nas sobrelanceiras bem definidas, no queixo quadrado fez com que Alisa pensasse que devia ter um gênio autoritário e talvez até agressivo.

Ao mesmo tempo, fitou-o com curiosidade, achando que talvez fosse o tipo de rapaz que Penélope viria a conhecer em Londres.

Mas era velho demais para sua irmã. Fosse como fosse, não queria que Penélope se visse cortejada por homens do tipo que se apaixonava por atrizes e bailarinas.

Embora as duas levassem uma vida calma no campo, tinham ouvido falar das extravagâncias introduzidas pelo príncipe regente. Na aldeia, falavam também, em voz baixa, do caso entre o príncipe de Gales e a sra. Fitzherbert substituída por *lady* Jérsei, que, por sua vez, foi deixada por causa de *lady* Hertford.

Eram apenas nomes, para Alisa, mas sempre surgiam na conversa de seu pai com os amigos. Além do mais, Eloise e a mãe a sra. Kingston, traziam sempre muitas novidades e mexericos, quando voltavam de Londres.

Alisa ficou sabendo que os rapazes elegantes e os almofadinhas cortejavam atrizes e mulheres das quais nenhuma dama da sociedade tomava conhecimento.

Agora, quando o cavalheiro beijou a mão de madame Vestris, Alisa pensou que precisaria ter muito cuidado para que Penélope não se envolvesse com tal tipo de homem, que flertaria com ela sem querer casar.

— Até a noite — disse ele. Depois, olhando para Alisa, acrescentou: — Venha comigo. Acertarei a conta com você.

La perguntar por que devia acompanhá-lo, quando alguém bateu à porta, dizendo:

— Está na hora de entrar no palco, madame.

A atriz deu um gritinho, apanhou um chapéu de plumas que estava numa cadeira, perto de umas flores, e disse:

— *Au revoir*, milorde. Vou esperar ansiosamente por hoje à noite. Acentuou as duas últimas palavras e lançou ao rapaz um olhar que Alisa achou muito íntimo. Depois saiu, e seus passos puderam ser ouvidos ao longo do corredor que levava ao palco.

Alisa ergueu os olhos e notou que o cavalheiro a fitava com um ar penetrante, que a deixou constrangida.

Com um tom de voz seco e um tanto arrastado, que parecia ser uma peculiaridade dele, disse:

– Como provavelmente você não tem carruagem, vou levá-la para onde quiser ir.

– Não é necessário. Vim a pé e... posso voltar a pé.

– De onde veio?

– De Bond Street.

– Como moro em Berkeley Square, temos que seguir na mesma direção e creio que você vai achar o meu faetonte mais rápido do que seus pés.

Parecia tolice recusar, e Alisa disse, em voz baixa:

– Obrigada.

Saiu na frente dele e não pôde deixar de pensar que, ao lado de um cavalheiro tão elegante, devia parecer mal vestida e insignificante.

Passaram de novo pelo velho, que tinha voltado à sua cabine de vidro. Alisa teve a impressão de que ele lhe sorriu.

– Muito obrigada!

Lá fora, numa rua nos fundos do teatro, estava um faetonte, mais alto e mais elegante do que qualquer veículo que Alisa jamais tinha visto. Amarelo e preto, parecia brilhar tanto quanto as botas de cano alto do dono.

A moça ficou olhando para os dois cavalos e depois para a carruagem, até o rapaz dizer, com um sorriso:

– Estou esperando para ajudá-la a subir.

– Desculpe.

O rapaz ajudou-a a sentar e depois deu a volta, indo para o outro lado e pegando as rédeas das mãos de um lacaio. Este pulou para o banquinho que havia atrás.

Quando a carruagem partiu, Alisa pensou que nunca mais na vida andaria num veículo tão bonito e impressionante.

“Penélope vai morrer de inveja, quando eu lhe contar!”

– Estou interessado em saber em que está pensando — disse uma voz ao lado dela.

– Estou pensando em seus cavalos, que são soberbos — respondeu a moça. — E seu faetonte é o veículo mais maravilhoso que já vi!

Ficou imaginando se devia também dizer que nunca viajara numa carruagem com cavalos que tinham arreios com guarnição de prata de lei.

— Fico satisfeito por saber que aprova. Ao mesmo tempo, sinto-me decepcionado por você não fazer nenhuma referência ao condutor da carruagem.

Por um momento, Alisa ficou sem saber a quem ele se referia. Depois, sem refletir, respondeu:

— Mamãe sempre dizia que é indelicado fazer observações pessoais.

O rapaz riu.

— Você não é tão tímida como parece.

— Espero que não.

— Que quer dizer com isso?

Por um momento, ela pensou se deveria dizer a verdade. Depois achou que não havia razão para não fazê-lo.

— Precisei vir a Londres sozinha e não queria ser notada.

A última palavra foi dita em voz trêmula, porque se lembrou do homem que tentara abordá-la em Bond Street.

— Foi muito sensato da sua parte. Deduzi que mora no campo, onde faz esses produtos maravilhosos, para vendê-los às atrizes famosas.

Fez com que isso parecesse uma ocupação monótona, pensou Alisa. Achou que seria um erro responder, de modo que ergueu o queixo ficou olhando para a frente.

— Estive pensando que, como tenho que passar em casa para lhe dar um cheque em pagamento dos cremes, talvez fosse melhor você almoçar comigo, antes de continuar suas vendas ou de voltar para o campo.

Agora que ele tocava no assunto, Alisa percebeu que estava de fato com muita fome. Já devia ser mais de meio-dia, hora em que sra. Brigstock lhes servia o almoço. E de manhã havia comido apenas um ovo.

Na realidade, tinha ficado demais excitada e com receio de perder diligência, para poder comer mais alguma coisa.

Sentiu um vazio no estômago. A idéia de almoçar era muito atraente.

— É muita gentileza sua... — disse, hesitante. — Mas não quero incomodá-lo.

— Claro que não me incomoda. E creio que não há de querer gastar seu dinheiro em comida, que em Londres é muito cara.

— Não, claro que não. O dinheiro é para uma coisa muito... especial.

Mas talvez seja melhor eu esperar e comer depois que chegar em casa.

Ao dizer isso, achou que iria ficar morta de fome. Não sabia onde comprar alguma coisa para comer e tinha certeza de que seu pai ficaria furioso, se soubesse que tinha almoçado sozinha num lugar público.

— Você vai almoçar comigo — disse o cavalheiro, com firmeza. — E pode me falar a seu respeito. Estou interessado em saber como faz os seus cremes e por quê.

Pela cabeça de Alisa passou a idéia de que ele talvez tivesse intenção de comprar algum. Depois, achou que isso era ridículo.

Havia muito trânsito, e o rapaz não disse mais nada, até chegarem a Albermarle Street.

— Você vem muito a Londres? Alisa sacudiu a cabeça.

— Fazia dois anos que não vinha e parece que há mais carruagens nas ruas do que antes. Mas, naturalmente, é o ano da Coroação.

— Não há dúvida de que é essa a razão. E, se continuar nesse ritmo, logo Londres ficará intransitável.

Alisa riu, achando a idéia engraçada.

Nesse momento, os cavalos pararam diante de uma casa grande e imponente, na extremidade do largo.

A moça lembrou-se de que já a tinha visto uma vez, achando-a muito bonita.

Na entrada, havia um pórtico com dois pilares. Assim que a carruagem parou, lacaios de perucas empoadas estenderam na calçada um tapete vermelho.

Alisa desceu e ficou esperando que seu companheiro descesse do outro lado e viesse se juntar a ela. Entraram num saguão grande e fresco, onde havia uma vasta escadaria e vários quadros de molduras douradas.

— Temos uma convidada para o almoço, Dawkins — disse o cavalheiro ao mordomo. — E creio que a mocinha gostaria de subir.

— Perfeitamente, milorde.

O mordomo fez um sinal e um dos lacaios se aproximou de Alisa, dizendo:

— Faça o favor de me acompanhar, senhorita.

Ela subiu a escada, obedientemente, achando que a passadeira era tão grossa que seus pés pareciam afundar.

Que aventura! Precisava tomar nota de tudo, para contar a Penélope.

Foi levada para um quarto, no andar de cima, mais luxuoso do que qualquer outro que já vira em toda a vida. As paredes eram forradas de brocado e havia uma cama com cortinas de franjas e uma penteadeira com um babado de musselina enfeitado de renda.

A moça olhou à volta, encantada e espantada. Logo apareceu uma criada, correndo.

— Vim ajudá-la, senhorita.

Alisa tirou a capa e sentou-se à penteadeira para tirar o chapéu.

Sobre o móvel estavam escovas de ouro e um pente com friso também de ouro.

Ficou contente por ter lavado os cabelos na véspera, de modo que caíam graciosamente, em ondas naturais, de cada lado do rosto. Sabia que, embora não estivesse elegante, pelo menos parecia limpa e bem arrumada.

O vestido, de um azul profundo, acentuava a brancura da pele. Pensou, agradecida, que tinha sido por causa de sua pele que a sra. Lulworth e madame Vestris se interessaram pelos cremes.

Lembrou-se, animada, de que as duas disseram que haveria mais procura. Ficou calculando quantos potes ela e a irmã poderiam fazer, antes de virem se hospedar com a tia Harriet.

Teve esperança de que, se madame Vestris ficasse satisfeita, a sra. Lulworth lhe vendesse pelo menos um vestido a crédito. Embora Penélope talvez insistisse em que as duas juntas impressionariam mais do que uma só, era a mais moça que devia ir às primeiras festas.

Só depois que pudessem comprar o segundo vestido, Alisa acompanharia a irmã.

A criada vinha trazendo uma lata de cobre reluzente, cheia de água quente, que alguém lhe entregara à porta. Despejou a água numa bacia de porcelana florida, que tinha uma jarra combinando.

Alisa lavou as mãos e o rosto, sentindo-se refrescada e livre da poeira da estrada.

— Muito agradecida por me ajudar. Quando eu descer, haverá alguém lá embaixo para indicar o caminho?

— Sim, naturalmente, senhorita. O sr. Dawkins, o mordomo, está à sua espera.

Disse isso como se, caso o homem não cumprisse tal obrigação, estaria cometendo um erro social. Alisa sorriu, procurando se lembrar de todas as

coisas que sua mãe lhe contava sobre as casas elegantes e o que acontecia quando alguém se hospedava lá.

Esperava não cometer muitos erros, quando, conforme Penélope esperava e desejava, fossem convidadas para festas importantes.

Ficou imaginando se o cavalheiro que estava sendo tão amável, a ponto de convidá-la para almoçar, poderia ajudá-las. Depois achou que não era o tipo de homem com quem gostaria que a irmã convivesse.

O mordomo a esperava ao pé da escada e, sem uma palavra, conduziu-a até uma porta, no outro lado do saguão.

Quando entrou, Alisa viu que era uma biblioteca pintada de verde-escuro, com guarnições douradas. Havia estantes cheias de livros em todas as paredes.

Não pôde evitar uma exclamação excitada, antes de se virar para o dono da casa, que estava de pé diante da lareira.

— Que beleza de biblioteca! O senhor é feliz, por ter tantos livros!

O rapaz deu um leve sorriso.

— Está aí uma das coisas que possuo sobre a qual não recebo muitas congratulações.

— Por que não? — perguntou, admirada, aproximando-se dele.

— Poucas pessoas têm tempo para ler, e as mulheres certamente não se incluem nesse número.

— Que estranho!

Estava realmente surpresa. Seu pai vivia lendo, e ela também. Na biblioteca de sua casa havia uma seção grande, com os livros que tinham pertencido à mãe.

— Creio que posso deduzir, por essa observação, que você gosta de ler.

— Mas, claro!

— Antes que me dê sua opinião sobre este ou qualquer outro assunto, permita que lhe ofereça uma taça de champanhe. Ou prefere um cálice de vinho madeira?

Alisa hesitou. Estava tentada a aceitar champanhe, que tinha bebido poucas vezes, em ocasiões especiais, tais como no Natal ou em algum aniversário. Mas lembrou-se de que fazia muito tempo que estava de estômago vazio. Após uma ligeira pausa, respondeu:

— Acho que devo dizer não.

– Por quê?

A pergunta lacônica foi dita de um modo seco e brusco, na opinião de Alisa, chegando quase a intimidá-la.

– Faz muito tempo que tomei o desjejum.

– Então, está sendo sensata. É sempre assim? Ou apenas acha isso aconselhável nesta ocasião especial?

Alisa refletiu por um momento.

– Creio que sempre sou sensata.

– Então, como a exceção confirma a regra, proponho que tome um pouquinho de champanhe, só para celebrar nosso primeiro encontro.

Alisa achou que era uma coisa estranha para ser dita. Ao mesmo tempo, como ele falou no mesmo tom impessoal de antes, pensou que era só uma maneira de dizer e que o cavalheiro, na verdade, não achava que tinham alguma coisa para celebrar.

Ele tirou a garrafa do balde de gelo e serviu um pouco numa taça, que entregou à moça.

Alisa aceitou a bebida e disse:

– Talvez minha pergunta seja um tanto tardia, mas pode fazer o favor de me dizer seu nome?

– Esqueci que não nos apresentamos. Sou o conde de Keswick. E agora me diga como você se chama.

– Sou Alisa Wynt...

De repente, lembrou-se de que, se ela e a irmã pretendiam vir a Londres para fazer sucesso com sua beleza, como Penélope planejava, seria um erro as pessoas ficarem sabendo de que modo conseguiram comprar seus vestidos. Ainda mais esse homem cínico e dominador!

– Winter. Alisa Winter.

– Esse nome não lhe vai bem – observou o conde. – Pelo menos, não o sobrenome. Alisa é encantador. Creio que jamais conheci alguém que se chamasse Alisa.

– É grego.

– Quem lhe disse isso?

– Eu sempre soube. Creio que é porque minha mãe se interessava muito por mitologia grega.

Teve a impressão de que o conde erguia as sobrancelhas, mas nesse momento o mordomo anunciou:

– O almoço está servido, milorde.

Alisa tomou mais um gole de champanhe. Depois, achando que seria mais sensato parar, colocou a taça numa mesinha.

Caminhou na frente do conde. Quando entrou no saguão, viu que a criada que a servira estava colocando sua capa, o chapéu e a bolsa numa cadeira.

Decidiu que não devia demorar muito, almoçando. Precisava ter tempo para voltar a Bond Street, contar à sra. Lulworth o que tinha acontecido e, depois, correr para a estação, em Islington.

Se perdesse a diligência, seria um desastre!

A sala de jantar era muito bonita, oval e pintada de um tom verde-claro que Alisa sabia ser uma das cores prediletas do grande arquiteto Adam, com nichos onde se viam várias estátuas de deusas e deuses gregos.

Ao sentar-se na cadeira que lhe indicaram, exclamou, animada:

– Estou imaginando se serei capaz de reconhecer o deus que cada estátua representa. Tenho certeza de que aquele à minha frente é Apolo.

– Tem razão. Mas sugiro que, antes de comentarmos meus objetos de arte, você me fale um pouco de sua vida, srta. Winter. – O conde franziu as sobrancelhas e continuou: – Não! “Winter” não serve. Vou chamá-la de Alisa. É um nome bonito, que lhe vai bem.

A moça pouca atenção dava ao que ele dizia, compreendendo que seria um erro o conde saber muita coisa sobre sua vida.

Depois achou que talvez seus receios fossem infundados. Ao contrário de Penélope, que estava convencida de que eles iriam entrar em contato com marquesa de Conyngham, Alisa tinha a desagradável sensação de que acabariam na casa da tia, costurando para os nativos da África ou copiando folhetos. E a mania da tia de se queixar da maldade humana faria com que as sobrinhas tivessem que ir à igreja pelo menos meia dúzia de vezes por semana.

“Ah, se pudéssemos ficar numa casa como esta...”, pensou, com tristeza, sabendo que seria impossível.

Quando começou a comer, percebeu que estava faminta e que a comida era a mais deliciosa que já havia provado.

O conde devolveu o vinho tinto que o mordomo trouxe e mandou vir um branco. Alisa tinha comido quase a metade do que estava em seu prato, quando ele disse:

— Estou esperando!

— Não tenho nada para contar — respondeu, vivamente. — A não ser que queira que eu fale sobre a vida do interior, assim como a chegada do cuco, o nascimento da primeira ovelhinha no campo junto de nosso jardim, a beleza dos narcisos.

Falou no tom de brincadeira que teria usado com Penélope. Dali a um momento, o conde comentou:

— O que madame Vestris disse a seu respeito é verdade: você é uma atriz muito hábil.

— Se fosse, poderia ganhar muito dinheiro. Li num jornal que madame Vestris tem um salário enorme.

— Então, é isso que quer? Dinheiro?

— Não muito. Q suficiente para uma coisa muito, muito especial que causaria grande prazer à minha irmã.

— E o que é?

Alisa percebeu que tinha sido indiscreta. Ficou imaginando se seria por causa do champanhe que estava falando tanto.

— É um segredo, milorde. E agora, por favor, fale-me do senhor. Nunca vi uma casa tão bonita, nem tantas preciosidades.

— Principalmente meus livros?

— Notei os quadros também, quando subi a escada.

— Então, sobre o que vamos falar?

— É difícil resolver o que é mais importante. Quando eu olhar para os livros que temos em casa, me lembrarei desses aqui. O mesmo se aplica aos quadros.

— E onde fica sua casa?

— Numa pequena aldeia de Hertfordshire. Não creio que jamais tenha ouvido falar nela.

— Em outras palavras, não quer dizer onde fica. Por que é tão cheia de segredos?

— Posso, por minha vez, perguntar por que é tão curioso, milorde?

— Pensei que a resposta a isso fosse óbvia. — Vendo que ela estava perplexa, o conde continuou: — Estive olhando para você e imaginando como é que sua pele pode ser tão pura, a ponto de parecer transparente e macia como a pétala de uma rosa.

Novamente, o tom seco com que falou fez com que parecesse estar

lendo alguma coisa de um livro, em vez de lhe fazer um elogio. Alisa riu.

— De que está rindo?

— É porque nunca me compararam a uma rosa. Minha irmã, sim, é chamada de rosa. Eu sou uma violeta... uma violetazinha modesta e sem importância.

— E, para vê-la, temos que procurá-la no meio das folhas verdes — observou o conde.

— Está sendo quase poético, milorde.

— Você pode encontrar muitos livros de poesia em minha biblioteca.

Alisa suspirou.

— Quem me dera poder ler todos eles! Papai não gosta de poesia, de modo que temos muito poucos livros desse gênero em casa.

O conde serviu-se de um novo prato.

— Você disse que não vem muito a Londres?

— Só de vez em quando, embora talvez tenhamos que vir mais vezes, no futuro.

— Para vender seus cremes?

— Sim, naturalmente.

— Deve ser muito monótono, para uma moça, viver no campo, onde a natureza é o único divertimento, além de fazer cremes para embelezar as outras mulheres.

— Espero que madame Vestris goste deles.

Havia uma nota de ansiedade na voz de Alisa. Penélope ficaria muito decepcionada, se, depois de todos os planos que as duas haviam feito, tivessem que vir para Londres trazendo os vestidos feitos em casa. Assim, naturalmente, ninguém se interessaria por elas.

Teve a súbita idéia de que só um dos enfeites de prata que decoravam a mesa, só um dos pratos, também de prata, onde a comida era servida, bastaria para comprarem meia dúzia de vestidos bonitos. E, se os tivessem, poderiam fazer sucesso, como as irmãs Gunning tinham feito.

“Oh, por favor, meu Deus, fazei com que madame Vestris ache que os cremes fizeram bem à sua pele!”

Estava tão preocupada que ficou sobressaltada, quando o conde perguntou:

— Em que está pensando?

— Em madame Vestris.

– Você a admira?

– Ouvi dizer que faz muito sucesso.

– Não foi isso que perguntei. Quando você entrou no camarim, tive a impressão de que ficou escandalizada com o traje dela.

– Sei que foi pretensão, da minha parte, mas achei... indecente.

– Claro que é. Justamente por isso, *Giovanni em Londres*, que é uma peça muito fraca, faz com que o teatro fique lotado todas as noites.

– Ouvi dizer que madame tem uma bela voz de contralto.

– O público está mais interessado em suas pernas.

O conde falou com sarcasmo, e Alisa corou. Pareceu-lhe impróprio estarem discutindo abertamente as pernas de uma mulher.

– Quando você vier para Londres, verá que tem que acompanhar os tempos – disse ele. – Então, talvez seja um erro vir para cá.

– Um... erro?

– Essa sua cabecinha bonita logo ficaria virada, e você se tornaria convencida, vaidosa e disposta a se exhibir.

– Acho muito indelicado dizer isso, senhor. Tenha certeza de que nada de semelhante vai acontecer. Além do mais, é pouco provável que eu receba elogios.

Ao dizer isso, pensou nos missionários e nos padres com os quais a tia Harriet se ocupava e que certamente não a elogiariam, se é que iam notá-la.

– Se não estiver ouvindo elogios, o que estará fazendo?

– Costurando para os nativos roupas que os missionários levarão para a África.

O conde encarou-a como se mal pudesse acreditar.

Achando que tinha errado ao ser tão franca, Alisa continuou:

– Não há motivo para o senhor se interessar por isto. E, por favor, como tenho que ir logo embora, posso ir ver seus livros, mais uma vez?

– Claro que sim.

Notando que o mordomo colocava uma garrafa de vinho do Porto na mesa, Alisa exclamou, vivamente:

– Perdão! O senhor não terminou. É muito indelicado, da minha parte, apressá-lo, quando foi tão gentil comigo.

– Já terminei. Como não estou com vontade de tomar o vinho do Porto, vamos para a biblioteca ver os livros.

Alisa caminhou à frente dele, um tanto nervosa, por achar que tinha

sido rude.

Na biblioteca, o sol entrava pelas janelas, parecendo envolver tudo com uma luz dourada e tornando o ambiente parte de um conto de fadas.

Contra as paredes verdes, os livros, com encadernação de couro e frisos de ouro, formavam um quadro tão bonito que ela desejou poder reproduzi-lo numa tela.

Na parede, sobre a lareira, em vez do espelho costumeiro, havia um quadro representando cavalos, muito bonito. Embora a timidez a impedisse de dizer, Alisa achou que devia ter sido pintado por Stubbs.

Ficou olhando para tudo, percebendo que o conde tinha ido para a escrivaninha, perto de uma das janelas. Achou que ele não se importaria, se ela examinasse tudo. Leu os títulos de alguns livros e notou que eram publicações muito mais recentes do que as que seu pai tinha em casa. Os livros de *sir* Hadrian eram, na maioria, históricos. Tratavam de assuntos antigos; as nações e os povos que descreviam estavam extintos.

O conde tinha numerosos livros sobre assuntos fascinantes. Alisa gostaria de poder lê-los; foi caminhando pela sala, não querendo perder nada. Viu que havia uma prateleira só de poesia, sendo muitas daquelas obras de lorde Byron.

— Conhece lorde Byron? — perguntou ela.

— Claro!

— Gostaria de tê-lo conhecido, quando ele estava na Inglaterra.

— Todas as mulheres o achavam irresistível — disse o conde.

Alisa achou que ele falou em tom ligeiramente cínico.

— Não estou pensando em sua aparência, e sim, em sua obra. Há, na poesia dele, algo de vivo e excitante, que é contagioso. Fico com vontade de dançar, de cantar e de escrever versos.

— Tenho certeza de que lorde Byron ficaria muito lisonjeado com sua opinião.

— Obrigada por me deixar examinar seus livros. Tenho a impressão de que entrei em alguns deles e ouvi música.

O conde entregou-lhe um envelope, dizendo:

— Aqui está o dinheiro que lhe devo.

— Mas eu não lhe disse quanto custa cada pote...

— Creio que vai achar que a quantia é adequada. E agora, antes de você ir embora, tenho uma sugestão a fazer.

Alisa fitou-o, achando que havia uma estranha expressão em seu olhar.

— Pelo que me contou, percebi que está desperdiçando sua mocidade e sua beleza com os pássaros, as ovelhas e as flores. Tenho uma proposta para lhe fazer e espero que a leve em consideração, quando voltar para casa.

— Uma... proposta?

— Sim. Que me deixe cuidar de você e lhe dar as coisas que farão com que pareça ainda mais bonita do que é agora.

Alisa encarou-o, perplexa, e ele continuou:

— Talvez possamos dar um jeito de você vir para Londres sem que sua família faça muitas perguntas e ainda fique satisfeita por saber que vai viver com todo o conforto.

— Como seria isso... possível? Não sei o que quer dizer. O conde sorriu.

— Estou sugerindo que posso torná-la muito feliz e dar-lhe um ambiente adequado. Ou, então, devo dizer que uma violeta não devia ficar completamente escondida; pelo menos, não dos meus olhos!

Enquanto Alisa procurava compreender o que ele dizia, considerando-se muito estúpida por não entender nada, o conde tomou-a nos braços.

Antes que ela percebesse o que estava acontecendo, puxou-a contra o peito e, quando Alisa ergueu o rosto, atônita, os lábios do conde cobriram os dela.

Por um momento, a moça ficou paralisada, tal a sua surpresa.

Depois, compreendendo que estava sendo beijada pela primeira vez na vida e que devia ficar horrorizada e escandalizada, percebeu a força dos braços do conde e a insistência de seus lábios, e teve uma sensação diferente de tudo o que jamais experimentara.

Foi como se uma onda de luz invadissem todo o seu corpo.

Era estranho e, ao mesmo tempo, tão maravilhoso que ela nada podia fazer, a não ser deixar que acontecesse.

Aos poucos, como se saísse de um sonho, lembrou-se de que estava nos braços de um estranho, e isso era uma coisa escandalosa e censurável.

Voltou à realidade e pôs as mãos no peito dele, empurrando-o com uma força que o conde não esperava dela.

Com um grito, a moça correu para a porta, abriu-a e atravessou o saguão.

Vagamente, lembrou-se de que sua capa, seu chapéu e sua bolsa estavam numa cadeira. Pegou-os e dirigiu-se para a porta da rua.

Um laçaio a tinha aberto para, naquele momento, receber um bilhete trazido por um empregado de libré.

Correndo, Alisa passou por eles e atravessou o largo, até encontrar a rua que levava a um terreno onde havia umas cocheiras.

Só parou de correr quando percebeu que seria difícil alguém segui-la. Ofegante, com o coração aos saltos, encostou-se na parede de uma casa. Fechou os olhos e disse a si mesma que aquilo não podia ter acontecido e que tinha sonhado.

CAPÍTULO III

— Depois do almoço, o que foi que aconteceu? — perguntou Penélope, achando que a irmã estava muito pálida e que o longo dia passado em Londres a havia cansado.

Tinha ido esperar Alisa na encruzilhada e não conseguira arrancar uma palavra dela durante todo o trajeto através da aldeia.

Só agora, depois de ter tomado banho e trocado de roupa, Alisa pôde contar a Penélope o que acontecera na loja da sra. Lulworth.

Fascinada, a outra ouviu Alisa descrever o camarim de madame Vestris, no King's Theatre, e contar que o cavalheiro que lá estava se ofereceu para pagar pelos cremes e a levou para sua casa em Berkeley Square.

Depois de descrever a sala de jantar e a biblioteca, a moça ficou em silêncio.

Na diligência, a caminho de casa, tinha resolvido que nunca, nunca diria à irmã que havia sido beijada.

Era uma coisa tão censurável, tão indecente, de sua parte, que estava profundamente envergonhada.

Mesmo assim, precisava explicar por que motivo, em vez de voltar para a loja da sra. Lulworth, como deveria ter feito, fora diretamente, quase correndo, para o Two-Headed Swan, em Islington. Lá chegando, sentou-se na sala de espera, achando que devia ficar longe da vista dos outros, até a hora de tomar a diligência para casa.

Durante a viagem, não pôde pensar em outra coisa, a não ser em seu mau comportamento. Mesmo assim, a lembrança do beijo do conde trouxe de novo a sensação de felicidade daquele momento...

“Nunca pensei que ser beijada me fizesse sentir assim...”

Corrou, porque era impossível não achar isso escandaloso.

Se a mãe fosse viva, o que diria se soubesse que tinha permitido que um estranho a abraçasse e a tocasse?

Mas precisava dar uma explicação a Penélope. A não ser pelo beijo, devia contar a verdade.

— Que aconteceu, Alisa? — perguntou a irmã, novamente.

— Não tenho vontade de contar...

- Quer dizer que ele declarou amor a você?
- Não. Não, exatamente.
- Então, diga o que houve. Alisa cruzou as mãos e fitou a irmã.
- Ele sugeriu tomar conta de mim para que eu não precisasse

trabalhar e ter que vender os cremes.

Para seu espanto, Penélope deu um gritinho que não era exatamente de desaprovação.

– Oh, pobre Alisa! Mas, naturalmente, você não podia esperar outra coisa, indo almoçar com um homem, sozinha na casa dele.

Alisa arregalou os olhos.

– Você acha... errado?

– Eu faria a mesma coisa, nessas circunstâncias, em vez de ficar com fome. Mas, naturalmente, ele teve motivo para pensar que você não é uma dama.

Alisa deu um gemido baixinho.

– Como é que pude ser tão tola? Mas ele parecia tão reservado, e não o tipo de homem que se comportaria de um modo tão pouco cavalheiresco.

Penélope riu.

– Isso nada tem a ver com cavalheirismo. E Eloise me contou que, em Londres, todos os cavalheiros têm amantes, que são atrizes, bailarinas ou prostitutas bonitas. Para eles, é a mesma coisa que possuir bons cavalos.

Alisa levantou-se de um salto.

– Como você pode saber de uma coisa dessas? E, se sabia, por que não me contou?

– Porque você ia ficar horrorizada, querida. Nenhuma dama fala dessas mulheres. E a prova de que somos bonitas é que o conde se sentiu atraído por você, apesar de suas roupas modestas e fora de moda.

Alisa respirou fundo e esperou que Penélope não desconfiasse de que, pelo fato de sentir atração por ela, o conde a beijara.

– Não considero isso um elogio e não quero mais tocar no assunto.

– Não, claro que não – respondeu Penélope, em tom conciliador. – Precisa se esquecer, querida, de que teve medo e se lembrar apenas de que sua viagem a Londres foi um sucesso.

Alisa ficou sobressaltada.

– Quer dizer que acha que devemos voltar e procurar a sra. Lulworth, para lhe vender nossos cremes?

— Sem a menor dúvida! Se, como você diz, o fato de madame Vestris usar os cremes vai fazer com que todas as mulheres queiram comprá-los, então, quanto mais depressa começarmos a trabalhar, melhor!

Alisa teve vontade de gritar que não podia fazer isso e que nunca mais iria à loja da sra. Lulworth ou a qualquer lugar onde corresse o risco de tornar a encontrar o conde.

Antes que dissesse qualquer coisa, a irmã continuou:

— Querida, não vê como isso é maravilhoso? Vamos poder ter os vestidos que desejamos. Depois, escreveremos à marquesa de Conyngham. Tenho certeza de que faremos tanto sucesso quanto Maria e Elizabeth Gunning.

Alisa pensou, de repente, que Maria tinha casado com um conde, mas depois achou que casamento era a última coisa que Keswick pensaria em lhe oferecer.

“Preciso esquecê-lo”, pensou, esforçando-se para ouvir o que a irmã dizia.

— Garanto que você tinha razão, quando disse que a sra. Lulworth nos venderá, a crédito, os quatro vestidos de que precisamos. Quanto o conde lhe pagou pelos cremes?

— Creio que três libras.

— Onde estão? — perguntou Penélope, como se quisesse ver o dinheiro para ter certeza de que não havia engano.

— Ele me deu um cheque. Está na minha bolsa, no hall.

— Vou buscar.

Penélope voltou dali a pouco com a bolsa na mão.

— Precisamos começar a trabalhar amanhã cedo — disse. — Vi que há três pepinos na horta, no ponto de serem colhidos. E vou mandar um dos meninos da aldeia apanhar agrião perto do engenho.

Tirou o envelope de dentro da bolsa de Alisa, abriu-o e, ao ver o cheque, deu um grito.

— O que foi? Que aconteceu de errado? — perguntou Alisa.

— Não há nada de errado — respondeu Penélope, com voz subitamente rouca. — Sabe de quanto é este cheque?

— Pensei que fosse de três libras.

— É de cinqüenta!

— Não acredito!

Alisa aproximou-se e pegou o cheque.

A irmã tinha razão. O cheque, feito para a “srta. Alisa Winter”, era de cinquenta libras.

— Deve haver algum engano — murmurou. — Vou... rasgá-lo.
Penélope agarrou o cheque.

— Nada disso!

— Mas não podemos ficar com esse dinheiro.

— E por que não?

— Porque seria um roubo.

— Ele o deu a você.

Alisa ficou em silêncio por um momento.

— Creio que ele fez isso... pensando que eu ia concordar com ... sua proposta.

— Pois bem, vai ficar decepcionado. Quanto a mim, sou muito grata ao conde.

— Mas não podemos ficar com esse dinheiro!

— Não sei por que não.

— Porque é uma coisa que nenhuma pessoa bem-nascida e decente faria.

— Ele não deu esse dinheiro por achar que você era decente ou tinha berço, e sim, porque a achou muito bonita. Alisa, o que você é.

— Não tenho a menor intenção de agir como o tipo de mulher que ele julgou que eu fosse.

— Pois eu não tenho tais escrúpulos. Pense bem, Alisa! É a resposta às nossas orações. Podemos comprar os vestidos que queremos e chapéus combinando. E agora não teremos dificuldades em obter crédito.

— Não vou permitir que você guarde esse dinheiro — insistiu Alisa, zangada.

— Pois escreva para o conde, explique quem você é e peça que ele se desculpe!

— Sabe que não posso fazer isso.

— Então, para que tanto barulho?

Olhando para a irmã, Penélope percebeu que ela estava perturbada. Em tom diferente, pediu:

— Por favor, seja sensata. Por mim, isso é uma dádiva dos deuses, justamente quando precisamos tanto de dinheiro. Como pode ser tão ingrata?

– Não é uma questão de gratidão. É uma questão de... consciência.
Penélope ficou por uns momentos em silêncio.

– Você foi a Londres para me ajudar. Como é que pode ser tão cruel a ponto de me obrigar a ir para a casa da tia Harriet, usando as roupas que tenho? Ninguém vai se interessar por mim, a não ser que eu tenha a sua sorte, Alisa, de encontrar um estranho disposto a gastar muito dinheiro comigo.

Alisa olhou para a irmã, espantada.

– Não deve dizer essas coisas!

– Foi o que aconteceu com você. Por que não haveria de acontecer comigo? Eu não teria escrúpulos de agarrar o que pudesse.

Viu que a irmã estava horrorizada; mesmo assim, continuou:

– Para o conde, gastar cinquenta libras é o mesmo que apostar num cavalo que acaba perdendo. É falta de sorte, mas ele apenas encolhe os ombros e não pensa mais no assunto.

Alisa foi para a janela, mas não notou, lá fora, os narcisos nem as flores das amendoeiras.

Viu apenas Penélope ficando cada vez mais amargurada e, portanto, metendo-se em encrencas. Nem queria imaginar que encrencas seriam essas.

Mas era difícil esquecer-se da força dos braços do conde e do sabor de seu beijo, a ponto de ela não poder pensar em mais nada.

Como se percebesse que a irmã estava fraquejando, Penélope foi até a janela e pôs os braços em volta dos ombros dela.

– Por favor, não estrague as coisas para mim. Se pudermos passar um mês em Londres, ou até mesmo quinze dias, usando vestidos bonitos, garanto que nossa vida vai mudar.

– Não sei o que dizer – respondeu Alisa, com ar infeliz.

– Então, deixe tudo por minha conta. E, se está tão preocupada, por que não manda um presente para o conde?

– Um... presente?

– Pois bem, deve haver aqui em casa alguma coisa de que ele vá gostar. Assim, você não ficaria com remorso por aceitar o dinheiro.

Elisa pensou nos quadros do conde, nos livros, na prataria... Era até cômico achar que elas possuíam alguma coisa que pudesse interessá-lo.

Depois, como se tivesse uma inspiração, lembrou-se do quadro que estava pendurado no quarto do pai. Ela o havia pintado depois que *sir* Hadrian chamara as duas filhas de “A Rosa e a Violeta”.

Era primavera, e Alisa tinha ido ao jardim apanhar as primeiras violetas que apareceram por entre as folhas verdes.

Foi difícil pintá-las, mas, quando o quadro ficou pronto, tanto o pai quanto a mãe disseram que era o melhor que Alisa jamais tinha feito.

— Você precisa pensar em mim, sempre que olhar para esse quadro — disse a moça ao pai.

— Prefiro olhar para você, minha querida.

Apesar disso, a mãe encontrou uma moldura bonita para a tela e dependurou-a no quarto.

Alisa tinha certeza de que *sir* Hadrian não daria pela falta do quadro, mas ela poderia pintar outro, caso ele perguntasse pelo original.

— Se eu mandar um presente para o conde, talvez ele fique sabendo de onde veio — disse agora.

— Você pode entregá-lo a Fred, o mensageiro. Ele vai a Londres todas as semanas e é tão estúpido que não fará perguntas.

Havia um brilho nos olhos de Penélope e um sorriso em seus lábios, porque sabia que tinha vencido e que a irmã ia concordar em ficar com as cinquenta libras.

— Quando chegarmos a Londres depositaremos o dinheiro no banco, porque a sra. Lulworth não deve saber que o conde lhe deu esse cheque para entregá-lo a ela.

— Claro que não deve ficar sabendo. — Depois de um momento, continuou: — Suponhamos que... por eu não aceitar a proposta dele, o conde... suspenda o pagamento do cheque!

Lembrou-se de que, certa vez, o pai cancelara um cheque por já ter pago a conta.

— Isso faria com que três potes de creme ficassem de graça. E não acredito que um cavalheiro se comporte de um modo tão mesquinho.

— É verdade, creio que você tem razão.

Pensasse o que pensasse sobre o comportamento do conde, ele era um homem honrado.

Ficou imaginando por que tinha certeza disso, mas o fato é que tinha. Penélope estava certa: para ele, cinquenta libras significavam o mesmo que apostar num cavalo e perder.

Penélope beijou a irmã no rosto.

— Anime-se, querida. Você foi muito, muito inteligente. Agora tudo

será emocionante e maravilhoso. E tenho certeza de que a marquesa de Conyngham vai nos ajudar.

De tão excitada, não falou de outra coisa a tarde toda, não parecendo notar que Alisa estava muito quieta.

Quando finalmente apagou a luz, Alisa percebeu que não conseguia dormir. Só podia pensar no conde, no que tinham conversado durante o almoço e no beijo que ele lhe dera e que tinha sido a coisa mais sensacional de sua vida.

“Como é que o beijo de um homem que nem conheço pode ser tão maravilhoso?”, perguntou a si mesma, não uma, mas dezenas de vezes, antes de pegar no sono.

— Agora que vocês estão aqui, espero que estejam dispostas a trabalhar — disse *lady* Ledbury. — Há muito que fazer.

— Sinto muito, tia Harriet, mas não vamos poder ajudá-la desta vez tanto quanto das outras — declarou Penélope.

A velha olhou para a sobrinha, atônita.

Ao contrário do irmão, nunca tinha sido bonita, nem mesmo quando moça, e, com a idade, tornara-se esquelética e ossuda. Com os cabelos grisalhos puxados para trás, usando um vestido preto muito feio, parecia um urubu velho, como dizia Penélope.

— Não sei o que quer dizer com isso!

— Agora que somos adultas, papai nos deu instruções sobre o que devemos fazer em Londres — respondeu a moça. — Embora estejamos muito gratas por sua hospedagem, tia Harriet, Alisa e eu vamos passar grande parte do tempo cuidando de nossos próprios interesses.

Dizer que *lady* Ledbury ficou perplexa era dizer pouco!

Apesar de jamais confessar isso, tinha desejado que as sobrinhas viessem se hospedar em sua casa, para que a ajudassem em suas múltiplas obras de caridade e, também, para ter em quem mandar.

Os criados, que estavam com ela há muitos anos, tinham aprendido que, quando a patroa lhes dizia para fazerem uma coisa que achavam desnecessária, o melhor era concordar na hora e depois esquecer.

Como lhes pagava pouco e eram empregados bem treinados, *lady* Ledbury achava que seria um erro exigir demais e correr o risco de perdê-los.

Em outras ocasiões, a ajuda de Alisa e de Penélope tinha recebido elogios daqueles que dirigiam suas associações de caridade preferidas, e isso

foi como música para seus ouvidos.

Ainda naquela manhã, ela disse ao vigário de St. Mary:

— Sei que, ultimamente, o senhor tem tido dificuldade para encontrar quem conserte seus livros de hinos. Mas minhas sobrinhas estão para chegar e são muito habilidosas, de modo que, se o senhor levar os livros amanhã, farei com que uma delas cuide disso.

— É muita gentileza sua, *lady* Ledbury. Mas preciso, antes, levar o assunto ao conhecimento do conselho paroquial, na próxima reunião. Agora, *lady* Ledbury via que sua autoridade estava sendo discutida e não gostava nem um pouco.

— Quero tornar claro, desde o princípio, Penélope, que espero que tanto você quanto Alisa retribuam minha hospitalidade, tornando-se úteis.

— Talvez isso seja possível, um pouco mais tarde, tia Harriet - respondeu a moça, de um jeito que a velha achou impertinente.

Lady Ledbury resolveu que, de um jeito ou de outro, impediria, que essa rebeldia fosse muito longe.

Quando as duas irmãs subiram para o quarto pequeno e confortável, mas nada bonito, Alisa avisou a irmã:

— Tenha cuidado!

— Não tenho medo da tia Harriet! Estou só rezando para que a sra. Lulworth nos forneça uns vestidos novos, para podermos ir visitar a marquesa.

Alisa soltou uma exclamação abafada, mas não discutiu. Penélope viu que, de novo, tinha ganhado a batalha e que poderia levar adiante seu plano de escrever para a amiga da mãe, dizendo que tinham trazido uma lembrança para ela.

Antes de irem para Londres, Alisa perguntou à irmã:

— Como é que poderemos encontrar alguma coisa que seja digna da marquesa?

— Deve haver algo — respondeu Penélope, confiante.

Só depois de muito procurar no meio das coisas da mãe, encontraram um bonito porta-lenços, que *lady* Wynton tinha bordado com seu monograma e enfeitado com um pedaço de renda de um de seus vestidos de menina.

— Está vendo? — disse Penélope, excitada. — Vamos dizer que mamãe nos contou que, quando usou esse vestido, era hospedada em casa da família Denison e que achamos que a marquesa gostaria da lembrancinha.

- Como é que você sabe que isso é verdade?
- O instinto me diz que é.

Depois que chegaram à casa da tia, Penélope estava tão excitada com a idéia dos vestidos novos que achou difícil conciliar o sono. O mesmo aconteceu com Alisa, mas seu problema era a preocupação em vez do entusiasmo.

“Suponhamos que a marquesa nos convide para a casa dela, ou mesmo para uma festa, e eu encontre de novo o conde! Como poderei explicar que gastei o dinheiro dele, quando devia tê-lo devolvido com um bilhete cortês, explicando que os cremes custavam exatamente três libras?”

Mas, para fazer isso, teria que dar seu nome e endereço. Embora tivesse certeza de que o conde já a esquecera, havia a remota probabilidade de querer vê-la novamente.

Só o que podia fazer era torcer para que ele estivesse ocupado demais com madame Vestris, para ir a festas respeitáveis, como as que a marquesa devia dar.

Na manhã seguinte, depois de tomarem o desjejum com a tia, Penélope conseguiu responder evasivamente às perguntas de *lady* Ledbury sobre o lugar para onde iam, em Bond Street.

– Não sei se aprovo vocês duas andarem sozinhas por Londres – disse finalmente a tia, num último esforço para descobrir o que as duas pretendiam fazer.

– Sempre ouvi dizer que é correto duas senhoras andarem juntas – declarou Penélope. – Só quando uma precisa sair sozinha é que deve ser acompanhada por uma criada. Mas, se quiser que uma criada vá conosco, tia Harriet, estamos de pleno acordo.

A moça sabia que não apenas as empregadas eram muito velhas para andar durante horas, como a tia não podia dispensar o serviço de nenhuma delas.

– Creio que não há mal nisso, afinal de contas – respondeu a velha, de má vontade, não notando o olhar divertido que Penélope lançou à irmã.

Era uma bela manhã de primavera. Caminhando com a vivacidade com que estavam habituadas a andar no campo, as duas moças chegaram a Bond Street mais depressa do que Alisa tinha chegado, quando viera sozinha a Londres, na semana anterior.

Foram diretamente para o lado de Piccadilly, porque, no momento,

Penélope não tinha vontade de parar para ver as vitrines, desejando apenas uma coisa: conseguir vestidos novos, para que ela e Alisa ficassem mais elegantes.

— Depois que estivermos bem vestidas, poderemos pensar em ser debutantes — disse ela à irmã.

Alisa achou que estava sendo excessivamente otimista, mas, como gostava muito da irmã e queria vê-la feliz, nada disse que pudesse diminuir seu entusiasmo.

Chegaram à loja da sra. Lulworth. Os olhos de Penélope brilharam, quando viu na vitrine um chapéu elegante, completamente diferente dos que estavam usando. A copa alta tinha à volta uma grinalda de rosas vermelhas; a aba era debruada com uma renda delicada.

— É esse que queremos, Alisa.

Entrou na loja e, com um tom autoritário, pediu para falar com a sra. Lulworth.

Logo se viram diante da mulher grande e um tanto assustadora que Alisa conhecera na semana anterior.

— Em que posso servi-las? — perguntou a dona da loja. Então, reconheceu Alisa e ficou toda agitada. — Por onde andou? Por que não voltou aqui, como combinamos? Só depois que partiu, percebi que não sabia seu nome e não tinha a mínima idéia de como me comunicar com você.

— Por que motivo a senhora queria falar com ela? — perguntou Penélope, percebendo que a irmã parecia ter perdido a voz.

— Madame Vestris ficou encantada com os cremes. Várias atrizes também querem comprá-los. Correu um boato, na alta sociedade, de que tenho um artigo novo.

— Compreendo. Então, a senhora precisa de mais cremes... Achando que tinha demonstrado excessivo entusiasmo, a sra. Lulworth respondeu, cautelosa:

— Estou pensando em ficar com mais alguns, mas, naturalmente, em consignação.

— Receio que isso não nos convenha — disse Penélope. — Temos uma proposta para lhe fazer. Talvez seja melhor nos sentarmos, enquanto minha irmã e eu lhe explicamos tudo.

Notou que Alisa a fitava com ar apreensivo, como se achasse que estava sendo muito atrevida. Mas a sra. Lulworth disse, apenas:

— Talvez seja ainda melhor irmos para meu escritório particular, onde não seremos incomodadas.

— É uma boa idéia.

Seguiram a dona da loja, e Penélope deu um apertozinho no braço de Alisa, para animá-la.

Dali a meia hora voltaram para a loja. A sra. Lulworth tinha uma expressão perplexa, mas agora tratava as duas moças de um modo diferente, como duas freguesas.

Penélope tinha ditado suas condições de um modo muito claro: entregariam à sra. Lulworth cinquenta libras, para que lhes fornecesse os vestidos e os acessórios dos quais precisavam imediatamente. As duas tinham trazido cinquenta potes de creme para Londres e podiam fazer mais, se necessário. Os cosméticos já prontos lhes seriam creditados imediatamente, a dez *shillings* cada.

Tinha havido uma discussão, a sra. Lulworth dizendo que só podia pagar sete *shillings*, enquanto Penélope ficava firme nos dez.

Houve uma verdadeira luta. Finalmente, Penélope aceitou nove *shillings*, com a condição de que, se houvesse uma grande procura e elas tivessem que voltar para o campo para fabricar mais creme, o preço dos novos seria aumentado para dez *shillings*.

Alisa não tomou parte na discussão. Disse a si mesma que teria aceitado sete *shillings* com satisfação e que não tinha jeito para negociante.

Além do mais, os cremes não lhes custavam quase nada, e era embaraçoso se verem na posição de terem que vender alguma coisa.

Ser elegante significava tanto para Penélope que, apesar de sentir remorso por gastar o dinheiro do conde, Alisa procurou ficar satisfeita.

Quando finalmente foram escolher os vestidos, sentiu uma excitação jamais experimentada, sabendo que ia ficar muito diferente, depois de vestida na última moda.

Foi Penélope, naturalmente, que conseguiu que a sra. Lulworth se interessasse por elas como pessoas da sociedade, quando disse:

— Estamos hospedadas em casa de nossa tia, *lady* Ledbury, em Islington, e é muito importante que minha irmã e eu tenhamos roupas elegantes, quando formos visitar uma velha amiga de minha mãe, a marquesa de Conyngham.

Alisa achou que a lojista ficou assustada, antes de perguntar:

— Disse... a marquesa de Conyngham?

— Sim, isso mesmo. Quando menina, minha mãe se hospedava em casa da família da marquesa, e minha irmã e eu temos intenção de procurá-la, assim que tivermos roupas modernas para usar.

— Está aí uma coisa que eu não esperava — disse a mulher, baixinho, e Alisa ficou imaginando por que estava tão surpresa. — A marquesa comprou alguns vestidos meus, há tempos, e eu gostaria imensamente de ter o privilégio de vesti-la novamente.

— Então, a senhora deve fazer para nós uns vestidos que ela possa admirar, quando formos visitá-la — disse Penélope. Com a habitual perspicácia, notou que a sra. Lulworth tinha muita consideração pela marquesa. Continuou: — Não quero ser pretensiosa, mas acho que minha irmã e eu, depois de bem vestidas, vamos ganhar muito na aparência, como se costuma dizer.

A dona da loja achou que, realmente, a beleza das duas ficaria realçada, com vestidos bonitos, e que ela precisava cuidar disso imediatamente. Mandou buscar uns trajes que já estavam quase prontos.

Vendo que assentavam muito bem nas moças, disse que mandaria terminá-los para elas e começaria imediatamente a fazer outros para a senhora que os havia encomendado.

As empregadas da loja correram de um lado para outro, trazendo tecidos tão bonitos que Alisa achou que deviam ser caros demais. Assim que pôde, murmurou no ouvido da irmã:

— Por favor, não podemos gastar tanto . .

— Deixe tudo por minha conta — respondeu Penélope, abrindo uma peça de fazenda azul, exatamente da cor dos olhos de Alisa, e colocando-a contra o corpo da irmã, para ver o efeito. — Perfeito! — comentou, não precisando dizer mais nada.

Quando finalmente saíram da loja, já era hora do almoço e sabiam que a tia ia ficar aborrecida por estarem atrasadas.

Mas nada disso tinha importância, porque a sra. Lulworth prometera entregar dois vestidos na manhã seguinte. E, se as moças fossem à loja de tarde, para uma nova prova, à noite ela mandaria entregar os dois vestidos de noite, em Islington Square.

Alisa tinha a desagradável impressão de que Penélope encomendara também outras roupas. Nesse caso, as cinquenta libras recebidas do conde e

as vinte dos novos potes de creme não bastariam para pagar os vestidos, chapéus, luvas, sapatos, meias e as sombrinhas que a irmã achava indispensáveis.

Procurou dizer isso, quando se dirigiam para a casa da tia, mas andavam tão depressa que era difícil conversar. Na verdade, quando chegaram, estavam quase sem fôlego.

Para deixar a tia de bom humor, depois do almoço que tinha sido servido com meia hora de atraso, Alisa consertou um dos livros de hinos religiosos, enquanto Penélope costurava um vestido cinzento, de um algodão barato e feio, para alguma infeliz criança negra, que ficaria horrível quando o usasse.

— Tenho uma boa surpresa para vocês, amanhã — disse *lady* Ledbury, entrando na sala onde as moças trabalhavam.

— Que surpresa, tia Harriet? — perguntou Alisa.

— Vou levá-las a St. Mary, a fim de ouvirem o ensaio do coro para o serviço da Coroação. Estamos muito orgulhosos por nossos meninos terem sido escolhidos para completar o coro da Abadia de Westminster. Vocês vão gostar de ouvi-los.

Antes que Alisa pudesse dizer qualquer coisa, Penélope respondeu:

— Sinto muito, titia, mas amanhã à tarde pretendemos visitar a marquesa de Conyngham.

— Você disse a marquesa de Conyngham?

— Sim, tia Harriet. Como talvez saiba, foi amiga íntima de mamãe. Temos uma lembrancinha para entregar a ela.

— Não acredito! Nunca ouvi dizer que sua mãe se dava com a marquesa!

— Ela não era marquesa, naquele tempo — explicou Penélope. — Era Elizabeth Denison, e mamãe costumava hospedar-se em casa dos pais dela. Mas, naturalmente, não puderam mais se ver, depois que mamãe casou e foi morar no campo.

— Não posso acreditar que isso seja verdade. E acho que, atualmente, a marquesa não é uma pessoa com quem vocês devam ter relações.

Penélope fitou a tia, com surpresa.

— O que quer dizer?

Houve um momento de silêncio, antes de *lady* Ledbury dizer:

— Não pretendo discutir este assunto com jovens como vocês, mas

creio que devo impedir que façam o que pretendem fazer.

— Não compreendo — protestou Penélope. — Se há alguma coisa contra a marquesa, acho que deveria nos contar o que é.

— É uma coisa que não posso discutir com duas criaturas jovens e inocentes.

A tia levantou-se e saiu da sala com ar digno. As irmãs entreolharam-se, atônitas.

— Que significa isso, Alisa?

— Talvez devamos obedecer e não mandar a carta para a marquesa.

— Não seja ridícula! Se tia Harriet não a aprova, é sinal de que a marquesa é encantadora e justamente o tipo de pessoa que pode nos ajudar.

— Percebeu que a irmã estava preocupada e estendeu-lhe a mão. — Deixe de criar dificuldades, se não quiser ficar igualzinha à tia Harriet, depois de velha!

A idéia era tão absurda que Alisa desatou a rir.

— Eu faria qualquer coisa para não ficar assim!

— Eu também. E isso me deixa ainda mais decidida a procurar a marquesa.

No fim da tarde, Alisa tinha ido para o quarto e ficou imaginando por que motivo Penélope ainda continuava lá embaixo. De repente, a mocinha entrou no quarto. Fechou a porta e disse:

— Você não vai acreditar! Descobri por que motivo a tia Harriet censura a marquesa de Conyngham!

— O que foi que ela fez?

— Prenda a respiração e escute! — Depois, de um modo dramático e lento, declarou: — A marquesa é a nova favorita do rei!

CAPÍTULO IV

A marquesa de Conyngham era gorda, amável, rica e gananciosa.

Aos cinquenta e dois anos, com quatro filhos crescidos, mal podia acreditar que seu novo “namorado” fosse o rei da Inglaterra.

Após vinte e sete anos de casada, sua beleza começava a declinar. Embora fosse bastante admirada, ninguém jamais a considerou especialmente divertida ou mais inteligente.

Era, entretanto, mais astuta do que muita gente acreditava. E o rei à adorava.

Já fazia algum tempo que ele via *lady* Hertford cada vez menos. A amante mostrava-se chorosa e zangada por perder as boas graças do monarca, além de não esconder grande despeito em relação à marquesa.

Entre as coisas que Elizabeth Conyngham mais apreciava estavam as jóias. Gostava muito de roupas bonitas e de dinheiro, mas as jóias eram o seu fraco e seus olhos brilhavam, quando recebia alguma de presente.

O rei percebeu isso e estava sempre dando-lhe brilhantes, pérolas e safiras.

Os amigos íntimos de George IV sabiam que ele sempre precisava de uma companheira afetuosa e maternal, e invariavelmente se apaixonava por uma mulher mais velha do que ele.

A marquesa era, na realidade, seis anos mais moça do que o rei. Mas não havia dúvida de que seus contemporâneos a consideravam idosa. O *beau monde* riu gostosamente de uma observação feita pelo neto de *lady* Hertford, lorde Beauchamp, que, ao ver o rei andar a cavalo no parque, ao lado da marquesa, disse:

– Meu Deus! Vovó precisa aprender a montar, ou estamos perdidos.

O rei encontrou, em seu convívio com a marquesa, uma coisa que suas outras favoritas não lhe deram: uma família. Amava os filhos de Elizabeth e escrevia cartas afetuosas e comoventes para Maria, a neta mais moça da amante.

A princípio, todos se surpreenderam com essa faceta afetuosa do caráter de George. Depois, acharam divertido. Estava tão apaixonado que chegou a fazer uma dieta rigorosa para ficar mais atraente, pensando o dia

todo de que modo poderia ser agradável à marquesa.

Apesar disso, muitas pessoas ficavam escandalizadas e chocadas com o caso, inclusive o irmão de Elizabeth e, agora, Alisa.

No primeiro momento, a moça fez pouco-caso da informação trazida por Penélope, considerando-a apenas mexerico dos empregados da casa.

— Como pôde discutir esses assuntos com os criados, Penélope? Sabe muito bem que mamãe não aprovaria.

— São os únicos seres humanos nesta casa sombria! Para dizer a verdade, fui eu que perguntei a Martha, com bastante tato, por que motivo tia Harriet não aprova uma pessoa que parece tão respeitável.

Martha era a criada particular de *lady* Ledbury, governanta da casa e também, já que Harriet não tinha ninguém com quem conversar, sua confidente.

Fazia trinta anos que trabalhava para *lady* Ledbury. Embora fosse um tanto austera e, certamente, puritana, Alisa gostava dela. Tinha sido muito boa para as duas irmãs, quando eram pequenas e a tia as mandava para a cama depois do tipo de ceia que Harriet considerava adequado para crianças.

Era Martha quem lhes levava geléias e uvas e, às vezes, um ou dois chocolates.

— Martha disse que a marquesa de Conyngham é tão gorda como o rei e que os caricaturistas fazem desenhos escandalosos dos dois — contou Penélope. — Precisamos ver essas caricaturas, quando tivermos oportunidade.

— Talvez seja melhor não irmos visitá-la — disse Alisa, com voz ligeiramente hesitante.

— Não visitá-la? Como você pode ser tão tola?

— Mas, se ela é... malcomportada...

— Se tem mesmo tanto prestígio com o rei, já pensou como seria vantajoso para nós, se fôssemos convidadas até para uma única festa? Encontraríamos todo mundo, lá, todo mundo!

Alisa achou que o conde estaria incluído e pediu, sem pensar:

— Por favor, Penélope, não insista em fazermos essa visita nem em tentar que ela nos ajude.

— Se você for estúpida a ponto de agir como a tia Harriet, então irei sozinha!

Estava aí uma coisa que Alisa não podia permitir.

Ao mesmo tempo, desejou ardentemente que o que Martha tinha dito não fosse verdade.

Afinal, a marquesa era velha demais para ter um namoro com o rei, ou com qualquer outro homem. Com certeza, era a inveja que fazia com que falassem mal de uma senhora que o rei queria apenas como amiga.

Rezou para que a verdade fosse essa. Mas, no dia seguinte, quando foram à loja da sra. Lulworth para provar os vestidos, Penélope fez questão de parar diante da loja que vendia caricaturas, em Bond Street.

Na vitrine havia uma feita por Rowlandson, apresentando o rei e a marquesa, ambos muito gordos e numa atitude de namoro.

Achando degradante até mesmo olhar para o desenho, Alisa só o viu de relance e seguiu adiante, deixando Penélope para trás.

Só depois que a irmã a alcançou, foi que Alisa disse:

— Acho errado você se interessar por essas coisas. Como é muito moça e vai ser uma debutante, peço-lhe que, se alguém mencionar o caso entre o rei e a marquesa, finja que não sabe de nada.

— Perfeitamente, srta. Puritana.

Gostaria de dizer mais alguma coisa, mas estava decidida a ir visitar a marquesa naquela mesma tarde e, se Alisa ficasse muito escandalizada, certamente se recusaria a acompanhá-la.

Os vestidos de noite eram muito bonitos. Penélope ficou tão encantada com o seu que Alisa achou difícil discutir o comportamento do rei e da marquesa (duas pessoas idosas, em sua opinião), quando ela e a irmã tinham tanto que agradecer a Deus.

Não queria, tampouco, pensar no homem a quem deviam sua sorte.

Mas não havia dúvida de que sentia um entusiasmo que nunca tinha tido, ao compreender que ela e Penélope iam ficar muito diferentes com os vestidos novos. Quando os experimentaram, ficaram mesmo tão bonitas e tão graciosas como deusas gregas!

“Devíamos usar estes vestidos e ficar num dos nichos da sala de jantar do conde”, pensou, involuntariamente. Depois, censurou-se por não esquecê-lo.

A sra. Lulworth prometeu entregar os trajes no dia seguinte e depois disse:

— Vocês me fazem honra. Espero que, se alguém perguntar onde compraram os vestidos, dêem o meu nome.

— Sabe que faremos isso — prometeu Penélope.

— Somos muito gratas. A senhora foi muito boa. A dona da loja sorriu, o que era raro.

— Hoje de manhã, vendi mais dez potes de creme. Só me restam vinte e nove.

— Isso é ótimo! Na semana que vem, minha irmã e eu teremos que ir ao campo, para fazer mais alguns.

— É melhor esperarmos mais um pouco — disse a sra. Lulworth, cautelosa. — Mas é provável que seja mesmo necessário.

Quando caminhavam por Bond Street, em direção à casa da marquesa, Alisa tentou de novo se convencer de que a história de Martha sobre o caso do rei com a amiga de infância de sua mãe não passava de mexerico.

Não podia acreditar que uma pessoa da geração de sua mãe tivesse um caso amoroso, nem mesmo com um rei. Embora reconhecesse que era muito ignorante nesses assuntos, supunha que os apaixonados se beijassem como o conde a beijara.

Mas o que ele lhe havia oferecido não era amor! Ao mesmo tempo, reconhecia que sabia muito pouco a respeito do que um homem sentia por uma mulher, ou uma mulher por um homem, e era um assunto que não queria discutir com a irmã. “Se mamãe fosse viva, eu lhe pediria que me esclarecesse.” Depois, achou que não poderia contar, nem mesmo à mãe, que tinha sido beijada. Nem descrever a sensação estranha que tivera.

Estavam chegando perto da mansão imponente que Penélope sabia, também por informação de Martha, ser a residência da marquesa e de seus filhos solteiros.

— Estou rezando, Alisa, e espero que você também reze, para que a marquesa esteja em casa.

Na verdade, Alisa estava rezando justamente para que acontecesse o contrário, de modo que elas deixariam ali a carta e voltariam para casa. Mas sabia que as damas de sociedade costumavam receber os amigos num determinado dia da semana e em geral escolhiam a quarta ou a quinta-feira.

Era quarta. Como sempre, a sorte favoreceu Penélope. As duas irmãs viram, do lado de fora da casa, várias carruagens de luxo, o que indicava que naquele dia a marquesa recebia.

Com uma autoconfiança que Alisa invejou, achando que ela é que devia sentir isso, e não a irmã mais moça, Penélope perguntou ao mordomo:

— A marquesa está em casa?

— — Sim, senhorita.

— Então, faça o favor de lhe entregar este bilhete. E quer ter a bondade de lhe perguntar se pode receber a srta. Alisa e a srta. Penélope Wynton?

O mordomo pegou o bilhete e mandou um laçao levá-lo ao andar de cima, de onde vinha um ruído de vozes.

Enquanto as moças esperavam no saguão, uma carruagem parou à porta e duas senhoras elegantemente vestidas, com uns chapéus bonitos, de copa alta e enfeitados de plumas, desceram, entraram na casa e subiram a escada.

Penélope observou-as e comentou:

— São elegantes, mas não tanto quanto você e eu! Não fique com essa cara assustada, querida. Este é o momento pelo qual esperamos, e garanto que não vai ficar decepcionada.

Alisa fez um esforço para sorrir. Desejou estar em casa, no campo, usando seu vestido modesto e pobre, admirando os narcisos e fazendo os comentários com as receitas deixadas pela mãe.

Depois, olhou para a irmã e achou que não podia haver criatura mais bela.

A sra. Lulworth tinha insistido para que os vestidos das duas, embora diferentes, combinassem um com o outro, sendo ambos de cor discreta. Enquanto as moças experimentavam as roupas, a lojista tagarelava.

— Madame Vestris sempre diz que uma estrela precisa sobressair e que os olhos do público não devem ser distraídos por uma porção de detalhes. Isso se aplica também às cores.

Assim, o vestido de Penélope era cor-de-rosa; o chapéu, enfeitado com rosas e com fitas de cetim da mesma cor. As sandálias, que apareciam sob a barra trabalhada da saia, também eram rosadas.

Já Alisa estava com um vestido de um azul muito claro, da cor do céu de primavera, que combinava maravilhosamente com sua pele muito branca e os olhos profundos e misteriosos.

A sra. Lulworth tinha enfeitado seu chapéu com miosótis. Na borda da aba havia um debrum estreito de tule azul.

— Você parece estar saindo do nevoeiro da madrugada! — disse Penélope, quando a viu pronta.

— E você está sendo poética — respondeu, com um sorriso.

Imediatamente, pensou nos livros da biblioteca do conde.

O laçao voltou, descendo a escada apressadamente, e as duas moças ficaram de respiração suspensa. Falou com o mordomo e Alisa pensou, apreensiva, como a irmã ficaria decepcionada, caso não fossem recebidas.

— A marquesa terá muito prazer em recebê-las — disse ele, cortesmente, subindo a escada na frente das irmãs, para indicar-lhes o caminho.

Quando entraram na vasta sala de visitas, que tomava toda a largura da casa e dava para o jardim, Alisa teve a impressão de que tudo girava à sua frente. Nada via, além de um mar de rostos.

Mas não havia ali muita gente, como a moça percebeu, quando sua visão clareou. Não foi difícil descobrir quem era a marquesa, exatamente igual ao desenho da caricatura.

— Srta. Alisa e srta. Penélope Wynton, senhora marquesa! — anunciou o mordomo.

Uma mulher grande se aproximou das moças, de mãos estendidas.

— Minhas queridas! Muito prazer em conhecê-las! Muitas vezes pensei em sua querida mãe e lamento ela não estar mais na companhia de vocês.

Alisa fez uma reverência e olhou para o rosto da marquesa. Notou que sorria como se estivesse realmente satisfeita por conhecê-las.

A moça achava que teria percebido, se ela apenas se mostrasse cortês.

— Há uma grande semelhança entre vocês e sua mãe. E como são bonitas! Tenho certeza de que vão fazer sucesso, em Londres. Seu pai as acompanhou?

— Não, senhora. Está na Escócia — respondeu Penélope. — Fez uma pequena pausa e continuou: — Ele nos mandou para Londres, para a casa de sua irmã, *lady* Ledbury, mas a vida lá é muito monótona e tínhamos esperança de que a senhora se lembrasse de mamãe e fosse gentil conosco.

Alisa prendeu a respiração. Nunca tinha imaginado que Penélope pudesse ser tão franca ou que pedisse a ajuda da marquesa já no momento em que a conhecia.

Mas logo compreendeu que a irmã, sendo muito esperta, se aproveitava de uma oportunidade que talvez não se repetisse.

Enquanto a marquesa conversava com as duas moças, ninguém parecia querer atrair sua atenção, de modo que Penélope estava “malhando

enquanto o ferro está quente”, como costumava dizer, num estilo que Alisa achava deplorável.

— Isso, minhas queridas, é exatamente o que pretendo fazer!

— Mamãe sempre nos dizia como a senhora era boa, quando ela era mocinha. Por isso que minha irmã Alisa e eu lhe trouxemos uma coisa que pertenceu a mamãe, esperando que a senhora vá gostar da lembrancinha.

— Que gentileza!

Alisa entregou-lhe o presente, embrulhado no papel de seda de um dos vestidos mandados pela sra. Lulworth e amarrado com uma fita azul. O pacote estava muito bonito, com um laço.

— Vou abri-lo mais tarde, quando não estiver tão ocupada — disse a marquesa. — Poderemos, então, conversar sobre sua mãe e lhes direi como era bonita e como fomos amigas. — Sorriu e continuou: — Mas agora quero apresentá-las a meus amigos. Acontece que amanhã vou dar um jantar aqui, para minha filha Elizabeth. Os jovens vão dançar, depois, e faço questão de que vocês também venham.

— Oh, muito obrigada! — exclamou Penélope. — Alisa e eu estávamos com receio de não ter oportunidade de dançar, aqui em Londres. E dançar é uma das coisas de que mais gosto!

— Farei com que tenham muitas oportunidades de dançar e de conhecer uns rapazes simpáticos.

Olhou em volta, para apresentar as duas moças às outras visitas.

Mais tarde, as irmãs voltaram para casa numa carruagem de aluguel, porque Penélope disse que estava cansada demais para andar e também porque já era tarde para duas moças andarem sozinhas na rua.

— Não posso acreditar que isto seja verdade!

— Você tinha razão, e eu, não — confessou Alisa. — A marquesa é exatamente o tipo de amiga que mamãe teria. E não acredito em uma só palavra das maldades que dizem sobre ela e o rei.

— Não, claro que não.

Alisa achou que havia na voz da irmã uma entonação de dúvida, mas sentia-se muito feliz com o que estava acontecendo e não fez mais nenhum comentário. Era impossível não ter percebido que a maneira como a marquesa as tratara tinha impressionado as outras visitas.

A maioria das amigas era da mesma idade da dona da casa. Mas algumas tinham vindo com o marido. Alisa achou que o jeito como eles

olhavam para ela e para Penélope ia desencorajar as esposas de convidá-las para qualquer festa que dessem.

Mesmo assim, uma ou duas senhoras disseram que iam pedir o endereço das duas irmãs à marquesa, a fim de convidá-las para festas que se realizariam mais no meio da estação. Apenas as mais moças é que as olharam de um modo hostil, obviamente não desejando um contato mais íntimo com duas rivais em potencial.

Só o fato de saber que iam jantar em casa da marquesa no dia seguinte deixou Penélope radiante. Não falou de outra coisa, a caminho de casa.

— Estamos lançadas na sociedade, Alisa! Não percebe? É a coisa mais excitante que jamais nos aconteceu.

— E tudo graças a você, querida. Só espero que nossos barquinhos frágeis não naufraguem.

— Por que haveriam de naufragar? E vamos precisar de mais de um vestido para cada uma.

— Oh, não! Não estamos em condição de comprar mais nenhum.

— Não se lembra de que a sra. Lulworth nos encomendou mais alguns cremes? Você é uma medrosa, Alisa! Além do mais, se nos virmos em dificuldades, poderemos pagar nossas contas depois de casadas..

— Não vá tão depressa. Fomos convidadas apenas para uma festa, e você já está falando em casar. Provavelmente, está até pensando num duque!

— Não estava pensando em nada menos do que um príncipe. As duas riram tanto que não puderam continuar a conversa.

Caminhando pelo jardim, nos fundos da casa da marquesa, iluminado por lanternas chinesas penduradas nas árvores, Alisa achou que sonhava.

Era difícil acreditar que o plano de Penélope ia dar certo, mas agora não podia deixar de achar que havia uma grande semelhança entre a história delas e a das irmãs Gunning.

O convite da marquesa, que foi entregue em Islington Square, na manhã seguinte à sua primeira visita, surpreendeu *lady* Ledbury.

Estranhamente, esse convite silenciou qualquer protesto da tia. Pouco depois chegaram mais dois, de senhoras que elas não se lembravam de ter conhecido em casa de Elizabeth. Talvez as convidassem apenas por terem ouvido falar nelas.

— Assim que começarem a falar de nós, todo mundo vai querer nos convidar — disse Penélope.

– Como é que sabe disso?

– Ainda estou pensando na história das irmãs Gunning. As anfitriãs gostam de receber em suas casas as últimas “novidades”.

– E é isso o que somos?

– Espero que sim – respondeu Penélope, com fervor.

Mas, quando se dirigiram para a festa, ela estava um tanto apreensiva.

– Esse vai ser o verdadeiro teste.

– Teste de quê? – perguntou Alisa.

– Para sabermos se somos ou não um sucesso. Afinal, até agora não tivemos competição. Mas hoje à noite haverá não apenas moças de nossa idade, como mulheres fascinantes e sofisticadas, que são cortejadas pelos elegantes de St. James, enquanto seus maridos cortejam as esposas de outros homens.

Alisa contraiu-se.

– Você não deve dizer esse tipo de coisa.

– Estou falando só com você. Se não me der ouvidos, terei que procurar outra pessoa para conversar.

Ela estava brincando, mas Alisa pensou que uma das garantias contra a impetuosidade de Penélope era as duas sempre usarem de toda franqueza uma com a outra. E esperava, embora não tivesse certeza, poder controlar a tendência da irmã de agir sem refletir.

Não gostava de pensar que Penélope poderia comentar o mau comportamento do rei, ou de qualquer outra pessoa. Mas sabia também que era impossível evitar os mexericos sobre tais assuntos.

Pensou em seu próprio comportamento repreensível, mas logo tentou afastar a lembrança do conde e do que tinha acontecido entre eles.

A casa da marquesa estava muito imponente, à noite, com tochas já acesas e um tapete vermelho estendido do lado de fora. As carruagens se sucediam, trazendo os convidados.

Alisa achou que talvez tivessem sido indelicadas, não tentando fazer com que a tia fosse incluída no convite, mas não sabia como essas coisas eram feitas, mesmo que desejasse que *lady* Ledbury as acompanhasse.

Quando disse a Penélope que era pouco amável deixar Harriet em casa, a jovem protestou:

– Pelo amor de Deus, Alisa! A última coisa que poderíamos querer era ver a tia Harriet na festa, parecendo um esqueleto e provavelmente

pregando um sermão ao rei sobre a imoralidade.

Alisa não pôde deixar de rir. Depois perguntou, em voz baixa:

— Você acha que o rei... vai estar lá?

— Não, claro que não.

De novo, sua voz teve um tom dubio, que deixou Alisa apreensiva.

Quando entraram, viram um verdadeiro exército de criados de librés elegantes, com galões dourados, calças brancas e perucas empoadas.

As duas irmãs tiraram os agasalhos, que combinavam com os vestidos. Alisa tinha certeza de que pagariam alguma coisa extra por eles, cedo ou tarde. Subiram a escada ao encontro da dona da casa.

Mais imponente do que nunca, a marquesa estava cheia de jóias. Seus brilhantes cintilavam. Recebeu as duas moças com um sorriso, beijando-as nas faces.

— Sejam bem-vindas, minhas queridas! — disse, efusivamente,

Inclinando a cabeça,, onde se via uma grande pena branca presa por um enorme broche de brilhantes. — Estas são as filhas de *lady* Wynton, meu bem — acrescentou, virando-se para o marido a seu lado.

Depois que o marquês apertou a mão das duas irmãs, elas foram apresentadas à filha do casal, em honra de quem estava sendo dada a festa.

Ao jantar, Alisa ficou sentada ao lado de um senhor de meia-idade, que lhe fez vários elogios. Depois, ao saber que ela morava no campo é se interessava por cavalos, o homem começou um discurso longo e pouco interessante sobre os méritos e os sucessos de vários haras.

No outro lado de Alisa, estava sentado um rapaz com expressão vazia e que, pela aparência, devia ser um almofadinha. Sua gravata estava atada tão fortemente e tão no alto que ele tinha dificuldade para comer e para falar.

Alisa fez o possível para conversar com ele, mas achou-o muito maçante. Virou-se então para o outro vizinho de mesa, com certo alívio.

Descobriu que era viúvo e pai de uma debutante que, como Penélope, tinha acabado de fazer dezessete anos. Era a segunda festa para a qual a filha tinha sido convidada, em Londres.

Quando ficou conhecendo a mocinha, depois do jantar, Alisa teve pena dela. Era, obviamente, muito tímida e talvez tivesse sido mais apreciada se fosse um cavalo!

As senhoras se retiraram, deixando os homens à mesa, com seu vinho do Porto. Com poucas exceções, foram muito corteses com Alisa e Penélope.

Os convidados só para o baile começaram a chegar. Alisa percebeu que, longe de ser uma reuniãozinha, como a marquesa a tinha descrito era na realidade uma festa grande.

No andar de baixo, o salão de baile estava decorado com grinaldas de flores, as portas-janelas abrindo-se para o jardim. Havia uma banda, e Alisa sentiu que a música a levava para um país encantado, que só tinha conhecido em livros.

Os rapazes pareciam ansiosos para dançar com as duas irmãs, e Penélope estava radiante.

O jardim parecia um país de fadas. Foi o que Alisa pensou, quando saiu, ao lado de seu par, o senhor de meia-idade que se sentara a seu lado, ao jantar.

Mas sabia que não devia se afastar muito das luzes da casa, nem parar nos caramanchões que havia nas sombras, por entre as moitas floridas.

“Eu devia ter prevenido Penélope para que tivesse cuidado.” Pensou que, se o conde a havia beijado na biblioteca de sua casa, seria muito mais perigoso ficar sozinha com um homem no jardim, ao som da música distante.

— Espero que um dia venha conhecer meus cavalos, em Epson — disse o cavalheiro. — Tenho certeza de que os achará magníficos.

— Garanto que o senhor obtém muito sucesso com eles — respondeu Alisa, com um sorriso.

— Espero obter mais ainda e ganhar a Taça de Ouro, em Ascot, este ano.

— Qual o nome de seu cavalo que vai concorrer? Diga-me, porque vou fazer uma prece especial para que seja o vencedor.

— Tem um nome muito apropriado: Vitorioso. E, como espero vê-la várias vezes antes disso, srta. Wynton, vou cobrar sua promessa.

— Meu pai disse que a Taça de Ouro é o prêmio mais cobiçado pelos proprietários de cavalos.

— É verdade. Mas Vitorioso vai ter que vencer um cavalo excepcional, que, infelizmente para mim, ganhou dele por um quase nada, em várias corridas recentes.

— E qual o nome desse outro?

— Apolo. Deve ter ouvido falar nele, porque pertence ao conde de Keswick.

— O conde de... Keswick?

Alisa não soube com certeza se repetiu o nome em voz alta ou apenas em pensamento.

— Ele tem tido muita sorte com Apolo, srta. Wynton. Vê que preciso de suas orações.

Chegaram ao fim da alameda ladeada por luzes e voltaram, então, em direção à casa.

De repente, o cavalheiro exclamou:

— É só falar no diabo e ele aparece, conforme diz o ditado. Lá está o conde. Pensei que ele viesse com o rei.

Alisa achou que ia ter dificuldade em respirar, pois viu, de pé, do lado de dentro de uma das portas-janelas do salão de baile, ao lado do rei George IV, a figura alta, elegante e igualmente resplandecente do conde de Keswick!

Por um momento, quis fugir, esconder-se, escapar. Chegou a pensar em procurar a irmã e dizer que não estava passando bem.

Mas, se fizesse isso, teria que explicar à marquesa por que motivo desejava ir embora. E a dona da casa estava ao lado do rei e junto do conde.

Tudo pareceu confuso, em sua mente, e não conseguiu tomar uma decisão.

Enquanto isso, dirigiam-se para o salão, seu companheiro falando o tempo todo.

— Espero que dance comigo de novo, srta. Wynton. Para dizer a verdade, assim que eu tiver cumprido meu dever social com duas das senhoras aqui presentes, irei à sua procura.

— Obrigada... — disse, com a voz estrangulada.

Entraram no salão, e ela pensou que provavelmente o conde não a reconheceria. Ele a tinha visto com um vestido modesto, e agora estava muito diferente, com um traje bonito e caro, e os cabelos penteados na última moda.

Além do mais, por que iria ele esperar vê-la em casa da marquesa de Conyngham?

Relanceou o olhar para o conde e achou que parecia entediado e, ao mesmo tempo, assustador, como quando o vira no camarim de madame Vestris.

Virou-se para que, se ele olhasse naquela direção, só visse suas costas. Ainda em companhia do senhor de meia-idade, foi para a outra extremidade do salão, onde, com grande alívio, viu Penélope.

A jovem conversava animadamente com um rapaz que tinha sido seu

vizinho à mesa.

Quando se juntou à irmã, o par de Alisa inclinou-se diante dela e afastou-se. Penélope disse:

– Oh, querida, quero que conheça o major James Coombe. Ele vai nos convidar para o *Trooping of the Colour*, que, diz ele, é um espetáculo magnífico!

– Quase tão espetacular como a senhorita e sua irmã – disse o rapaz, galantemente.

Penélope riu.

– São essas as coisas elogiosas que ele diz, mas não acredito em uma única palavra!

– Oh, isso é maldade sua! – protestou o major. – Juro que tudo o que lhe disse hoje é verdade e que viria do fundo de meu coração, se eu tivesse coração!

Alisa riu, percebendo que, apesar da brincadeira, ele estava encantado com a beleza de Penélope, o que não a surpreendeu.

Não acreditava que existisse moça mais fascinante do que Penélope, tal como estava nesse momento. Seus olhos brilhavam como estrelas, tamanhas eram sua felicidade e a excitação que sentia.

A música recomeçou e vários rapazes se aproximaram para tentar dançar com as irmãs.

Os que ficavam decepcionados diziam:

– Prometa-me a próxima contradança! Prometa!

A mãe de Alisa lhe havia dito várias vezes que os bailes eram em geral muito formais e que nenhum cavalheiro tirava uma moça para dançar, a não ser que lhe tivesse sido apresentado pela dona da casa ou por alguma outra senhora.

Agora, percebia que aquela festa era informal e que, por esse motivo, a marquesa a chamara de “reuniãozinha”.

Era, sem dúvida, muito mais divertido! Quando ela e seu novo par chegaram ao outro lado do salão, Alisa viu o conde.

Ele ainda se achava ao lado do rei, que estava sentado num sofá, segurando a mão da marquesa e falando-lhe ao ouvido, com ar íntimo.

Não havia dúvida, pensou Alisa, de que o conde parecia ainda mais entediado do que quando havia chegado, estando também com uma expressão sombria.

Ela virou a cabeça para o outro lado, quando passaram por ele, mas teve a impressão de que os pensamentos do conde estavam longe. Ficou imaginando se madame Vestris teria ficado zangada com ele por não estar a seu lado, essa noite, e por não levá-la para cear depois do espetáculo.

Gostaria de saber aonde teriam ido, sobre o que costumavam conversar e se o assunto seria tão interessante como o deles, no dia em que ela almoçara em casa do conde.

Imaginou-os ceando, talvez em casa de madame Vestris. Será que o conde beijaria a atriz como a beijara na biblioteca?

Com um sobressalto, percebeu que a música tinha parado e que seu par esperava a resposta a uma pergunta.

— Desculpe... Não ouvi o que disse — explicou a moça. Então, percebeu que o conde tinha saído de seu lugar perto do rei e estava a pequena distância dela. Ao olhar para ele, notou que, surpreso, a reconheceu.

— Perguntei se você quer ir jantar em casa de minha mãe, amanhã — disse o par de Alisa. — Ela vai dar uma festa para minha irmã e posso fazer com que você e sua irmã sejam convidadas. Por favor, diga que vai.

— Obrigada, muito obrigada — respondeu, mal sabendo o que dizia.

Depois, como que impelida por uma força irresistível, afastou-se de seu par, em direção ao conde. Só quando chegou junto dele, soube o que devia fazer e que era imperativo que o fizesse imediatamente.

Estava constrangida demais para encará-lo. Em vez disso, olhou para a gravata dele, que lhe pareceu ter um nó ainda mais complicado do que o da outra vez, e disse:

— Por favor, posso falar com o senhor?

Mal ouviu a própria voz, mas o conde certamente a escutou, porque respondeu:

— Claro que sim. Vamos para o jardim?

Caminharam pela sala, Alisa dando dois passos para cada um dos dele, sentindo como se estivesse sendo levada para o cadafalso. Achou que, a não ser que o convencesse a fazer o que desejava, ela e a irmã teriam que recusar todos os convites. E sabia que, se tal acontecesse, Penélope jamais a perdoaria.

O conde caminhou não pela alameda iluminada por onde Alisa tinha passeado com seu vizinho de mesa, e sim, pelo gramado, até um lugar sob as árvores, protegido por folhagens e onde havia um banco com algumas

almofadas.

Esperou que Alisa sentasse e depois sentou-se ao lado dela, virando-se de lado e descansando o braço no encosto do banco.

A moça sentiu que a fitava, mas não teve coragem de olhar para ele. Torcia as mãos, pensando, desesperada, no que poderia dizer.

Finalmente, como ele continuava esperando, ela começou:

— Por favor, perdoe-me. Sei que errei e que deve estar muito zangado porque ficamos com seu dinheiro, mas é que era muito importante.

— Você me contou que era para uma coisa muito especial. Suponho que tenha sido para comprar o vestido que está usando.

Alisa achou que ele era muito inteligente por adivinhar tão depressa.

— Eu queria devolver o cheque, mas, se fizesse isso, deixaria minha irmã desolada. Ela achou que foi uma dádiva dos... deuses.

O conde sorriu.

— Os deuses certamente cuidam dos seus. Quando você fugiu, pensei que tivesse ido para o Olimpo.

Alisa pensou que ele estivesse zombando dela.

— Pode pensar que roubamos seu dinheiro, mas juro que pagarei tudo, mesmo que leve muito tempo.

— Com o que ganhar com seus cremes?

— Já vendemos muitos. Também sobre isso gostaria de falar com o senhor.

Alisa tinha a impressão de que as palavras ficavam presas em sua garganta. Dali a minutos, o conde disse:

— Estou esperando.

— Bem, a marquesa de Conyngham e minha mãe foram amigas, quando jovens, e a marquesa nos convidou para a festa de hoje. Tivemos outros convites também... — Olhou para o conde com ar súplice e continuou, corajosamente: — Por favor, não conte a ninguém que vendemos cosméticos, nem que guardei o dinheiro que me deu.

— Acha que eu faria isso?

Alisa fez um gesto, mostrando-se desamparada.

— Se o fizer, sabe que ninguém mais vai querer saber de nós.

— O que significaria, naturalmente, que você teria que voltar a trabalhar para os missionários.

— Sim, é verdade. Era o que minha tia esperava de nós, quando

chegamos. Mas, em vez disso...

Sua voz morreu. O conde completou a frase:

— Você gastaram cinquenta libras em roupas.

Alisa inclinou a cabeça. Ainda com voz súplice, disse:

— Como é que poderíamos ir a algum lugar e conhecer gente nova, com roupas feitas por nós mesmas, completamente fora de moda? O senhor viu como eu estava vestida, quando nos conhecemos.

— No camarim de madame Vestris, um lugar nada apropriado para uma debutante!

— Sei que era errado, mas era o único meio de conseguirmos um pouco de dinheiro: vendendo os cremes que mamãe nos ensinou a fazer. A sra. Lulworth disse que, se madame Vestris os comprasse, todo mundo iria querer comprar!

— Acha que a sra. Lulworth é capaz de traí-las?

— Não. Ela jurou que não diria de onde vêm os cremes. E não é provável que eu torne a ver madame. Ninguém me viu lá... a não ser o senhor.

— Quando você foi ao teatro, não pensou que poderia encontrar homens, lá?

— Não. Mas agora... estou com receio.

— Com receio?

— Receio de que o senhor conte aos outros e também... Houve um momento de silêncio.

— Gostaria de ouvir o fim da frase — disse o conde.

Alisa corou, lembrando-se de que ele a tinha beijado e também do que ela sentira. Incapaz de falar sobre essas coisas, virou o rosto para outro lado.

Depois do que pareceu um longo silêncio, o conde perguntou:

— Ficou muito escandalizada com o que lhe propus?

— Muito!

— Não posso censurá-la por isso, nunca pensei que uma vendedora de cosméticos pudesse ser uma dama da sociedade!

Falou num tom seco, zombeteiro, que ela já conhecia. Impulsivamente, Alisa disse:

— Está rindo de mim. Sei que foi errado almoçar sozinha com o senhor, mas eu estava com fome e sabia que papai não gostaria que eu fosse almoçar num lugar público.

– Quando foi que percebeu que era errado? Naquela ocasião, não pareceu pensar assim.

– Penélope me disse que eu não devia ter ido almoçar em casa de um homem. Compreendi que estava certa, mas era tarde demais.

– Tarde demais para evitar que eu a beijasse? Alisa abaixou a cabeça.

– Estou muito... envergonhada.

– Não há nada de que se envergonhar. E tive a impressão de que, embora talvez me enganasse, não achou repulsivo.

– Não, claro que não! Mas era uma coisa que eu não devia ter... permitido.

– Creio que você não poderia impedir que acontecesse. Alisa sabia que era verdade. O conde continuou, serenamente:

– Se isso a perturba, esqueça.

Pela mente de Alisa passou a idéia de que era impossível. Minutos depois, disse:

– Vai se esquecer de que me conheceu antes de hoje?

– Digamos que eu não falarei disso a ninguém.

– É verdade? Promete?

Olhou ansiosa para o conde. Quando os olhares de ambos se encontraram, sentiu que ele a fascinava e teve de novo a sensação de estar nos braços daquele homem.

Como se voltasse ao passado, experimentou uma intensa felicidade.

Era tudo tão perfeito, com a música ao longe, o farfalhar das folhas nas árvores!... Por um momento, sentiu que lhe era impossível desviar o olhar; que tinha dificuldade até em respirar.

– Eu lhe dei minha palavra, Alisa. Agora, trate de se divertir. E lembre-se de uma coisa: o que os deuses dão os deuses não tiram.

Ela ia agradecer, quando o conde se levantou.

– Vamos voltar para o salão. Não podemos permitir que os mexeriqueiros falem de você, como certamente falarão, se ficarmos aqui por muito tempo mais.

A expressão seca e cínica voltou à voz dele. Mas, enquanto Alisa caminhava ao lado do conde, seu coração cantava.

CAPÍTULO V

Houve uma batida forte na porta da entrada, que pareceu ecoar pela casa. Penélope olhou para Alisa e sorriu.

— Mais flores?

A sala, obviamente, não precisava de mais. As duas moças eram cumuladas de buquês que chegavam todos os dias, além de muitos convites.

As criadas já se queixavam de dor nas pernas, por terem que subir e descer o tempo todo, do porão até a entrada. E *lady* Ledbury estava atônita com a sensação que as sobrinhas causavam na corte.

Mais ainda: anfitriãs mais tradicionais tinham incluído as duas em suas listas de convidados. A princípio, a tia se recusou a acompanhá-las, mas Alisa conseguiu convencê-la a ir a uma ou duas recepções.

Pela primeira vez, a velha se mostrou feminina, dizendo:

— Como posso ir a uma festa? Não tenho roupa apropriada para esse tipo de coisa.

Alisa convenceu-a a comprar um vestido e um chapéu azuis, em vez de pretos. Depois que os cabelos da velha senhora foram penteados pela cabeleireira que vinha quase todos os dias arrumar as moças, *lady* Ledbury ficou quase bonita.

— Por que você se preocupa com titia? — perguntou Penélope irmã, quando estavam a sós.

— Tenho pena dela.

— Ela será muito feliz com seus missionários e seus folhetos.

— Creio que a coitada se dedicou a obras de caridade porque não tinha nada mais para fazer.

Penélope olhou para Alisa, com surpresa, e a moça continuou:

— Pode imaginar como a vida dela deve ser vazia, com esses missionários falando o tempo todo de crianças negras que andam nuas, e o vigário não pensando em outra coisa, a não ser em levantar dinheiro para a igreja?

Impulsivamente, Penélope beijou a irmã.

— Você sempre tem alguma coisa boa a dizer a respeito de todo mundo, querida. Seu marido será uma homem feliz.

Penélope já tinha tido um pedido de casamento, mas de um rapaz tolo, e nem pensou em aceitar. Por outro lado, isto era encorajador.

As duas desceram a escada correndo. Como esperavam, a empregada estava recebendo mais flores: um buquê, uma cesta de orquídeas e uma caixa grande.

— Mais flores! — exclamou Penélope.

— Isso mesmo, senhorita — respondeu a criada, de mau humor. — E quero que sejam as últimas! Estou velha demais para subir e descer escadas!

Colocou a cesta de orquídeas aos pés de Penélope e depois saiu, arrastando-se como se suas pernas não a agentassem.

— Talvez possamos convencer tia Harriet a tomar um laçao, provisoriamente, enquanto estivermos aqui, — disse Alisa.

Penélope não respondeu: olhava para o cartão que acompanhava a cesta de orquídeas. Quando viu a coroa no alto do papel, exclamou com ar de triunfo:

— É do seu duque.

Alisa franziu as sobrancelhas.

— Ele não é o meu duque.

— Claro que é! E, a julgar pelo tamanho da cesta e pelo preço das orquídeas, não levará muito tempo para ele lhe pedir, querida, que seja sua duquesa.

Alisa pegou o cartão e leu: “Para agradecer-lhe por uma noite encantadora.

Exminster”

Alisa tinha ficado surpresa, ao saber que o cavalheiro que sentara a seu lado, no jantar da marquesa, era o duque de Exminster.

Foi Penélope quem soube que o duque tinha os melhores haras do país e que seu único rival era o conde de Keswick.

Desde aquela noite, o duque ficava ao lado de Alisa em todas as festas. Percebendo que ele se tornava muito possessivo, na véspera, a moça o evitara ao máximo o *tête-à-tête* que o homem obviamente desejava ter com ela. Também de propósito, dançou apenas duas vezes com ele.

Era difícil explicar a Penélope que não queria que o duque chegasse a pedi-la em casamento, pois era isso o que Alisa sentia, instintivamente, que ia acontecer.

Sabia apenas que a idéia de casar com um homem tão mais velho a

assustava. Agora que existia a possibilidade de realização daquilo que antes tinha sido apenas uma fantasia, ela não queria se comprometer de modo algum.

Não podendo discutir com a irmã seus sentimentos pelo duque, largou o cartão e mudou de assunto.

— Que flores você recebeu, querida?

Penélope segurava a caixa comprida. Abriu-a, e Alisa viu que dentro havia apenas uma rosa.

— Que presente estranho! Quem o mandou? Penélope entregou-lhe o cartão, onde estava escrito: “Uma rosa para outra rosa.”

Alisa riu.

— Você não escapa de ser comparada a uma rosa, querida. E, com seu vestido cor-de-rosa, parecia realmente uma.

— Estou farta dessa comparação — disse Penélope, bruscamente. — E aquele maçante major Coombe não pára de me amolar com isso.

— É um verdadeiro elogio.

— Um elogio que não quero receber dele! — Pegou o buquê. — Isto aqui é bem melhor! Tenho a maravilhosa impressão, querida, de que vamos bater as irmãs Gunning. — De que modo?

— Você vai casar com um duque e eu também.

Alisa encarou-a, de olhos arregalados.

— Está falando do duque que dançou com você ontem à noite?

— Claro! E posso lhe garantir, querida, que é muito ardente! — Ficou observando a irmã, ao acrescentar: — Se nós duas nos tornarmos duquesas, tenho certeza de que vamos entrar para a História.

Alisa ficou calada.

Quando foi apresentada ao duque de Hawkeshead, achou-o insignificante. Tinha um rosto vermelho e não era nada bonito. Além do mais, não gostou de seu modo de olhar para Penélope. Embora não soubesse explicar por que, achou que era impertinente.

Estava também vestido com desleixo e, no fim da noite, seu rosto se tornara ainda mais vermelho e ele falava alto demais, como se tivesse bebido em excesso.

Teve vontade de dizer a Penélope que o duque era o último homem que desejaria para seu marido.

Depois achou que seria um erro mostrar-se muito crítica e disse

apenas:

— Você está fazendo tanto sucesso, querida, que não precisa resolver nada apressadamente. Creio que a tia Harriet já se conformou com a nossa presença aqui. Para dizer a verdade, embora ela não o confesse, creio que está achando divertida toda esta excitação.

— Claro que está. E me esqueci de lhe dizer, Alisa, que ontem à noite a sra. Lulworth mandou um bilhete, dizendo que quer mais creme imediatamente e que vai deixar aqui em casa duzentos potes vazios, hoje.

— Duzentos! Que maravilha! Agora talvez possamos comprar mais um vestido, cada uma de nós.

— Quero muito mais do que isso — declarou Penélope. — Estou cansada de ser vista de cor-de-rosa, e meu vestido de noite está em frangalhos!

Alisa sabia que era quase verdade. Ela e Penélope tinham sido obrigadas a consertar suas roupas. Embora tivessem mudado a cor das fitas, sabiam perfeitamente que as mulheres, nas festas, não se iludiam e percebiam que as duas irmãs usavam sempre o mesmo vestido.

Alisa fez mentalmente a conta de quanto receberiam por duzentos potes de creme, mas já estavam devendo à sra. Lulworth e não tinha vontade de comprar mais nada a prazo.

Não foi preciso dizer coisa alguma, para que Penélope soubesse o que a irmã pensava.

— Oh, pelo amor de Deus, vamos nos divertir enquanto podemos. Já que nossos futuros maridos são riquíssimos, por que havemos de economizar cada níquel, só para apaziguar a sua consciência, Alisa?

— Gostaria que você não falasse como se eu tivesse concordado em casar com o duque, que ainda nem me pediu em casamento.

— Mas pretende pedir.

— Ainda não resolvi se vou aceitar.

— Como é que pode ser tão ridícula? Já pensou na alternativa, se não aceitar ser duquesa? Voltar para o campo e ficar sentada, sem ver ninguém, sem fazer nada, a não ser copiar os manuscritos de papai.

— Eu tinha você e me sentia feliz.

Essa resposta fez com que Penélope ficasse imediatamente arrependida.

— Perdoe-me por me mostrar tão má, querida. Mas você sabe que o

que está acontecendo nunca mais se repetirá. — Percebendo que Alisa não tinha entendido, explicou: — Estamos fazendo sucesso porque somos uma novidade e porque *beau monde* sempre se interessa por alguma coisa nova e sensacional. Mas, daqui a alguns meses, provavelmente todos já estarão habituados conosco. Surgirão outras irmãs, talvez trigêmeas, que tomarão nosso lugar, e seremos esquecidas!

Alisa riu.

— Não creio que isso aconteça, mas compreendo o que está dizendo.

— Precisamos ser como os fazendeiros, em nossa terra, que sempre dizem: “Aproveitem o bom tempo!” E é isso que vamos fazer. Então, agradeça as flores ao seu duque, de um modo muito bonitinho, e prometa dançar com ele no baile que meu duque vai dar depois de amanhã.

— Ele vai dar um baile? — perguntou Alisa, surpresa.

— Disse que é em minha homenagem. E tenho a impressão de que pretende me pedir em casamento e anunciar o noivado, em seguida. Gosta de causar sensação.

Alisa pensou que não era assim que gostaria de ver seu noivado anunciado, porque certamente seria embaraçoso. Mas novamente achou um erro dizer isso. Perguntou, então:

— Quando é que você acha que devemos ir para casa, fazer os cremes?

— Creio que amanhã. O único convite que deixaremos de aceitar é o daquela amiga maçante da tia Harriet, que vai dar um almoço apenas porque estamos na moda.

— Talvez seja indelicado agirmos assim.

— Não estou preocupada com os sentimentos dela. Mas é muito aborrecido termos que perder um dia inteiro, indo para casa.

— Você não precisa ir — disse Alisa. — Posso tomar a diligência de manhã e tenho certeza de que haverá outra à tarde, para eu voltar para Londres.

— Tenho uma idéia melhor!

Nesse momento, bateram à porta e entregaram mais um buquê de flores. Alisa esqueceu de perguntar à irmã qual a brilhante idéia que tivera.

Ficou sabendo o que Penélope pretendia fazer bem tarde, depois que voltaram de uma grande recepção na Embaixada Francesa, à qual o rei e o conde estiveram presentes.

Alisa não falou mais com o conde, a sós, mas sabia que ele estava

presente e que a observava, enquanto ela conversava com o duque de Exminster.

Achou que parecia mais entediado e mais cínico do que nunca, até vê-lo conversando com uma senhora muito atraente, de cabelos escuros e olhos vivos, e que se parecia um pouco com madame Vestris.

“Com certeza, só gosta das morenas”, disse a si mesma, ficando a imaginar por que motivo esse pensamento a deprimia.

Quando voltavam para casa, pouco depois da meia-noite, Penélope disse:

– Já arranjei tudo para amanhã.

– Que quer dizer com isso?

– Vamos para o campo numa carruagem puxada por quatro cavalos, o que significa que a viagem será não apenas mais rápida, como muito menos cansativa.

Alisa olhou-a, surpresa, e a irmã explicou:

– Advinhe quem é o dono da carruagem que nos vai levar! Afinal de contas, há apenas uma pessoa para quem a venda de nossos cremes não é segredo.

– Você não quer dizer... o conde?

– Claro que é o conde. Quando lhe contei o que pretendemos fazer, imediatamente ele pôs sua carruagem à nossa disposição.

– Como pôde fazer isso? – perguntou Alisa, zangada. – Já lhe devemos uma obrigação e não pretendo tornar a situação ainda pior!

– Foi você que se envolveu com ele, em primeiro lugar. E, na realidade, não foi preciso eu lhe pedir coisa alguma. Disse apenas que precisávamos sair cedo da recepção, porque íamos ter um dia cansativo, amanhã. Ele perguntou qual o motivo e respondi que nossos cremes estão sendo tão procurados que a sra. Lulworth encomendou mais. Então, o conde disse, imediatamente, que ia providenciar para que viajássemos com conforto.

– Gostaria que você tivesse discutido isso comigo, antes. Penélope riu.

– Você teria dito não. E eu aceitaria o oferecimento do conde, fosse como fosse. Então, de que adiantaria falar com você?

Depois que Penélope saiu da sala, Alisa pensou em uma porção de argumentos que poderia ter usado, para provar que não deviam mais aceitar

nenhum favor do conde.

Depois, disse a si mesma que não adiantava tentar impedir a irmã de fazer o que queria.

“Ele deve achar que somos muito sem-cerimoniosas”, pensou antes de adormecer.

Na manhã seguinte, Alisa tinha acabado de colocar o chapéu, quando Penélope irrompeu no quarto, dizendo:

– Imagine quem está à nossa espera lá embaixo!

Seu modo de falar fez com que o coração de Alisa parasse por um segundo, mas a irmã não esperou pela resposta.

– O conde é quem vai dirigir a carruagem! E diz que, como os cavalos estão lépidos, é melhor não o deixarmos esperar!

Saiu do quarto antes que Alisa pudesse dizer qualquer coisa, de modo que esta apenas pegou a valise onde tinha colocado seu vestido velho e um avental, e desceu a escada, apressadamente.

Lá fora, diante da porta de entrada, parecendo ainda mais belo, com a cartola colocada num ângulo petulante, o conde esperava. Estava com um faetonte diferente daquele em que Alisa tinha andado, depois de sair do camarim de madame Vestris.

Este era mais baixo e puxado por quatro garanhões pretos, que combinavam perfeitamente uns com os outros. Conforme o conde tinha dito, estavam lépidos e eram difíceis de controlar.

As duas moças sentaram-se na frente, ao lado do conde. Depois de colocar na carruagem a caixa que continha os potes vazios, o cocheiro pulou para a parte de trás e os cavalos partiram.

Só depois que saíram do largo, Alisa percebeu que, tendo entrado antes de Penélope, estava sentada ao lado do conde. Ele dava toda a atenção aos cavalos, e a moça achou que, talvez por estar fazendo uma coisa de seu agrado, não parecia tão entediado como se mostrava nas festas.

Na realidade, ao olhar para ela, havia um sorriso em seus lábios:

– Você parece admirada por me ver aqui.

– Estou mais do que admirada e... peço desculpas – respondeu Alisa. – Não tinha a mínima idéia de que o senhor ia ter o trabalho de nos levar...

– Achei que viajaríamos mais depressa, deste modo. E estou também interessado em saber como vocês vivem, depois que se mostrou tão cheia de

segredos a esse respeito.

Alisa se lembrou de que tinha evitado suas perguntas, quando o conheceu e almoçara com ele.

— Não creio que vá achar... interessante — respondeu. Como os cavalos eram valiosos, elas não conversaram muito com o conde, durante a viagem, que foi feita em tempo recorde.

Ao entrarem na alameda malcuidada e verem de novo a mansão, Alisa achou, no primeiro momento, que parecia menor do que jamais lhe havia parecido.

Por outro lado, os tijolos envelhecidos pelo tempo e os telhados com espigões lhe pareceram muito bonitos, porque simbolizavam seu lar.

Foi então que o conde lhes disse o que pretendia fazer:

— Tenho um amigo que não mora longe daqui e que possui uns cavalos que desejo ver. Sugiro que fiquem trabalhando e que eu volte para almoçar com vocês, bem mais tarde. Depois, creio que poderemos voltar para Londres.

— Um almoço... bem mais tarde? — balbuciou Alisa.

Não havia nada em casa para comer, a não ser talvez alguns ovos que as galinhas nem sempre estavam dispostas a botar. O conde sorriu.

— Tomei a precaução de trazer nosso almoço.

Alisa respirou fundo. De certo modo, parecia uma ofensa ele ter trazido comida. Depois, achou que estava apenas sendo prático e que ela nada podia fazer, a não ser aceitar de boa vontade.

— Foi muita gentileza sua demonstrar sua consideração. Assim que se viram em casa, tendo os empregados, o casal Brigstock, manifestado prazer em vê-las, Alisa e a irmã subiram para trocar os vestidos novos pelos velhos.

Felizmente, Emily estava ali e Alisa mandou-a ao jardim, para apanhar pepinos e alface, enquanto ela começava a misturar os ingredientes, de acordo com as receitas de sua mãe, e Penélope ia buscar os potes de mel necessários.

Trabalharam febrilmente durante toda a manhã.

Alisa teve receio de não terminarem até o conde chegar para o almoço. Provavelmente, nesse caso, ia ficar zangado por não terem saído de Londres mais cedo, como ele pretendia.

Pouco a pouco, um a um, os potes foram ficando cheios. Só sobraram onze, porque não havia ingredientes suficientes para todos.

— Esses terão que esperar um pouco — disse Penélope, com firmeza.
— A sra. Lulworth vai querer o creme de morangos, mas, quando fui olhar no jardim, vi que ainda levarão três semanas para ficarem no ponto.

— Tenho esperança de precisar voltar para cá antes disso, com novas encomendas.

— Para ser franca, acho que esta será a última encomenda que faremos. Quando formos duquesas, vamos entrar na loja da sra. Lulworth e nos queixar, se ela não tiver um creme novo e diferente para nos oferecer!

Alisa riu dessa idéia. Mas, sempre que a irmã falava em se tornarem duquesas, tinha uma sensação estranha, quase de repugnância.

Agora não havia tempo para pensar nisso. Finalmente, os potes ficaram cheios e Alisa foi trocar de roupa. Quando desceu, encontrou o conde sentado na saleta, examinando o quadro de primulas que ainda não estava terminado.

— Desculpe... se o fizemos esperar — disse ela, ofegante.

— Estive pensando que esse quadro faria um bom par com aquele que você me deu.

Era a primeira vez que mencionava o quadro que Alisa lhe mandara. Ela corou e disse:

— Achei que talvez achasse que aquele quadro era... uma magra compensação pelo cheque vultoso que me deu. Mas não havia nada aqui em casa que não parecesse ridículo, ao lado de suas preciosidades.

— Estou encantado por possuí-lo.

Alisa encarou-o, querendo saber se falava apenas por delicadeza ou se estava sendo sincero.

Nisto, Penélope entrou, muito animada.

— Que coisas deliciosas o senhor trouxe! A sra. Brigstock já arrumou tudo na sala de jantar e estou com tanta fome que não posso esperar nem mais um minuto!

O conde, sem dúvida, tinha demonstrado muita consideração. Quando sentaram à mesa, Alisa achou que, pelo fato de ser um piquenique, sem criados para servi-los, era a refeição mais deliciosa que jamais tinha comido.

Penélope tagarelava. O conde, sentado entre as duas irmãs, na cadeira do pai, parecia relaxado e estar se divertindo.

Tinha tido a precaução de trazer seus próprios vinhos. A única coisa que a sra. Brigstock teve que fazer foi o café, servido quando a refeição

terminou.

— Eu não seria capaz de comer nem mais uma migalha! — exclamou Penélope, afinal. — Mas mereci cada bocado que comi, porque Alisa e eu trabalhamos esta manhã com tal velocidade que poderíamos bater qualquer recorde.

— Tenho certeza de que as mulheres que vão aproveitar o fruto do trabalho de vocês ficarão muito satisfeitas — observou o conde, com certa secura.

— Os cremes são bons de verdade! — disse Alisa, desafiadora.

— Sei disso.

Alisa achou que ele devia ter visto o resultado em madame Vestris. Teve uma pontada de dor que não soube explicar a si mesma.

— Acho que talvez o senhor queira... voltar para Londres.

Ele provavelmente queria ver a atriz no teatro, antes do espetáculo, ou talvez estivesse contando as horas para poder levá-la para cear, depois.

— Não há pressa — respondeu o conde. — Bem tem que cuidar do que restou de nosso piquenique, de modo que sugiro que me mostrem o resto da casa, que, por falar nisso, é encantadora.

— Não pode achar que seja! — protestou Alisa.

— Por que não? Sua casa é elisabetana, e esse período sempre me fascinou.

Ela arregalou os olhos.

— A mim também! Gosto de ler sobre o modo como a rainha Elizabeth conquistou todos os corações e nos tornou uma grande nação.

— Foi exatamente o que ela fez; a precisamos de outra rainha para fazer a mesma coisa.

Alisa olhou-o admirada.

Depois se lembrou de que, após a morte da princesa Carlota, herdeira do trono depois dos irmãos do rei que não tinham filhos, haveria a filhinha do duque de Kent, que se chamava Vitória.

— Acho que o monarca sempre devia ser um homem — observou Penélope. — E o rei que eu gostaria de ter conhecido é Carlos II!

— Como ele gostava de mulheres bonitas, certamente teria dado atenção a você — disse o conde.

— Por que não? Nesse caso, eu seria uma duquesa, por direito de conquista.

O conde riu.

— É isso que pretende ser?

— Claro! Já deve ter percebido que Alisa e eu somos as irmãs Gunning modernas. Elizabeth, a mais moça, casou com dois duques.

O conde ergueu o copo e disse, com um brilho no olhar:

— Que vocês sejam bem-sucedidas em suas ambições.

Nesse momento, Alisa se lembrou de que Maria, a irmã mais velha, tinha casado com um conde.

Bruscamente, empurrou a cadeira para trás e levantou-se da mesa.

— Peço licença, mas tenho muitas coisas ainda para fazer, antes de irmos para Londres.

Quando chegaram em casa, à tarde, Penélope disse:

— Tenho que reconhecer que o conde nos ajudou muito, levando-nos de carruagem, e é muito mais simpático do que eu pensava.

— É, foi muito amável, sim.

— É uma pena ele não ser seu pretendente. — A irmã não respondeu e ela continuou: — O major Coombe me contou que as apostas, no White's, são de trinta contra um, contra qualquer mulher que pretenda agarrar o conde para marido.

— Por que ele está tão resolvido a... ficar solteiro?

— Parece que teve um caso de amor infeliz, quando era muito moço. Por isso, jurou que ficaria solteiro o resto da vida, embora a família há anos lhe suplique que case, para ter um herdeiro.

— Com certeza, ele tem tido muitas mulheres em sua vida — murmurou Alisa, pensando em madame Vestris.

— Claro que há centenas de mulheres bonitas que o perseguem! O major Coombe disse que elas voam ao redor dele como abelhas à volta de um pote de mel. Mas ele só dá mesmo valor a seus cavalos e à sua propriedade no campo. O conde lhe falou sobre sua mansão?

— Não.

— Dizem que é o mais perfeito exemplo de arquitetura elisabetana na Inglaterra. Foi por isso que ele disse que admira tanto a rainha Elizabeth.

— Eu... não sabia.

— Você é tão boba, Alisa! Devia perguntar às pessoas sobre o que possuem. Sabe muito bem que os homens gostam de falar de si mesmos. E não esqueça que o duque se interessa muito por cavalos.

Alisa pensou que isso era bem verdade e que sabia tanta coisa a respeito dos haras do duque de Exminster como se fossem dela.

Foi um pensamento passageiro, mas fez com que de novo sentisse aquela estranha repugnância para a qual não podia dar explicação.

Sabia apenas que, no baile da noite seguinte, ele estaria esperando, não apenas para dançar, como para conversar, e isso era uma coisa que queria evitar a todo custo.

Como Alisa e a irmã eram muito unidas, Penélope soube o que a outra estava pensando.

— Não seria maravilhoso, querida, se nós duas ficássemos noivas de duques, na mesma noite? Isso certamente assombraria o *beau monde*. E todas aquelas pessoas que se recusaram a nos aceitar cairiam de quatro no chão!

— Há pessoas... assim? Eu não sabia.

— Oh, Alisa, você está sempre nas nuvens. Sabe perfeitamente que deixamos de ser convidadas para dezenas de bailes, simplesmente porque somos bonitas demais e iríamos fazer sombra às filhas feias da anfitriã, ou porque não nos consideram suficientemente importantes para frequentar seu círculo elegante e exclusivo.

Alisa apenas demonstrou surpresa. Estava tão grata às anfitriãs que as convidaram que nunca pensara que havia outras que, deliberadamente, as excluía de suas listas.

Compreendia que Penélope, com sua ambição de tornar-se importante, ficasse sentida por se ver posta de lado. Mas, se Alisa casasse com o duque de Exminster, todas as portas de Londres se abririam para ambas.

Ao mesmo tempo, quando pensava no duque de Hawkeshead, de rosto vermelho e um tanto repulsivo, parecia-lhe impossível que ele viesse a beijar Penélope, ou nela tocar. Mas era um assunto que devia evitar.

— Não quero, tampouco, que o duque de Exminster me beije — murmurou para si mesma.

Na manhã seguinte, levaram os potes de creme para a sra. Lulworth, que ficou encantada.

— Tenho uma porção de freguesas esperando por eles. Só desejo que sejam tão bons como os outros.

— Claro que são! — respondeu Penélope.

— Pois bem, senhorita, cumpriu sua obrigação. E, agora, vão ficar

satisfeitas por saber que os dois vestidos de noite, a não ser por uns últimos retoques, estão praticamente prontos.

Alisa olhou para a irmã, com ar de censura. Compreendeu que ela tinha encomendado os vestidos novos sem esperar pelo resultado das vendas dos cremes.

Quando achou que a dona da loja não podia ouvi-la, disse:

– Eu devia ficar zangada com você, Penélope.

– Devia ficar agradecida! Vai ter um vestido novo para usar hoje à noite e um outro para o almoço de amanhã, que, certamente, um dos duques dará em nossa honra.

Alisa não pôde responder, porque a sra. Lulworth apareceu com os dois vestidos de baile, que estavam praticamente prontos, e também com mais dois que precisavam da primeira prova.

Havia também dois trajes de passeio para cada uma. Alisa queria protestar, mas sabia que era inútil, porque Penélope acabaria vencendo.

Tinham que escolher os chapéus que combinassem com os vestidos de passeio. Enquanto os experimentava, Alisa soube qual o motivo do bom humor da sra. Lulworth.

Havia transpirado, na alta sociedade, que muitas senhoras vieram à loja por saber que a modista tinha feito os vestidos que as duas irmãs usavam nas festas.

A mulher disse os nomes das novas freguesas e acrescentou:

– A marquesa de Conyngham me pediu para recebê-la amanhã cedo, e estou grata a vocês duas por isso.

– Ficamos satisfeitas – declarou Penélope. – Mas espero que a senhora demonstre sua gratidão nas contas que nos apresentar.

Alisa nunca seria capaz de dizer semelhante coisa, mas a sra. Lulworth apenas sorriu, prometendo:

– Achei que não deixaria de dizer uma coisa assim, srta. Penélope, e não me esquecerei do que lhe devo.

– Ótimo! Nesse caso, quero outro chapéu, mas de uma cor diferente, para combinar com esse último vestido!

Quando chegaram a Islington Square, havia mais flores, à espera de ambas, assim como novos convites.

Somente ao subirem para o quarto, para se arrumarem para o baile, Alisa perguntou:

– Escreveu para o conde, agradecendo-lhe por nos ter levado para o campo, ontem?

– Não tive tempo. Além do mais, achei que você escreveria por nós duas.

– Escrevi. E Henderson pôs a carta no correio. Mas, como a idéia foi sua, acho que também devia escrever.

– Duvido que ele note se escrevi ou não. Além do mais, aposto que ia preferir uma carta de madame Vestris.

Alisa teve um sobressalto.

– Que foi que você ouviu sobre madame Vestris e... o conde?

– Alguém, creio que o major Coombe, me contou que a atriz disse, numa festa qualquer, que acha que deve seu sucesso em Londres ao fato de ter conquistado o público inglês e, principalmente, o que foi mais difícil, por ter conquistado o conde de Keswick.

Alisa não fez comentário. Foi para o quarto e ficou imaginando por que motivo seu vestido novo, estendido na cama, lhe parecia tão pouco atraente, a tal ponto que usá-lo seria o mesmo que usar um de seus trajes velhos de algodão.

Penélope tinha conseguido que o duque de Hawkeshead mandasse uma de suas carruagens buscá-las, já que estava dando uma festa em homenagem às duas.

Depois de prontas, foram avisadas de que uma carruagem imponente, com o brasão do duque na porta, as esperava lá fora.

– Está muito bonita, querida – disse Alisa.

O vestido novo de Penélope era branco, com magnólias em volta da barra, assim como no alto do corpete que deixava nus os ombros.

A jovem tinha nos cabelos dourados uma grinalda das mesmas flores; Alisa achou que nenhuma tiara, por mais valiosa que fosse, poderia enfeitá-la mais.

Penélope parecia uma ninfa saindo de um rio prateado. Havia nela qualquer coisa de jovem, primaveril, belo, qualidades que Alisa não percebia que também possuía.

Seu vestido era branco como o da irmã, mas, em vez de magnólias, era enfeitado com buquezinhos de galantos, colocados no tule que cercava seus ombros como uma nuvem branca.

Se Penélope tinha um ar primaveril, Alisa parecia Perséfone, trazendo

de novo a luz ao mundo, após um inverno sombrio.

Não era, certamente, tão sensacional como a outra. Mas seria difícil, para qualquer homem, não olhar de novo para Alisa, depois de vê-la uma vez. E, então, ele não teria olhos para mais ninguém.

Alisa contentava-se em ver como a irmã estava bonita e em ir atrás dela, em vez de na frente, como deveria acontecer, por ser a mais velha.

— Cuidado para que o agasalho não amasse as flores de seu vestido — recomendou Penélope.

Depois de darem boa-noite à tia desceram rapidamente a escada, saindo e encontrando a carruagem do duque já à espera.

A carruagem partiu e elas se recostaram no assento confortável e acolchoado.

Alisa disse, hesitante:

— Se o duque de Hawkeshead a pedir em casamento, querida, por favor, pense seriamente antes de aceitá-lo.

— O que há para pensar?

— Se você seria feliz com ele. Afinal, o duque seria seu marido e vocês passariam juntos... o resto da vida.

— Você não pode imaginar o que seria ter sempre uma carruagem como esta? Ser a anfitriã na casa dele em Park Lane e no castelo em Kent? E creio que o duque tem meia dúzia de outras casas espalhadas pela Inglaterra.

— Não se trata do que ele possui, e sim, do que ele é.

— É um duque! Disso, não há dúvida.

Alisa achou inútil tentar explicar o que queria. Sabia apenas que, mais do que qualquer outra coisa no mundo, desejava a felicidade da irmã, mas que seria muito difícil ela ser feliz com o duque de Hawkeshead.

Depois, pensou no homem a quem Penélope se referia como “o seu duque” e achou que o mesmo se aplicava a ela.

Quando os dois estivessem a sós, que importaria que ele fosse o duque de Exminster ou apenas o sr. Exminster? Seriam marido e mulher, e ele, o pai de seus filhos.

De repente, compreendeu que não poderia casar com o duque, dissesse a irmã o que dissesse.

Sentindo medo de vê-lo novamente, teve vontade de mandar parar a carruagem, descer e voltar correndo para a casa da tia. Ou, melhor ainda, voltar para a casa de seu pai, no campo, onde o duque não saberia que ela

estava. Assim, não a encontraria.

Mas achou que estava sendo muito tola. Talvez o duque de Exminster não a pedisse em casamento. Talvez, assim como o conde, não tivesse intenção de casar com ninguém e estivesse apenas sendo gentil, ao mandarlhe flores, porque era esse o hábito na alta sociedade.

Sua intuição, no entanto, lhe dizia que não era assim.

Era apenas uma questão de tempo, até o duque pedi-la em casamento. E, a não ser que estivesse disposta a enfrentar a cólera e as censuras de Penélope, teria que aceitá-lo.

“Não posso! Não posso!”

Teve a impressão de que a carruagem luxuosa a levava não para um baile, mas para a guilhotina.

CAPÍTULO VI

Ao olhar para o salão de baile de Hawkeshead House, Alisa achou que era o mais bonito de todos os que conhecera.

Na realidade, a casa inteira era imponente. Desde o momento em que entraram, teve a impressão de que Penélope estava pensando que era o ambiente perfeito para ela, quando fosse duquesa.

A escada dupla pareceu-lhe uma espécie de palco, onde uma mulher veria sua beleza realçada. As duas subiram para o andar de cima, onde o duque recebia os convidados, ao lado da mãe.

As jóias da duquesa-mãe, inclusive uma tiara que parecia uma coroa, tinham um brilho atraente para qualquer moça que as visse. O único problema, pensou Alisa, era que a moça que cobiçasse tais maravilhas teria que aceitar também o duque.

Aliás, o modo como ele recebeu Penélope foi significativo. Alisa achou que seu rosto estava ainda mais vermelho e que parecia medíocre, como de costume.

Procurou ser caridosa a respeito do dono da casa, porque talvez viesse a ser seu cunhado, mas notou que a gravata do duque estava meio caída, uma de suas condecorações, torta, e que uma das meias de seda tinha um fio corrido.

“Talvez ele precise de uma esposa para cuidar dessas coisas”, pensou, satisfeita por não ser ela quem teria essa tarefa.

A sala de recepção estava decorada com orquídeas e lírios, mas o salão de baile, obviamente em homenagem a Penélope, era um jardim de rosas.

Ao longo de toda uma parede da casa havia portas-janelas que davam para o jardim. Este, como sempre acontecia, estava decorado com lanternas chinesas. Eram todas cor-de-rosa, e Alisa achou que o duque estava querendo proclamar suas intenções a toda a sociedade.

Não disse nada à irmã, mas percebeu que Penélope tinha nos olhos um brilho de excitação. Quando o anfitrião convidou a moça para ser seu par, na abertura do baile, Alisa soube que as senhoras de idade sentadas à volta do salão já estavam percebendo quem seria a nova duquesa.

Notou também que havia muitas pessoas que elas não tinham

encontrado em outras festas. Pelo jeito, o duque e a mãe frequentavam uma sociedade leal aos antigos reis, sociedade mais conservadora do que o *beau monde* que tinha cercado o príncipe regente quando ele vivia em Carlton House.

Agora, certamente queriam cair nas boas graças de George IV e deviam estar ansiosos para participar dos festejos da Coroação, em julho.

— Em que está pensando? — perguntou o duque de Exminster, que dançava com ela.

— Na Coroação.

— Será que alguém pensa em outra coisa?

— Também não está antecipando o prazer desse acontecimento, mi lorde?

— Claro que não! No que me diz respeito, será um rosário de caceteações! São apenas as mulheres e, naturalmente, o rei que gostam dessa história de trajes luxuosos e do interminável cerimonial.

Ao dizer isso, o duque olhou para os cabelos de Alisa. De repente, ela refletiu que talvez ele estivesse pensando que as folhas de morangueiro, do brasão da família Exminster, ficariam bem nela.

A moça desviou o olhar e, ao fazê-lo, viu que o rei estava chegando, acompanhado pela marquesa de Conyngham. Atrás vinham vários cavalheiros, e um deles era o conde de Keswick.

O coração de Alisa deu um salto, e ela não pôde deixar de olhar para o conde, achando que, como de costume, parecia entediado e cínico.

O rei cumprimentou efusivamente a duquesa de Hawkeshead. Com a duquesa à sua direita e a marquesa à esquerda, sentou-se num sofá colocado num estrado, de onde poderiam observar a dança.

Os rapazes que o acompanhavam postaram-se atrás dele. Não desejando que o conde a visse, Alisa disse ao duque de Exminster:

— Está muito quente. Vamos para o jardim?

— Acho uma sugestão muito sensata.

Passaram por uma das portas-janelas abertas. As lanternas cor-de-rosa brilhavam contra o verde-escuro das árvores e as estrelas começavam a surgir. Era tudo muito romântico, e Alisa se lembrou, um pouco tarde, de que tinha tomado a resolução de não ficar a sós com o duque.

Mas era tarde demais para voltar. Notou que Exminster a levava para longe das luzes da casa. Em geral, quando davam um baile numa casa onde

havia um jardim grande, preparavam ali uns recantos isolados, com bancos, para que os casais pudessem conversar com intimidade.

Alisa parou.

— Não devemos ir muito longe. Não vejo minha irmã há algum tempo.

— Tenho certeza de que ela sabe tomar conta de si mesma.

— Como minha tia não nos acompanhou, hoje, preciso tomar conta de minha irmã, que é mais moça do que eu.

— Conheço um meio melhor de você fazer isso.

O duque pegou o braço de Alisa e levou-a para fora da alameda iluminada, para um ponto onde havia um banco sob um freixo.

Ela ia dizer que preferia voltar para o salão, quando a música parou e os pares saíram, começando a passear pelo jardim. Não podia fazer outra coisa, a não ser sentar-se, notando, apreensiva, que não havia outros bancos por perto. Estavam na sombra e, para todos os efeitos, sozinhos.

Aflita, ficou pensando como poderia impedir que o duque dissesse o que ela sabia que pretendia dizer. Mas, enquanto procurava as palavras, ele começou:

— Você é moça demais, Alisa, para tomar conta de alguém. Se quiser cuidar de sua irmã de maneira mais eficiente do que agora, sugiro que case comigo!

Por um momento, houve silêncio, enquanto ela assimilava a idéia de que havia sido pedida em casamento e que a irmã esperava que aceitasse tal pedido.

Sua cabeça pareceu ficar vazia; sua garganta, seca. Nada pôde fazer, a não ser apertar as mãos.

— Sei que não nos conhecemos há muito tempo — continuou o duque.

— Mas, desde o dia em que fomos vizinhos de mesa, percebi que não apenas era muito bonita, como também inteligente, tendo tudo o que desejo numa esposa. Seremos muito felizes.

Falou de um jeito que fez com que Alisa compreendesse que achava que ia ser aceito. Na realidade, era inconcebível para ele que qualquer mulher o recusasse, e muito menos alguém sem a mínima importância social.

Fazendo um esforço, com uma voz que não parecia ser a sua, Alisa disse:

— Sinto-me muito honrada por me pedir para ser sua esposa, mas a

verdade é que nos conhecemos há muito pouco tempo.

— Conheço-a há tempo suficiente para saber que você me fará muito feliz. E, como o rei está aqui, hoje à noite, gostaria que ele fosse o primeiro a saber de nosso noivado.

— Por favor, ainda não estamos noivos — disse desesperada. — Preciso... pensar. Estou em Londres há muito pouco tempo e não posso pensar em casar, a não ser que conheça bem o homem.

Não olhou para o duque, mas sabia que ele estava surpreso com tais palavras e que a observava. Dali a um momento, Exminster disse:

— Tenho certeza de que você gostaria de casar antes da Coroação. A duquesa de Exminster tem um papel tradicional, nessas cerimônias, e sei que não haveria duquesa mais bonita do que você.

— Obrigada, Vossa Graça. Estou profundamente sensibilizada com a honra que me faz com essa proposta, mas preciso pensar e ter certeza de que o farei feliz.

— Eu tenho certeza disso.

— Mesmo assim, podemos ambos pensar no assunto durante algumas semanas?

— Não preciso pensar. Eu a quero, Alisa. Embora saiba que é muito moça e talvez fique assustada, ao pensar que vai ter um lugar tão importante na sociedade, tomarei conta de você. Não precisa ter medo de cometer erros.

— O senhor é muito... bom — disse Alisa, ofegante. — Mas preciso pensar e ter certeza, antes de lhe dar uma resposta.

Houve uma pausa. Alisa sabia que ele estava surpreso com sua indecisão, não o aceitando como acreditava que o aceitaria.

— Tenho bastante certeza para nós dois — disse o duque, finalmente. Colocou a mão sobre a dela e continuou: — Garanto que seremos muito felizes, juntos. Amanhã vou apresentá-la a alguns de meus parentes.

O contato da mão dele fez com que Alisa sentisse uma repulsa ainda maior do que antes.

Libertou a mão, rapidamente, e levantou-se.

— Preciso ir procurar Penélope, Vossa Graça. Saiu correndo, antes que ele pudesse impedi-la.

Atravessou o gramado, em direção a uma porta diferente daquela por onde haviam saído. Viu, então, que estava não na sala de baile, e sim, numa saleta. O lugar estava vazio, mas tinha uma porta que dava para um aposento

onde havia mesas de jogo com vários cavalheiros jogando e outros de pé, com um copo na mão.

Alisa tinha descoberto que, em todos os bailes aos quais comparecera em Londres, sempre havia uma sala onde os homens mais velhos, que não gostavam de dançar, podiam jogar ou beber com mais liberdade.

Havia também uma porta dando para um corredor. Quando se dirigia para lá, ouviu um dos homens, na sala de jogo, dizer:

– Onde está nosso anfitrião? Faz tempo que não o vejo.

– Procurando outra garrafa — respondeu um outro. — Como sempre, acho que já perdeu a conta delas.

O comentário foi seguido por risadas. Quando Alisa já ia saindo da saleta, o cavalheiro que tinha falado em primeiro lugar, disse:

– Acho mais provável ele estar seduzindo aquela encantadora criatura com quem dançou no princípio da noite!

Alisa respirou fundo.

Era insultante que se referisse a Penélope dessa forma. E, pelo modo como as palavras foram pronunciadas, o cavalheiro também parecia ter bebido bastante.

Agora, tinha certeza de que precisava encontrar a irmã e verificar se ela estava bem.

Não sabia por que motivo, mas, quando dera ao duque de Exminster a desculpa de ir procurar Penélope, sentira, estranhamente, como outras vezes havia sentido, que Penélope precisava dela.

Sendo muito unidas, às vezes pensavam as mesmas coisas ao mesmo tempo, rindo disso, depois.

– Até parecemos gêmeas — dizia Penélope.

– Creio que é realmente porque vivemos tão isoladas, no campo. Agora, estava certa de que a irmã precisava dela. Seguiu por um corredor onde havia belas peças de mobília e vários quadros de valor.

Alisa não fazia idéia de para onde ia, mas sentia que, se o dono da casa quisesse pedir Penélope em casamento, não a levaria para o jardim, e sim, para um aposento calmo, onde ficassem a sós.

Havia várias saletas no andar térreo, iluminadas discretamente e decoradas com flores.

Alisa espiava em todas elas. Algumas estavam vazias, mas em outras havia alguns casais, conversando com intimidade. Numa delas viu um casal

beijando-se apaixonadamente, o que fez com que se afastasse depressa.

Tinha quase chegado ao fim do corredor, que parecia seguir ao longo de toda a casa, quando avistou um vulto de branco sair por uma porta. Percebeu que havia encontrado a irmã.

Correu para ela, notando, ao mesmo tempo, que havia na porta uma placa que dizia: “Particular”.

Ao ver a irmã, Penélope soltou um gritinho.

Alisa notou-lhe a expressão e perguntou:

— O que aconteceu? — Percebeu que a outra estava trêmula.

— Por que está assim perturbada, querida? — insistiu, pois Penélope nada dizia.

— Eu... matei o... duque!

Por um momento, Alisa achou que não tinha compreendido direito. Mas a irmã estava tão pálida e tão assustada que obviamente algo de terrível tinha acontecido.

— Que quer dizer com isso, meu bem?

— Eu o matei! Ele está morto... naquela sala!

Ao dizer isto, Penélope estendeu as mãos, cegamente. Alisa abraçou-a.

Viu uma porta aberta, ao lado delas, e, mais adiante, uma saleta fracamente iluminada e decorada com flores, mas vazia.

Delicadamente, fez a irmã entrar ali e fechou a porta.

— O que está dizendo? É mesmo verdade que... matou o duque?

— Depois de me pedir em casamento, ele tentou... me beijar. Eu resisti e ele me empurrou para um sofá. — Emitiu um som como o de um animal ferido e continuou: — Foi horrível... bestial... e eu o odeio!

— Que aconteceu depois? — perguntou Alisa, vendo que a irmã não podia continuar.

— Fugi. Mas, quando tentei sair da sala, ele me agarrou. — Fez uma pausa, como para criar forças. — Foi aí que percebi que ele tinha bebido demais e estava se comportando como um animal.

— Oh, meu bem!

— Peguei o atizador da lareira e, quando o duque avançou para mim, enfiei-o na barriga dele. — Prendeu a respiração, apavorada com o que havia feito. Antes que Alisa dissesse qualquer coisa, continuou: — Ele se dobrou por um instante e, então, eu bati... e bati na cabeça dele. O duque caiu, e continuei batendo!

– Oh, como pôde fazer isso?!

– Queria... machucá-lo. Depois compreendi que... ele estava morto.

Alisa abraçou-a de novo. Penélope perguntou:

– Que vamos fazer? Não posso contar isso a ninguém... além de você.

Vendo a irmã tão desamparada e tão diferente do que habitualmente era, Alisa encontrou uma força que nem sabia possuir.

– Alguém tem que nos ajudar. Fique aqui, meu bem, até eu voltar – disse ela. – Teve a impressão de que a irmã não a ouviu e acrescentou: – Vou fechá-la aqui dentro, querida. Assim, ninguém virá perturbá-la. Não tenha medo. Volto dentro de alguns minutos.

– Estou com medo! Oh, Alisa, estou com... tanto... medo!

– Volto o mais depressa que puder.

Penélope não respondeu. Apenas cobriu o rosto com as mãos. Parecia tão pequena, tão patética, que Alisa se dirigiu para a porta com uma determinação que não fazia parte de seu caráter.

Fechou a porta a chave. Levando a chave, seguiu apressadamente pelo corredor.

Sabia que havia uma única pessoa que poderia ajudá-la. Enquanto procurava o conde, ocorreu-lhe que talvez elas tivessem que se esconder em algum lugar, até deixar a Inglaterra.

Achou que o conde devia estar ao lado do rei, no salão de baile, mas, quando a música se tornava mais alta, passou por uma sala onde várias pessoas tomavam champanhe. E lá estava ele.

Viu-o ao lado do major Coombe. Como não havia sinal do rei, isso significava que o conde devia estar livre, no momento.

Sem pensar em nada, a não ser que ele poderia ajudá-la, Alisa aproximou-se.

O conde dizia qualquer coisa ao major, quando, ao ver a moça a seu lado, parou no meio da frase e fitou-a, surpreso.

– Preciso falar com o senhor – disse Alisa, em voz que era apenas um murmúrio.

Ele percebeu imediatamente que algo de anormal havia acontecido, pois o olhar dela estava muito assustado.

Largou o copo numa mesinha e levou Alisa para um canto da sala.

– Que aconteceu?

Por um momento, ela achou que seria impossível contar-lhe,

impossível conseguir pronunciar alguma palavra. Disse, baixinho, para ser ouvida apenas por ele:

— Penélope... matou... o duque!

O conde ficou imóvel, com uma interrogação no olhar, como se não tivesse entendido bem ou achasse que Alisa estava brincando com ele.

Depois, como que convencido, não tanto pelas palavras, como pela expressão dela, disse, calmamente:

— Vamos sair da sala devagar, como se não houvesse nada de anormal. — Em voz mais alta, para ser ouvido pelas pesosas que estavam perto, disse: — Aqui está muito quente, srta. Wynton. Vamos procurar um lugar mais fresco. — Caminhando com Alisa a seu lado, chamou o major Coombe: — Não quer vir conosco, James? Tenho uma coisa interessante para lhe contar.

O major largou seu copo e disse:

— Nesse caso, não há dúvida de que os acompanharei.

Andaram com passos que pareceram a Alisa os do acompanhamento de um enterro. Só quando se viram fora da sala e longe das pessoas que conversavam no corredor, o conde perguntou:

— Onde está Penélope?

— Fechei-a a chave numa saleta, para que ninguém a incomode.

— Foi muito sensato de sua parte.

Seguiram pelo corredor agora vazio. O major Coombe perguntou:

— Que foi que aconteceu? Para onde vamos?

— Preciso de sua ajuda, James — disse o conde. O major não disse mais nada.

Chegaram ao fim do longo corredor. Quando Alisa percebeu que o conde tinha notado a palavra “Particular” escrita na porta, soube que não precisava dizer onde o duque estava.

Pararam. As mãos de Alisa tremiam tanto que foi incapaz de abrir a porta. Sem uma palavra, entregou a chave ao conde.

Ele abriu a porta e, depois que Alisa entrou, fechou-a a chave e foi embora.

Penélope estava onde a irmã a havia deixado. Não chorava; apenas olhava para a frente, nada parecendo ver, com uma expressão de desespero.

Alisa foi até o sofá e pegou-lhe a mão.

— Eu trouxe o conde e tenho certeza de que ele nos ajudará.

Talvez possamos nos esconder, ou ir para o exterior, mas, seja como for, ele é a única pessoa que pode fazer qualquer coisa por nós.

— Fiz mal em bater nele... com tanta força. Mas estava... com medo.

— Posso compreender isso. Você me contou que o duque a pediu em casamento?

— Disse que ia casar comigo! — corrigiu Penélope. — Depois me agarrou e seus lábios machucaram meu rosto. Compreendi que ele era horrível... e não queria que me tocasse.

Alisa abraçou ternamente a irmã.

— Foi bruto e bestial! — comentou Penélope. — Eu queria escapar, mas ele era grande e forte, eu não consegui.

— Não pense nisso. Não adianta nada.

— Sinto muito, Alisa. Estraguei tudo... para você.

— No que me diz respeito, não precisa ficar preocupada. Eu a amo, Penélope, e, fizesse você o que fizesse, eu sempre a amaria.

— Oh, Alisa!

Agora a moça chorava. Alisa enxugou-lhe as lágrimas, achando que a irmã se achava em estado de choque e devia tomar alguma coisa. Mas não havia nenhuma bebida na saleta, e só o que podiam fazer era esperar.

Não sabia por que o conde demorava tanto.

Seria impossível esconder o corpo do duque. Uma vez confirmada sua morte, o conde deveria preocupar-se com a segurança de Penélope.

Esperar sem saber o que estava acontecendo era uma agonia. Alisa teria ido à procura do conde, se ele não tivesse fechado a porta a chave.

Agora, Penélope olhava de novo para a frente, com as mãos caídas dos lados do corpo, e Alisa não soube mais o que dizer.

Podia apenas ficar esperando o ruído da chave na fechadura e a entrada do conde na saleta.

De repente, a porta se abriu e ele entrou.

Por um momento, Alisa não pôde olhá-lo, tão grande o seu medo.

Depois, quando se levantou, um tanto cambaleante, viu a irmã também se levantar. Penélope soltou um gritinho:

— Jimmy! Oh, Jimmy!

Com espanto, viu a irmã correr para o major Coombe, que tinha entrado atrás do conde. A moça atirou-se nos braços dele e o major apertou-a com torça contra o peito.

— Está tudo bem, minha querida. Ele não morreu.

Penélope desatou a chorar. O major Coombe inclinou a cabeça e beijou-a na face.

Alisa fitava-os, atônita. O conde contou, serenamente:

— O que James disse é verdade. O duque não morreu, mas Penélope certamente foi muito dura com ele!

Com surpresa, Alisa notou uma nota divertida na voz dele. Fitou-o, perplexa, e o conde disse, autoritário:

— Agora, vocês duas me ouçam.

Penélope levantou a cabeça, que estava apoiada no ombro do major.

— Pensei que eu ia para a... força — murmurou.

— Ninguém vai enforcá-la. Prometo-lhe isso — disse o major.

O rosto de Penélope ainda estava úmido de lágrimas, mas agora havia um brilho em seus olhos. Parecia muito diferente da moça desesperada que momentos antes estava sentada no sofá.

— Eu a amo, querida! — disse o major Coombe. — Cuidarei de você e farei com que uma coisa dessas nunca mais aconteça.

Beijou-a nos lábios, e Penélope passou os braços em volta do pescoço dele, como se não quisesse soltá-lo.

Alisa percebeu que o conde os observava com um brilho divertido no olhar. Depois, o major disse:

— Mais tarde falaremos de nós, mas agora temos que ouvir o que Landon tem a dizer.

Obediente, Penélope olhou para o conde. Alisa ficou admirada, ao verificar que a irmã não estava em nada constrangida por ele a ter visto sendo beijada.

Penélope procurou por seu lenço. Quando o major lhe entregou o dele, a jovem deu um sorriso cativante, antes de enxugar as lágrimas.

— Agora, prestem atenção ao que vou dizer — ordenou o conde. — James e eu arranjamos tudo para que pareça que, enquanto o duque estava em sua saleta particular, um ladrão entrou pela janela e o atacou, roubando seu relógio, suas jóias e o dinheiro que ele poderia ter consigo. Agora, nenhum de nós poderá ser implicado em nenhum crime. — Fez uma pausa e continuou: — Você, Penélope, e James vão voltar para o salão de baile e dançar, para que todo mundo os veja. Alisa e eu vamos para o jardim, jogar os objetos do duque num canteiro, onde mais tarde serão encontrados.

— É um plano muito inteligente! — exclamou Penélope. — Mas... tem certeza de que ele não morreu?

— Não há dúvida de que vai viver para apreciar ainda muitas garrafas de vinho! — respondeu o conde, secamente. — Agora, vamos. Não podemos perder tempo aqui, quando deveríamos estar sendo vistos em outra parte da casa.

— Não sei como lhe agradecer — disse Penélope. Virou-se para o major e perguntou: — Estou... bem? Meus cabelos estão em ordem?

— Você está linda.

Havia em sua voz uma nota de sinceridade que fez com que Alisa não tivesse dúvida quanto aos sentimentos do major.

— Ande devagar e procure parecer satisfeita — recomendou o conde a Penélope.

Abriu a porta, a moça foi a primeira a sair. Ela e o major estavam de mãos dadas e continuaram assim enquanto caminhavam pelo corredor, na frente de Alisa e do conde.

Alisa não podia falar, parecendo flutuar no ar, sentindo grande alívio, após o desespero de há pouco, por ver que a situação não era tão grave como parecera.

Sentia imensa gratidão pelo conde, tendo ao mesmo tempo vontade de chorar e de esconder o rosto no ombro dele, como Penélope havia feito com o major.

Por um momento, não pode compreender por que a irmã tinha corrido para o major Coombe, como alguém que procura um porto seguro. E ele a beijara.

“Então, ela ama esse rapaz!”, pensou, sem poder entender como, amando James Coombe, Penélope estava pronta a aceitar o pedido de casamento do duque.

Mas o curso de seus pensamentos foi interrompido pelo conde, que lhe dirigiu a palavra, procurando fazer com que parecessem agir normalmente, quando se misturaram com os outros convidados.

— Não sei se Exminster lhe falou de seu cavalo Vitorioso — disse.

— Sim... falou — Alisa conseguiu responder, após uma breve pausa.

— Vitorioso é um belo animal, mas eu gostaria de lhe mostrar o meu Apolo, que é o reconhecido rival do cavalo de Exminster. Sempre que correm juntos, as apostas se equivalem, o que é raro acontecer no turfe.

— Sim... creio que sim.

Chegaram ao jardim. O duque se dirigiu para o lado mais próximo da saleta onde estava o duque, ferido, e Alisa soube o que ia fazer.

Não se enganou, porque o conde tirou do bolso um lenço dentro do qual estavam as jóias supostamente roubadas do dono da casa.

Ele olhou por sobre o ombro, para ver se havia gente por perto, e atirou o lenço para o lado de um muro que dava para a rua.

De propósito, pisou numas flores do canteiro junto ao muro. Depois, pegou o braço de Alisa e se afastaram.

— Isso foi muito inteligente... de sua parte — disse ela.

— Era a coisa mais sensata a fazer, nas circunstâncias.

— Acho que o duque... devia ser atendido por um médico.

— É melhor você voltar para o salão. Pretendo cuidar disso, agora, e acho que depois você e Penélope vão querer voltar para casa.

— Sim, por favor, o mais depressa possível. Eu não seria capaz de continuar... dançando.

Sentiu uma onda de pânico, ao pensar na possibilidade de dançar de novo com o duque de Exminster.

— Deixe tudo por minha conta — disse o conde.

Quando se dirigiam para o salão de baile, viram Penélope e o major Coombe à porta, do lado de dentro.

A música tinha parado e os pares procuravam de novo o jardim, ou se dirigiam para a sala do bufê.

— Sua irmã está com dor de cabeça — disse o conde a Penélope, em tom suficientemente alto para ser ouvido. — Acho que seria uma boa idéia vocês voltarem para casa.

— Sim, naturalmente. — Virou-se para Alisa e acrescentou: — Sinto muito, querida. Deve ser o calor.

— Sim, é claro. Está muito quente.

— Vou dizer a Sua Majestade que pretendo acompanhá-las até sua casa — falou o conde. Pediu a um lacaios que ia passando: — Quer fazer o favor de procurar o senhor duque? Creio que Sua Majestade deseja partir logo.

— Vou avisar Sua Graça — respondeu o homem. O conde se afastou e o major disse às moças:

— Vamos para o hall. Pediremos a um lacaios para ir buscar os

agasalhos de vocês.

Esperaram alguns minutos no hall e logo o conde apareceu.

— A duquesa está com Sua Majestade. Eu lhe expliquei, Alisa, que você não se sente bem e apresentei desculpas por vocês duas.

Alisa teve um sobressalto, percebendo que tinha se esquecido de que a duquesa estava agindo como anfitriã do filho e que ela e a irmã deviam ir agradecer-lhe.

— Está tudo certo — disse ele, adivinhando o que ela pensava — Fiz com que parecesse que você está pior do que está, porque, do contrário, muita gente acharia estranho vocês quererem sair cedo de uma festa que, obviamente, foi dada em honra de Penélope.

Havia uma nota de sarcasmo nas últimas palavras, mas Alisa notou que a irmã não ouvia, pois olhava para o major com olhos que brilhavam como estrelas.

Quando se dirigiam para casa, na carruagem confortável de Keswick, Alisa achou estranho que ela e o conde estivessem sentados no banco de trás, lado a lado, e Penélope e o major, no banquinho à sua frente.

Sem a menor cerimônia, Coombe pôs o braço em volta de Penélope e ela encostou a cabeça no ombro dele, como se achasse que assim devia ser e que não havia necessidade de fingir diante da irmã e de Keswick.

A carruagem tinha percorrido metade do caminho, quando o major disse:

— Se temos que sair em lua-de-mel antes da Coroação, quando vou estar de serviço, precisamos casar imediatamente!

Alisa ficou sem fôlego, mas Penélope respondeu:

— Posso estar pronta amanhã. Coombe riu.

— Vou precisar de um pouquinho mais de tempo, querida. E acho que seria de boa política você ser apresentada à minha mãe, antes do casamento.

— Sim, é claro. Mas nada tem importância, a não ser o fato de você me amar.

— Eu a convencerei disso, depois de nosso casamento. E será, no máximo, dentro de dois ou três dias.

Penélope suspirou de felicidade e aproximou-se ainda mais dele. Alisa achou que o mundo estava de pernas para o ar. Mal podia acreditar no que acontecia!

Como para ter certeza, olhou para o conde e notou, então, que ele não

olhava para os noivos, e sim, para ela.

Era impossível ver sua expressão, à luz que de vez em quando entrava pela janela da carruagem, mas o simples fato de olhar para ela fez com que ficasse encabulada.

Penélope murmurou qualquer coisa no ouvido do major e ele a puxou para mais perto, com ambos os braços à sua volta.

Tinham se esquecido de tudo, a não ser deles mesmos, e Alisa sentiu-se de repente solitária e um tanto perdida.

Ela e a irmã haviam sido tão unidas que Alisa mal podia acreditar que, embora falasse do major Coombe com desprezo, na realidade Penélope o amava.

Não havia dúvida de que estava apaixonada. Alisa a conhecia muito bem para não notar que agora havia em sua voz um tom que nunca tinha havido antes.

Sentia também vir de Penélope uma vibração nova, que significava felicidade e amor.

“É isso que quero sentir. E jamais, jamais casarei com alguém, a não ser que o ame.”

Resolveu escrever ao duque de Exminster, no dia seguinte, agradecendo-lhe o pedido de casamento e dizendo novamente que se sentia muito honrada por ele querê-la como esposa, mas tornaria bem claro que isso jamais aconteceria.

“Quero amar o homem com quem casar.”

Só quando pudesse correr para um homem, como Penélope correria para James Coombe, sabendo que era tudo o que desejava na vida, ela aceitaria esse homem como marido.

Os cavalos diminuíram a marcha. Estavam entrando em Islington Square.

Foi então que, como se percebesse o que Alisa sentia, o conde colocou a mão sobre a dela.

A força e o calor dos dedos daquele homem eram reconfortantes. Quando ele apertou sua mão, Alisa experimentou de novo a sensação que tivera quando ele a beijara.

Sentiu o mesmo êxtase, que se apossou de todo seu ser. Soube, então, que estava apaixonada, perdidamente apaixonada pelo conde de Keswick.

CAPÍTULO VII

Alisa acordou cedo, depois de passar quase toda a noite acordada, pensando no conde.

Sabia que seu amor não tinha esperança, porque, se ele estava resolvido a permanecer solteiro, nada nem ninguém o faria mudar de idéia.

Compreendia agora por que as mulheres de sua vida eram do tipo de madame Vestris, ou tinham a posição que ele oferecera a ela, Alisa, no dia em que a conhecera.

Em todas as festas onde o havia visto, nunca percebera que estivesse particularmente interessado por uma determinada mulher. Embora as casadas gravitassem à sua volta, o conde continuava com aquele ar entediado e cínico, com o qual Alisa já estava habituada.

“Eu o amo!”

Sabia que, para ela, não haveria felicidade, se continuasse em Londres, indo a festas, quando só o que desejava era ficar a sós com o conde.

A empregada chamou-a. Alisa levantou-se e vestiu-se, antes de ir para o quarto da irmã. Após todos os acontecimentos da noite anterior, será que Penélope tinha dormido bem?

A jovem estava acordada, sentada na cama, muito bonita, com os cabelos caindo-lhe até os ombros e os olhos brilhando de felicidade.

— Recebi uma carta de Jimmy! — exclamou, antes que Alisa dissesse qualquer coisa.

— E o que diz ele?

— Que me ama e que vamos casar assim que tiver providenciado tudo. Oh, Alisa, estou tão feliz!

— Fico contente com isso, querida, mas eu não sabia nem mesmo que você gostava do major Coombe!

— Procurei detestá-lo, porque tinha por ele um sentimento diferente do que por qualquer outro homem. Além do mais, eu estava decidida a ser duquesa! — Penélope riu e continuou: — Como pude ser tão idiota? Como uma coroa de duquesa podia parecer tão emocionante como os beijos de Jimmy?

Alisa entendia isso muito bem. Sentou-se na beirada da cama e disse:

– Estou muito contente por você, querida. Mas, por favor, não podemos comprar muitas coisas caras para seu enxoval, porque eu levaria muito tempo para pagar as contas!

– Que importância tem o que uso ou não? Jimmy me acha bonita de qualquer jeito.

Alisa encarou a irmã, lembrando-se de como Penélope tinha feito questão de possuir vestidos novos. Ao mesmo tempo, estava preocupada com o que deviam à sra. Lulworth.

Ia dizer isso, quando Penélope a avisou:

– Jimmy combinou almoçarmos hoje com o conde. Depois, nós dois vamos, sozinhos, comprar meu anel de noivado.

– Você precisa ter cuidado para não comprar nada muito caro. – Pensei nisso. Jimmy já acha as coisas difíceis, estando num regimento caro. Por esse motivo, assim como o conde, ele estava resolvido a jamais casar. Alisa sorriu.

– Ontem à noite, parecia aflito para casar com você.

– Ele me ama – respondeu Penélope, muito feliz. – Depois, fazendo um esforço para pensar seriamente, acrescentou: – Talvez tenhamos que morar num bangalô, mas sei que você sempre nos ajudará. E, quando casar com o duque, Alisa, pelo menos poderei usar os vestidos que você não quiser mais.

Não pareceu notar como a irmã se contraiu, ao ouvir essas palavras.

– Jimmy diz que Exminster é um dos duques mais ricos da Inglaterra e que gasta milhares de libras por ano com seus cavalos, de modo que não é provável que seja avarento com você.

Alisa não conseguiu responder e a irmã continuou:

– Talvez, se você lhe pedir com muito, muito jeitinho, ele me dê meu vestido de noiva. Eu gostaria de ficar bem bonita, por causa de Jimmy.

Alisa olhou para ela, e disse, com voz trêmula:

– Não tenho... intenção de casar... com o duque. Penélope fitou-a por um momento e depois protestou:

– Está louca? Claro que precisa casar com ele! Não é um bruto nem um bêbado como o duque de Hawkeshead. E, embora seja bem mais velho do que você, todo mundo fala bem dele e comenta que é bom para a família e para os empregados.

Alisa levantou-se e foi até a janela.

Penélope fitou-a, perplexa.

— Por favor, querida, seja sensata. Sei que, até agora, você era muito mais idealista do que eu, a respeito do amor, mas a questão é que não existe outro Jimmy! Não poderia existir! E você daria uma bela duquesa de Exminster.

— Não quero falar nisso — respondeu Alisa, saindo do quarto.

Na confortável carruagem mandada pelo conde, que as levava para almoçar em casa dele, Alisa percebeu que Penélope estava ansiosa para tornar a falar em seu casamento com Exminster.

Conhecia a irmã muito bem para notar que se sentia um pouco constrangida, mas, ao mesmo tempo, decidida a fazer com que o futuro de Alisa logo se resolvesse.

Penélope começou dizendo o quanto Jimmy gostava de equitação e como era duro para ele não ter condições financeiras para possuir seus próprios cavalos.

— O conde é muito amável com Jimmy e lhe empresta seus cavalos de caça e até mesmo seu faetonte. Mas seria mais fácil se lhe fossem emprestados pelo cunhado.

Alisa protestou. A irmã continuou falando das inúmeras vantagens que haveria para ela e para Jimmy, caso a moça casasse com o duque de Exminster.

Alisa sempre deixara que a outra tomasse a iniciativa em tudo o que faziam, de modo que agora achou que sua vontade estava sendo solapada e que não teria coragem de continuar lutando.

Já tinha escrito a carta para o duque e a trazia na bolsa, porque pretendia colocá-la no correio, assim que dissesse claramente a Penélope que não casaria com Exminster.

— Uma coisa que sempre tive vontade de fazer foi usar uma tiara — comentou a irmã. — As jóias da família Exminster são famosas. Estou certa, querida, de que você me emprestará algumas das suas.

Alisa respirou fundo.

— Penélope, não posso... não quero...

Nisso, a carruagem parou diante da casa do conde, em Berkeley Square.

— Chegamos! — exclamou Penélope, toda animada. — Tenho certeza de que Jimmy já chegou.

A porta da carruagem foi aberta e ela saltou antes de Alisa. Subiu correndo os degraus da frente, como se não pudesse ficar mais um minuto separada do homem amado.

James Coombe estava com o conde na biblioteca. Assim que o mordomo abriu a porta e as anunciou, Penélope correu para o noivo.

— Muito obrigada pela linda carta que encontrei, ao acordar, hoje de manhã! — disse ela. — Li-a várias vezes, até decorá-la.

James sorriu e beijou-lhe a mão.

Alisa achou que a irmã estava sendo indelicada por não dar atenção ao dono da casa e, então, fez uma reverência para o conde.

— Bom dia, Alisa! — disse ele. — Espero que tenha dormido bem.

— Sim, obrigada.

Procurou falar com calma, mas tinha a impressão de que o conde podia perceber que seu coração batia acelerado. Não conseguiu olhar para ele.

— Tenho boas notícias para vocês.

— Quais são? — perguntou Alisa.

— Vários amigos meus, que vieram aqui hoje de manhã, disseram que o duque foi atacado por um ladrão. O sujeito entrou na saleta particular do duque e, depois de deixá-lo inconsciente, roubou várias jóias.

Alisa juntou as mãos, quase sem fôlego.

— Há mais ou menos uma hora, mandei um criado pedir notícias de Sua Graça e fiquei sabendo que os médicos estão satisfeitos com seu estado. Não corre perigo, embora esteja muito machucado.

Alisa suspirou de alívio e perguntou, baixinho:

— Acha que ele... vai contar a alguém quem foi que o... atacou?

O conde sorriu.

— Creio que nenhum homem reconheceria que foi derrubado e ficou inconsciente por causa de uma mulher, principalmente uma criatura tão delicada e tão bonita como sua irmã.

— Tem... certeza?

— Absoluta! Não se preocupe!

Era uma ordem. Alisa disse, humildemente:

— Vou... tentar.

Jimmy deu a mesma notícia a Penélope. Quando foram para a mesa, Alisa achou que todo mundo estava de muito bom humor.

Havia champanhe para celebrar o noivado de Penélope e de Jimmy. Terminada a refeição, o conde ergueu a taça, para um brinde.

— À felicidade de ambos! E que seu futuro seja cor-de-rosa como parece ser neste momento!

— É um lindo brinde! — exclamou Penélope. — E tudo isso aconteceu graças ao senhor.

O conde ergueu as sobrancelhas, e ela continuou:

— Contei a Jimmy que foram as suas cinquenta libras que nos permitiram comprar os vestidos bonitos que usamos quando fomos visitar a marquesa de Conyngham.

Constrangida, Alisa soltou uma pequena exclamação. Penélope acrescentou, vivamente:

— Desculpe, querida, eu devia ter perguntado antes se podia contar a Jimmy, mas não posso ter segredos para ele. Você me perdoa?

— Não tem... importância — murmurou Alisa.

Mas não conseguiu olhar para Coombe, pensando que Penélope devia ter-lhe explicado por que motivo o conde lhe dera uma quantia tão grande, fato que ela esperava que ninguém jamais viesse a saber.

Como para salvá-la de seu constrangimento, o conde disse:

— Como sei que Penélope disse também que era uma dádiva dos deuses, devemos lhes agradecer porque, de uma maneira um tanto misteriosa, eles reuniram este casalzinho.

— Sim, é claro, uma dádiva dos deuses! — exclamou Penélope. — E, para mim, essa dádiva é Jimmy.

— Também ficarei eternamente grato a esses deuses, querida — disse o major. — E precisamos fazer-lhes uma oferenda, seja ela qual for.

— Sei de muitas que eu aceitaria — respondeu Penélope. Olhou para o noivo por sob as pálpebras e, por um momento, ambos se esqueceram de que havia mais alguém na sala.

O conde empurrou sua cadeira e disse:

— Se vocês dois pretendem fazer compras, vou mandar chamar minha carruagem. Sugiro que saiam imediatamente, antes que Bond Street fique cheia e seu segredo seja conhecido sem que seus parentes tenham tido tempo de saber da boa nova.

— Sim, é claro — disse Coombe, levantando-se. — Venha, minha querida. Pretendo prendê-la a mim com um anel que vai significar que será

minha por toda a eternidade!

— Não será tempo suficiente para mim — respondeu Penélope. Passou o braço pelo de Alisa e saíram juntas da sala.

— Você teve notícias do duque de Exminster?

— Chegaram umas flores... pouco antes de sairmos — respondeu Alisa, em tom hesitante.

— Ótimo! Isso lhe dará uma desculpa para escrever ao duque, agradecendo as flores e contando meu noivado com Jimmy. Não há nada mais contagioso do que o noivado de duas pessoas conhecidas. Tenho certeza de que ele irá visitá-la hoje, querida, e pedi-la em casamento.

Alisa não respondeu. Se dissesse que o duque já a havia pedido e que respondera com uma carta onde dizia que não o aceitava, a irmã provavelmente faria uma cena.

Foram para a biblioteca, onde Penélope tinha deixado o chapéu. Ela o colocou diante do espelho, e James lhe amarrou as fitas sob o queixo.

A mocinha estava tão bonita que ele não resistiu e beijou-a nos lábios. Depois, disse ao conde:

— Não vamos demorar. Tome conta de Alisa, até voltarmos.

— Sim, isso mesmo — pediu Penélope. — E procure fazer com que ela seja sensata, porque atualmente está sendo muito tola!

— De que maneira? — perguntou o conde. Penélope sorriu.

— Ela tem que compensar meus prejuízos, no que diz respeito ao nosso plano.

Saiu da sala com James.

Vendo-se a sós com o conde. Alisa ficou encabulada. Ao mesmo tempo, devido à proximidade dele, e achando-o muito bonito, sentiu o coração acelerar.

Não podia se esquecer de que tinha sido naquela sala que ele a beijara. Ali, ela compreendera que um beijo podia dar uma felicidade que fazia com que a pessoa se sentisse no paraíso.

Temendo que o conde percebesse sua emoção, Alisa foi examinar os livros nas estantes, como havia feito da primeira vez.

— Suponho que o plano a que sua irmã se referiu era que vocês fossem as irmãs Gunning modernas.

— Era esse o plano de Penélope, mas.... ela se apaixonou. Houve um momento de silêncio, e o conde perguntou:

– Quer dizer que nenhuma de vocês duas sabe que Penélope está seguindo muito de perto os passos de Elizabeth Gunning?

Alisa virou-se para ele.

– Sim, isso teria acontecido, se, como pretendia, ela casasse com o duque. Mas, apaixonando-se por um simples militar, Penélope compreendeu que... ele poderá lhe dar muito mais do que uma coroa: o amor!

O conde sorriu.

– James foi mais astuto do que pensei. Sempre desejou ser amado por ele mesmo, e foi o que aconteceu.

– Claro – concordou Alisa. – E, embora eles tenham que levar uma vida muito pobre, possuem o que realmente importa. – Sua voz tremeu, quando pronunciou as últimas palavras. Depois, parecendo perplexa, continuou: – Não entendi o que quis, dizer, ao comentar que Penélope seguiu os passos de Elizabeth Gunning.

– É isso que sua irmã vai descobrir, quando ficar conhecendo a mãe de James. Vou contar-lhe uma coisa que, obviamente, você desconhece: James é o herdeiro do duque de Roehampton!

Alisa fitou-o como se não achasse isso possível.

– Se é verdade, por que James não contou a Penélope?

– A verdade é que não creio que ele esteja muito interessado por essa perspectiva – declarou o conde. – O duque atual é muito velho e doente. E solteiro. Os irmãos só tiveram filhas. Assim, o pai de James, que era um primo distante, herdaria o título, se fosse vivo. Mas agora o título será de James, num futuro não muito distante.

Alisa juntou as mãos e deu um gritinho de alegria.

– Vai ser ótimo para Penélope, e agora não preciso... Interrompeu-se, compreendendo que o que ia dizer, na excitação do momento, era uma coisa que não devia ser comentada.

– Estou interessado em ouvir o fim da frase.

Alisa virou-se de novo para a estante, dando as costas ao conde.

– Não era... nada importante.

Sacudiu a cabeça e percebeu que o conde se aproximava.

– Vire-se para mim, Alisa! Quero saber o que ia dizer.

– Não tem nada a ver... com o senhor.

Soltou uma exclamação, quando sentiu as mãos do conde em seus ombros, fazendo com que se voltasse para ele.

Fitou-a com aquele jeito penetrante que a deixava constrangida.

Ao mesmo tempo, porque ele a tocava, Alisa sentiu um estremecimento de prazer. Pensou que, se a beijasse de novo, seria a coisa mais maravilhosa do mundo.

— Quero que me diga a verdade: está decidida a aceitar Exminster?

Tinha um ar sombrio e apertava com força os ombros de Alisa.

— Penélope me disse que eu tinha que casar com o duque, para... ajudá-la.

— Então, você disse sim.

— Não... Não! Não posso casar com ele. E escrevi-lhe uma carta dizendo isso.

O conde soltou-a, parecendo relaxar.

— Depois que Penélope casar, o que você pretende fazer?

— Vou voltar para casa... para a companhia de meu pai.

— E isso vai fazê-la feliz, Alisa? Afinal, Exminster não é o único homem do mundo, embora eu duvide de que você encontre um partido melhor.

— Eu nunca poderia casar com um homem sem que o amasse, assim como Penélope ama Jimmy.

— E acha impossível que encontre esse homem? Alisa prendeu a respiração.

Ficou imaginando o que o conde pensaria, se lhe dissesse que tinha encontrado um homem por quem estava perdidamente apaixonada, de corpo e alma, e que seria impossível encontrar outro que significasse o mesmo para ela.

— Eu... estarei bem.

— Não foi isso que perguntei.

Alisa não podia responder. Dali a um minuto, o conde perguntou

— Por que resolveu não casar com Exminster?

— Eu não... o amo!

— Como sabe disso?

Alisa fitou-o, surpresa, porque a pergunta lhe pareceu um tanto tola.

Depois, notando que ele a fitava de um modo estranho, ficou vermelha.

— Quando a beijei, Alisa, na primeira vez que estive aqui, percebi que era muito inexperiente e muito ingênua. Tive certeza de que nada

conhecia dos homens e, muito menos, do amor.

— É... verdade.

— E agora sabe que não ama um dos melhores partidos do *fee monde*. Como pode saber?

Ela fez um gesto de desalento com as mãos. — Responda! — insistiu o conde.

— É difícil explicar. Mas não quero que ele... me toque. E sei que, se me tocasse, eu não sentiria a mesma coisa que senti...

Interrompeu-se, pois quase havia dito algo muito revelador.

— ... que sentiu quando eu a beijei. — O conde completou a frase e colocou os braços à volta dela.

Alisa deu um gemido, mas não se esquivou.

— Vamos ver se o segundo beijo é tão maravilhoso como o primeiro? — sugeriu ele.

Não esperou pela resposta. Seus lábios buscaram os de Alisa e ela compreendeu que era isso que tinha desejado, como nenhuma outra coisa na vida, embora sem grande esperança. A força com que o conde a prendia e a maravilha de seu beijo fizeram com que tivesse de novo uma sensação de êxtase.

Ele a levava para o céu; eles não eram duas pessoas, e sim, uma só.

O conde apertou-a ainda mais e Alisa achou que, se morresse naquele momento, não teria importância, porque alcançara a suprema felicidade.

Depois, ele ergueu a cabeça e disse, com voz rouca e estranha:

— É este o tipo de amor que deseja?

Sentindo-se imensamente feliz, perplexa e radiante, Alisa não conseguia mais pensar.

— Eu amo... você. Não poderia casar com ninguém, a não ser que esse homem me fizesse... sentir assim.

O conde beijou-a novamente e Alisa desejou poder ficar no céu para onde ele a tinha levado, e nunca mais voltar à terra.

Pouco tempo depois, ou muito tempo, pois seria difícil calcular, o conde olhou para os olhos brilhantes da moça em seus braços.

— Você é absurdamente bela — disse, com voz trêmula. — E alguém tem que tomar conta de você.

Pela mente de Alisa passou a idéia de que o conde ia fazer a proposta que tinha feito no dia em que a conhecera. Contraiu-se e ficou calada.

Adivinhando seu pensamento, ele riu.

— Você sabe que Maria Gunning casou com um conde e temos que repetir a história.

— Casou?

Foi difícil dizer essa palavra; Alisa não soube se seus lábios a tinham realmente pronunciado.

— Deseja um pedido formal? — perguntou o conde. — Quer me dar a honra de casar comigo, bela Alisa? É o mínimo que pode fazer, depois de ter me atormentado noite e dia, sem que eu pudesse pensar em outra coisa, a não ser em você. Está sempre presente em minha mente, em meu coração.

— Você procurou... me esquecer?

— Você desapareceu e pensei que nunca mais a encontraria.

— Mas... você tentou?

— Mandeí meia dúzia de mulheres à loja da sra. Lulworth, para comprarem os cremes que você vendeu a madame Vestris.

— A lojista não sabia quem eu era.

— Nem eu.

— E você se importou... realmente?

— Eu a queria e pretendia tê-la, meu bem! E, se acha mesmo que não quer casar com um duque, asseguro-lhe que, desde que nos conhecemos, para mim não existiu outra mulher no mundo. — Seus lábios tiveram o trejeito irônico que Alisa bem conhecia, e ele continuou: — O que fez comigo, minha querida? Eu seria capaz de apostar toda a minha fortuna que nenhuma mulher me faria sentir como me sinto agora.

— Você me ama de verdade?

— Adoro-a! Não posso viver sem você. Era isso que queria ouvir?

— Não posso acreditar! Eu o amei desde o momento em que me beijou, mas nunca pensei que pudesse vir a gostar de mim.

O conde não respondeu. Apenas a beijou novamente.

Quando finalmente a soltou, Alisa estava corada, com a impressão de que só agora começava a viver, que fazia parte dele, que os dois eram uma só pessoa.

— Como é que tudo pode ser tão maravilhoso? Penélope encontrou o verdadeiro amor... e agora você diz que me ama!

— Tenho certeza de que podemos explicar isso como uma dádiva dos deuses. Mas é uma dádiva que procurarei prezar, proteger, amar e da qual

terei muito ciúme durante toda a vida. — Puxou-a de novo contra o peito, quase brutalmente, e continuou: — Como é que ousou pensar em casar com o duque? Você é minha e me foi destinada desde o princípio dos séculos. Se eu tivesse um pouco de bom senso, teria feito de você minha prisioneira no primeiro dia em que veio aqui, jamais permitindo que fugisse!

Seu tom autoritário e o modo como a segurava nos braços fizeram com que Alisa ficasse extasiada.

O conde era exatamente o que sempre tinha sonhado que um homem devia ser: autoritário, determinado e, ao mesmo tempo, bom e compreensivo. E, quando necessário, um porto seguro.

— Você é. . maravilhoso! Como é que tive a sorte de conhecê-lo?

— E num lugar muito pouco próprio — respondeu o conde secamente.

Alisa sabia que se referia ao camarim de madame Vestris. Disse:

— Se não fosse por aqueles três potes de creme, eu nunca teria ido lá nem o conheceria. É extraordinário como coisinhas tão pequenas podem levar a coisas tão maravilhosas.

— Sou muito grato àqueles três potes de creme — observou o conde. -

— Mas vendê-los e visitar atrizes são coisas que você nunca mais fará.

— Parece um conto de fadas.

— Que, um dia, vamos contar para nossos filhos.

O conde notou o rubor das faces de Alisa. Sorriu e disse, com uma nota de triunfo na voz:

— Uma dádiva dos deuses. E isso, minha querida, é o amor que sempre teremos e que é nosso hoje, amanhã e para toda a eternidade.

Beijou-a apaixonadamente, de um modo possessivo, até Alisa pensar que não eram mais seres humanos, e sim, que faziam parte da divindade.



QUEM É BARBARA CARTLAND?

As histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de cem milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia. A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos desta autora, que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora e teatróloga. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isto, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidente da Associação Nacional Britânica para a Saúde.

Não perca a próxima edição!

SEU REINO POR UM AMOR

Zita percebeu, de repente, que não estava sozinha. Ouviu passos e avistou um vulto no meio das árvores. Ficou aborrecida com aquela intromissão. Será que não tinha sequer o direito de sofrer em paz? Por que um estranho vinha perturbar a beleza daquele lugar que ela só gostaria de compartilhar com uma única pessoa no mundo? Enquanto hesitava entre ir embora ou fingir que não o via, o homem se aproximou. E Zita pensou que estava sonhando. Mas... era o rei! Impulsivamente, sem pensar no que fazia, obedeceu ao coração. Correu para ele, esquecida de que Maximiliano só a desejava como amante. Esquecida de que ele era o homem destinado à sua irmã!